



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF-FILO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

JEFFERSON OLIVEIRA RODRIGUES

**O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE
À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**

RECIFE-PE

2025

JEFFERSON OLIVEIRA RODRIGUES

**O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE
À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**

Dissertação apresentada para a defesa no PROF-FILO, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Filosofia e Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Lira Ferreira

RECIFE-PE

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Rodrigues, Jefferson Oliveira.

O conceito de banalidade do mal na conscientização e combate à violência neonazista nas escolas: uma proposta de intervenção na Escola Estadual Aníbal Cardoso em Ipojuca-PE / Jefferson Oliveira Rodrigues. - Recife, 2025.

129f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia, 2025.

Orientação: Sônia Maria Lira Ferreira.

Inclui referências e apêndices.

1. Banalidade do mal; 2. Educação; 3. Neonazismo; 4. Ensino de Filosofia. I. Ferreira, Sônia Maria Lira. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JEFFERSON OLIVEIRA RODRIGUES

**O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE
À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**

Dissertação apresentada para a defesa no PROF-FILO, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Filosofia e Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Lira Ferreira

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Lira Ferreira (Orientador) (UFCG)

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Turquino Turatto (UEL)

Prof. Dr. Fernando José do Nascimento (UFPE)

Ao meu Grande Amigo, Espírito Santo,
Grande Arquiteto de Todo Universo que
é a base de tudo em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus sobre todas as coisas.

A minha família, com especial atenção a minha amada esposa e amiga Eulalia que está comigo em todos os momentos e a meus filhos Jefferson Júnior e Elisa Giovana.

A grande Professora que sei que ainda fará muito por este planeta Dr^a Sônia Maria Lira Ferreira.

A Universidade Federal de Pernambuco, todos os colegas de turma do Prof-Filo e os queridos professores que nos acompanharam com muita dedicação e esmero. Obrigado a todos!

RESUMO

Propomos nesta dissertação, Refletir em torno do conceito de Banalidade do Mal, a partir do pensamento de Hannah Arendt (1906-1975), identificando aspectos da ideologia neonazista na atualidade e intervindo com base em uma construção educacional e filosófica com vistas à conscientização dos estudantes com fundamento em sua obra “Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo e totalitarismo” (ARENDT, 2012) focando no conceito de Banalidade do Mal concepção apresentada pela primeira vez em sua obra “Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal” (ARENDT, 1999). Propomos como campo de estudo a turma do 1º Ano C 2025.1 e 2025.2 na Escola Estadual Aníbal Cardoso, situada em Nossa Senhora do Ó, Ipojuca, Pernambuco. Para esta reflexão, lançamos mão da seguinte questão: Como a reflexão filosófica em sala de aula pode contribuir para a conscientização dos estudantes acerca do neonazismo? Nosso trabalho, sugere que o ensino de Filosofia no Ensino Médio pode colaborar para a tomada de consciência acerca das ideias disseminadas pelo neonazismo nas escolas, por meio do pensamento filosófico de Hannah Arendt (1906-1975), portanto, evidenciamos constatar que é possível trabalhar a reflexão filosófica com base no pensamento de Hannah Arendt (1906-1975) a partir de uma metodologia didático-pedagógica. Nossa pesquisa divide-se em quatro seções, onde em uma primeira seção discutimos o conceito de Banalidade do Mal, em uma segunda seção discutimos o conceito de neonazismo a partir do pensamento arendtiano, identificando as principais manifestações desse movimento na atualidade; na terceira seção abordamos a questão dos ataques entre os anos de 2022 e 2023 e na quarta seção apresentamos a análise dos dados, a prática interventiva na escola e apresentamos uma proposta de ferramenta didático-pedagógica desenvolvida a partir deste trabalho com base no pensamento arendtiano. Tomamos como abordagem a pesquisa-ação de método qualitativo de natureza aplicada e objetivo exploratório, como ferramenta de coleta de dados o questionário e para análise dos dados a Análise Textual Discursiva. Nossa perspectiva é que este trabalho possa dar subsídios práticos para contribuir no combate a essas ideologias nas escolas, fomentando o respeito e ajudando na redução da violência concernente a ataques nas escolas do Brasil.

Palavras-chave: Banalidade do Mal; Educação; Neonazismo; Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

In this dissertation, we propose to reflect on the concept of the Banality of Evil, based on the thinking of Hannah Arendt (1906-1975), identifying aspects of the neo-Nazi ideology in the present day and intervening based on an educational and philosophical construction with a view to raising awareness among students based on her work “Origins of Totalitarianism: Anti-Semitism, Imperialism and Totalitarianism” (ARENDT, 2012), focusing on the concept of the Banality of Evil, a conception first presented in her work “Eichmann in Jerusalem: An Account of the Banality of Evil” (ARENDT, 1999). We propose as a field of study the 1st Year C 2024.1 and 2024.2 class at the Aníbal Cardoso State School, located in Nossa Senhora do Ó, Ipojuca, Pernambuco. For this reflection, we used the following question: How can philosophical reflection in the classroom contribute to raising students' awareness about neo-Nazism? Our work suggests that teaching Philosophy in high school can contribute to raising awareness about the ideas disseminated by neo-Nazism in schools, through the philosophical thought of Hannah Arendt (1906-1975). Therefore, we show that it is possible to work on philosophical reflection based on the thought of Hannah Arendt (1906-1975) from a didactic-pedagogical methodology. Our research is divided into four parts, where in a first section we discuss the concept of the Banality of Evil, in a second section we discuss the concept of neo-Nazism based on Arendtian thought, identifying the main manifestations of this movement today; In the third section, we address the issue of attacks between 2022 and 2023, and in the fourth section, we present the data analysis, the intervention practice in the school, and present a proposal for a didactic-pedagogical tool developed from this work based on Arendtian thought. We took the approach of applied qualitative research with an exploratory objective, using a questionnaire and interviews as data collection tools, and Discursive Textual Analysis for data analysis. Our perspective is that this work can provide practical support to contribute to the fight against these ideologies in schools, fostering a culture of peace and helping to reduce violence related to attacks in schools in Brazil.

Keywords: Banality of Evil; Education; Neo-Nazism; Teaching of Philosophy.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	11
2- SEÇÃO I - HANNAH ARENDT E A BANALIDADE DO MAL.....	16
2.1 Considerações sobre a Banalidade do Mal em Hannah Arendt.....	16
2.2 A questão da violência em relação a Banalidade do Mal.....	21
2.3 Quando o mal em forma de violência deixa de ser uma tentação.....	23
2.4 A atividade de Eichmann no Estado Nazista.....	25
2.5 A falta de reflexão no comportamento e ação do sujeito.....	27
2.6 A Banalidade do Mal e o Século XXI.....	28
3- SEÇÃO II –PENSAR O NEONAZISMO A PARTIR DO PENSAMENTO ARENDTIANO: MANIFESTAÇÕES DO NEONAZISMO NA ATUALIDADE.....	34
3.1 Características e manifestações contemporâneas do neonazismo.....	34
3.2 Imperialismo e Estado Nazista: a expansão como parte fundamental	39
3.3 Respostas filosóficas, educacionais e éticas ao neonazismo.....	44
4- SEÇÃO III- CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT PARA O COMBATE ÀS IDEOLOGIAS NEONAZISTAS NA ESCOLA.....	47
4.1 Panorama da violência nas escolas brasileiras: uma análise entre os anos de 2022 e 2023.....	47
4.2 O Histórico da Violência no Brasil.....	56
4.3- O extremismo como fundamento dos ataques.....	60
4.4- O relatório do MEC: interpretação do governo e possibilidades.....	62
5- SEÇÃO IV – CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO PENSAMENTO ARENDTIANO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA ANÍBAL CARDOSO.....	71
5.1-Metodologia Aplicada.....	71

5.2- Cartilha de enfrentamento e combate ao neonazismo: a cartilha como possibilidade do fazer filosófico.....	74
5.3- Uma análise a partir do olhar do estudante.....	82
5.4- Um olhar com base na Análise Textual Discursiva.....	89
5.4.1- Unitarização e Desmontagem.....	89
5.4.2- Unidades de Significado.....	90
5.4.3- Categorização e Descrição.....	94
5.4.4- Interpretação.....	95
5.4.5- Argumentação.....	97
5.5- Banalidade do Mal e Neonazismo: Uma reflexão prática.....	103
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
7- REFERÊNCIAS.....	114
8- APÊNDICE.....	118

1- INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa parte de uma problemática recente no país e que, entre os anos de 2022 e 2023, ganhou amplitude devido aos impactos que foram gerados por todo o território nacional. Nos referimos aos ataques que ganharam repercussão e tiveram ligação com tendências ideológicas nazistas. Diante desse contexto, propomos discutir essa questão a partir de três eixos conceituais, sendo elas, a Banalidade do Mal, Neonazismo, Educação e Ensino de Filosofia, tendo como base o pensamento de Hannah Arendt (1906-1975) a partir da sua obra *As Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo* (ARENKT, 2012) e com fundamento no Conceito de Banalidade do Mal por ela cunhado na obra *O Julgamento de Eichmann: um relato sobre a banalidade do mal* (ARENKT, 1999).

Ainda que o conceito de Banalidade do Mal tenha surgido com Arendt na sua obra “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” (ARENKT, 1999), essa ideia já era discutida em seus ensaios e, principalmente, em sua obra *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo* (ARENKT, 2012), quando observamos que os Regimes Totalitários impetravam cadeias de ações maléficas e que estas eram corroboradas por pessoas comuns, mas que posteriormente acabavam, elas mesmas, sofrendo as consequências do mesmo agente que antes buscou estabelecer no poder.

O totalitarismo surge como uma forma notadamente diferente de governo, quando o relacionamos a governos tirânicos do passado que excluía o sujeito das ações e participações na vida pública. Tornando-se exemplos de tamanha tirania, observamos que o totalitarismo foi além, pois destruía mais que as pessoas, acabava com o ser, com o próprio eu, transformava inclusive as relações privadas, adentrando o tecido social e moldando a própria personalidade de maneira que o sujeito ficava anestesiado frente a práticas desumanas.

O totalitarismo, portanto, se estabelece mediante a ausência de pensamento e reflexão, pelo que quanto mais insensata e não criativa for a sociedade, melhor o cenário para o estabelecimento desses regimes. Logo, é inteligente pensar que a educação é uma ferramenta imprescindível quando esta é libertadora e “sem corrimão” (ARENKT. 2021), para poder galgar seu sucesso em relação ao pensamento e conhecimento humanos, haja vista que o meio educacional é capaz de direcionar rumo à uma perspectiva de mudança em meio ao conhecimento gerado pela crítica racional.

Para Hannah Arendt (1906-1975) o totalitarismo está assentado basicamente em dois pilares que o sustentam, que é a “ideologia e o terror” (ARENKT, 2012). Segundo Souki (1998, p.58), “enquanto a ideologia é a essência do governo tirânico, o terror é a própria essência do

domínio totalitário". Ideologia e terror andam, portanto, lado a lado nesse cenário, enquanto um constrói uma identidade própria do sistema totalitário proposto, o outro mantém refém toda uma sociedade que passa a viver pelo medo. Sobre os regimes totalitários, Souki (1998, p. 59) afirma:

Tal regime não abole somente a liberdade pública, mas visa à eliminação total da espontaneidade nela mesma e, contrariamente à tirania que autoriza ainda a ação motivada pela crença, o totalitarismo consegue suprimir toda ação. O isolamento tirânico que não atinge a esfera da vida privada se opõe a desolação totalitária, definida como “a experiência absoluta de não pertinência ao mundo”. Esta desolação é o efeito de uma violência que se difunde do próprio interior do corpo social, lugar onde se pode analisar o mecanismo de sua difusão.

A Banalidade do mal emerge, portanto, como um anestésico social, em que a prática da maldade não se porta à consciência do sujeito, pelo contrário, passa a fazer parte da vida deste como algo natural, isto é, uma coisa que é parte normal do seu cotidiano, não delimitando a este nada na vida, pois segue normalmente seu percurso, como observamos em Eichmann que convivia normalmente entre seus pares após um dia todo de prática de maldades contra o povo judeu.

A Banalidade do Mal que aparece enquanto conceito no final da obra “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” (ARENDT, 1999), a partir do conceito de Mal Radical, Hannah Arendt (1906-1975) traz a luz um novo conceito, a Banalidade do Mal, tendo como “pano de fundo os Regimes Totalitários” (SOUKI. 1995, p.09) e em meio a esses sistemas, diz Arendt “os homens tornam-se supérfluos” (Apud, SOUKI 1995, p.09), dessa forma o sistema anula a pessoa, transformando-as em objeto.

Isso não nos dá, porém, o direito de eximirnos da culpa enquanto sujeitos que estão imersos a um regime como tal. Como pontua Adriano Correia “Dizer “quem sou eu para julgar?”, “como talvez diria um verdadeiro cristão” é uma falsa modéstia que significava realmente, para Arendt, afirmar que somos todos igualmente ruins “e que aqueles que tentam (ou fingem) permanecer parcialmente decentes são santos ou hipócritas”. (CORREIA, 2025. P.32). Ao analisar Kant, Arendt vai mostrar que o mal é interessante para aqueles que a utilizam, pois sedem a tentação fugindo dos padrões morais em circunstância de ter alguma benesse, algo que possa atender seus anseios de alguma maneira, portanto, a banalidade do mal não é algo que se pratica de forma inconsciente, os Regimes totalitários não podem ser justificativa de tais práticas,

Podemos dizer que como uma das consequências do Regime Totalitário Nazista, o neonazismo aflora no pós guerra com aspectos próprios, mas partindo de ideais utilizados nesse regime. acerca do Neonazismo é difícil de alocar seu real início, mas suas origens apontam para

uma pós-Alemanha nazista para além dos muros da própria Alemanha, o que nos faz entender que a ideologia neonazista não se abriga em um único país, mas em tendências, discursos, movimentos, causas e governos que fomentam suas práticas e crenças, impulsionando-o ao poder, sendo este um dos objetivos desta ideologia. O neonazismo, portanto, pode ser compreendido como uma nova roupagem do nazismo, adaptado às novas realidades e que se utiliza de meios contemporâneos para disseminar suas ideias. Não é simples a conceituação do neonazismo, uma vez que suas ideias perpassam diferentes grupos em diversos lugares, se adaptando a realidades singulares e apresentando-se dependendo de onde esteja, de maneira muito própria, necessitando, portanto, de abordagem específica.

As narrativas e bandeiras levantadas pelos movimentos neonazistas podem facilmente ser confundidos com aspectos isolados de práticas racistas. Sua fomentação, porém, cria campo fértil para disseminação de tais ideias, deixando preparado o ambiente. Identificar e buscar conscientizar no ambiente escolar é uma possibilidade de enfrentamento eficaz.

Nesse ambiente, surgem diversos anseios e questionamentos: o que fazer? Por onde começar? Quais ferramentas utilizar? Onde? Como? Enfim, as indagações são comuns e corriqueiras, pois a maioria dos educadores e todo o bojo dos profissionais da educação não têm experiência para lhe dar com esses fatos ainda tão recentes e apavorantes. Portanto, entendemos que a filosofia é canal proeminente para essa causa, pois nela e com ela podemos articular meios metodológicos e didáticos capazes de minimizar os efeitos coléricos do neonazismo na sociedade.

Por esse motivo, Hannah Arendt (1906-1975) vai considerar a educação como elemento importante no pensar e no construir, sendo esta uma ferramenta frente à manipulação e domínio das pessoas por meio da reflexão advinda a partir do pensar. Assim sendo, quando se entende a maldade como uma prática também decorrente da falta de reflexão, ela nos leva a considerar que a educação é ferramenta primordial para essa transformação, tendo em seu ambiente o palco necessário para fazer gerar cidadãos próprios e propícios a pensar.

Durante os ataques às escolas no Brasil, toda sociedade foi impactada, ou seja, escolas fechadas, rotinas modificadas e o governo teve que dar respostas rápidas a essas investidas que ameaçavam a liberdade no país e, de maneira mais específica, dentro de nossas escolas. Em 2023 o governo lançou uma cartilha de apoio e orientação denominada “Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar”, desenvolvida por um grupo de trabalho do Ministério da Educação para prevenção e segurança no ambiente escolar e universitário. Em um dos primeiros pontos a cartilha traz como orientação (Brasil, 2024. p.2):

Possibilitar formação continuada de profissionais da educação para combater múltiplas violências e identificar sinais de aproximação de estudantes a grupos extremistas que promovem essas práticas e disseminam o ódio;

Uma das principais preocupações deste documento, portanto, é a identificação de sinais que identifiquem uma relação entre a prática na escola e ideais de grupos extremistas ou que, de fato, no início ou em meio a variadas questões que são típicas do ambiente escolar, não são fáceis de serem observadas pelos profissionais. Portanto, o documento orienta que haja essas formações.

Preocupado com as ações de ódio nas escolas, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação e Cultura, lançou uma cartilha de apoio às escolas no combate a esses movimentos (*Ataque às Escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*). O material discute variadas expressões de ódio que são manifestadas na escola e, dentre elas, destaca o neonazismo a partir de discussões de pesquisadores e da própria Organização das Nações Unidas, orientando que as escolas devem buscar meios para observar e combater esses crimes.

Sendo assim, tomamos como questão de partida para o desenvolvimento do nosso trabalho: Como a reflexão filosófica em sala de aula pode contribuir para a conscientização dos estudantes acerca do neonazismo? Para tratar desse questionamento elegemos as categorias de Banalidade do Mal, Neonazismo, Educação e Ensino de Filosofia, tendo como pilar central a pensadora Hannah Arendt (1906-1975) a partir da suas obra *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo* (ARENDT, 2012), focando no conceito de Banalidade do Mal.

Propomos, portanto, auxiliar o ambiente escolar a partir de uma metodologia didático-pedagógica com base na filosofia a partir do pensamento arendtiano, com uma cartilha de ações práticas que leve os sujeitos no “chão da escola” a refletirem sobre essa questão e intervir de maneira fundamentada e segura, pois entendemos que a reflexão é o caminho para superar essa ideologia supremacista, visando a aplicabilidade do trabalho de pesquisa em sala de aula como contribuição para a conscientização em relação aos problemas causados pelo neonazismo no ambiente escolar.

Nossa pesquisa é dividida em quatro partes: Hannah Arendt e a Banalidade do Mal, capítulo que busca analisar a ideia da filósofa sobre a maldade, destacando o conceito de “Banalidade do mal”, desenvolvido pela autora; Em uma segunda seção buscamos analisar o conceito de neonazismo e suas manifestações na atualidade a partir do pensamento arendtiano, na terceira seção analisamos os ataques às escolas entre os anos de 2022 e 2023 a partir do

conceito de banalidade do mal; E por último apresentamos a análise dos dados e uma metodologia de intervenção e produção de uma ferramenta didático pedagógica em formato de cartilha para contribuir neste trabalho de combate a essas ideologias na escola.

Quanto à nossa metodologia de pesquisa, tomaremos como abordagem a pesquisação de método qualitativo de natureza aplicada e objetivo exploratório. A respeito da coleta de dados, a pesquisa se utiliza de fontes bibliográficas e documentais, explorando livros e artigos sobre o tema e também periódicos relacionados. Utilizamos ainda questionários com questões abertas e fechadas, pois servem como meio para observar uma escolha da sociedade e, por esse ângulo, é bom salientar que esse instrumento, não necessariamente, deve ser aplicado em toda a população, porém, uma amostragem significativa pode nos dar resultados bastante sólidos, no caso tivemos como amostra uma turma da supracitada escola com cinquenta e dois alunos de um universo de setecentos e cinquenta e seis na escola e que será apresentado com mais detalhes no decorrer da pesquisa. Para análise dos dados utilizamos o método de Análise Textual Discursiva.

Dado o momento e a necessidade de uma ampliação na compreensão desses movimentos, entendemos que o estudo da filosofia pode ser um canal de construção e reflexão sobre o tema, gerando oportunidades de superação e embasamento para os que ainda serão atingidos por tais ideias e mesmo os que estão imersos nela, mas carecem de uma reflexão que sirva como possibilidade para atingir a liberdade de pensamento. Nossa trabalho, portanto, é de grande valia para superação dessas expressões na escola e contribui diretamente como ferramenta de apoio para os profissionais da educação e toda comunidade no ambiente escolar.

SEÇÃO I

2-HANNAH ARENDT E A BANALIDADE DO MAL

2.1 Considerações sobre a Banalidade do Mal em Hannah Arendt

A questão da Banalidade do Mal, conceito que foi proposto por Hannah Arendt (1906-1975) e consolidou-se como uma das vertentes do seu pensamento, aparece pela primeira vez em “Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal” já no final da obra (ARENDT, 1999). O livro traz um texto que mescla uma leitura de cunho jornalístico com uma reflexão filosófica arendtiana, e no cerne dessa discussão nos chama atenção exatamente o conceito aqui proposto.

Observaremos a questão da banalidade do mal a partir da análise feita pela filósofa na obra Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal (ARENDT, 1999) a partir de três aspectos. Primeiro a atividade de Eichmann no Estado Nazista e sua atividade dentro da Gestapo; segundo quando o mal deixa de ser uma tentação, tornando-se parte integrante do próprio ser do sujeito; e terceiro a falta de reflexão no comportamento e ação do sujeito.

Nos cabe aqui, em meio a essa proposição, discutir dois conceitos importantes trazidos pela pensadora que é o mal radical e a Banalidade do Mal. Em sua obra, Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo (ARENDT, 2012), Hannah Arendt (1906-1975) mantém o conceito kantiano de “mal radical” (SCHIO, 2012). Arendt, ao tomar por referência o pensamento de Kant na sua discussão sobre a maldade, não o abarcou em sua totalidade. Em Kant o mal é compreendido como aversão à lei moral, assim sendo:

Ou seja, os seres humanos, racionais, podem utilizar bem ou mal seu livre arbítrio, seu poder de escolha, sendo que ambos, o arbítrio e a possibilidade de escolha, não são nem bons nem maus. Nesse sentido, o sujeito é responsável, por ser bom ou mal, tendo em vista que ele pode escolher o que deseja ser e fazer mediante a vontade livre por ele possuída (Schio, 2012, p. 65)

Nesse sentido, para Kant o bem e a geração do livre-arbítrio com a lei moral e a maldade surge exatamente na quebra da harmonia: quando o livre-arbítrio rompe com a lei moral, dando lugar ao surgimento da maldade. Existe no ser humano uma propensão à maldade, mas a liberdade de escolha humana faz, do sujeito, voluntário, dado o seu poder de escolha. Arendt, por sua vez, concebe o mal como “algo político” (Schio, 2012, p. 66), explicando-o a partir do

totalitarismo, pois, em sua visão, tem a possibilidade de destruição completa do ser humano, uma vez que o ser humano deixa de existir para dar vida ao sistema e, a partir de então, existe o sistema e não o ser humano. Sendo assim, ele perde seu significado e não há necessidade de motivação para destruir e ser destruído. Segundo Schio (2012, p. 67): “Em consequência os seres humanos tornam-se supérfluos, e sua aniquilação física, como pessoas, grupos sociais ou raças, pode tornar-se real e banal”.

Hannah Arendt (1906-1975) vai denominar o Mal Radical trazido por Kant também como Mal Absoluto, e nesse sentido ela coloca que para Kant esse mal não assume o papel de extremo, mas de arraigado. Segundo Adriano Correia (2005, p.91) “O primeiro grau ou estágio do mal radical seria a fragilidade da natureza humana, implicada no fato de que mesmo acolhido o bem na máxima do arbítrio, como motivo incontornável, subjetivamente, na ação a máxima se mostra mais fraca que a inclinação”. Ao citar o Apóstolo Paulo em Romanos 7.15 “não pratico o que quero, mas faço o que detesto”, fica clara a relação feita no pensamento kantiano.

O mal advindo do Totalitarismo e que sim é o foco de análise de Arendt e não o Mal Radical proposto por Kant é chocante e perturbador, algo novo, mas que difere do que entendemos por Mal Radical, neste novo conceito ele aparece como algo diferente, uma forma nova de criminalidade, sem precedente algum, ao qual Arendt vai denominar de Banalidade do Mal.

O conceito de Banalidade do Mal em Arendt, o entendemos como algo raso, sem necessidade de causa ou efeito, sem amparos ou fundamentos que precisem respaldar uma ação, visto que na prática a banalidade carece de pensamento, de ação reflexiva, de capacidade do pensar é uma manifestação nova que requer um novo olhar, pois foi trazido a partir de uma nova perspectiva que de maneira macro e estrutural é impulsionada pelo próprio Estado. Segundo Schio, em sua obra “Hannah Arendt História e Liberdade: da ação à reflexão” (2012, p.69):

Por banal, Arendt entende a superficialidade no agir causada pela ausência de pensamento, pela incapacidade de reflexão, ou seja, ela caracteriza a banalidade, nesse momento, como sendo a des-presença da consciência. O “banal” ocupa o espaço do que é comum, do que é tido como usual e normal pelo grupo de convívio. Ele é a forma adotada pelo mal, tornando-o um fenômeno trivial e fazendo-o costumeiro e habitual. O “banal” dissocia o agente das ações, do ato praticado.

Ao lermos essa citação, podemos nos questionar: por que a banalidade do mal acontece? Este questionamento desperta a discussão da natureza do mal, da violência e como se porta a nossa responsabilidade diante desse cenário enquanto agentes individuais, responsáveis também pela construção social. Uma pessoa é pouco para fazer algo na sociedade? A resposta é não, pois dado o impacto que um só ser humano pode causar no mundo, percebemos o quanto

seria destrutivo se tivéssemos vários “Eichmanns” em nossa sociedade e pensar que enquanto pessoa “comum” ele foi capaz de fazer tamanhas atrocidades. Portanto, é importante enfatizar isso, uma “pessoa comum”, Eichmann não era uma pessoa de grande destaque, de mente super brilhante ou algo do tipo, o que chama a atenção nesse caso é que pessoas comuns podem chegar a desenvolver tamanhos horrores na sociedade. De acordo com Arendt, pela não reflexão, tememos que isso possa ser repetido em nosso seio social. Acerca de Eichmann Roviello (1997, p. 155), coloca que “Arendt vê-se face a um dos representantes dum dos males mais radicais introduzidos no mundo, e fica desde logo admirada pelo facto de esse indivíduo não ter nada de um fanático convicto ou de um cínico mentiroso”.

O conceito de Banalidade do Mal assenta-se sobretudo, na prática da maldade que foi dirigida as minorias perseguidas no Estado Nazista, principalmente os judeus, povo do qual Arendt fazia parte tendo sido também subjugada e perseguida. Essa maldade banalizada tem suas raízes no antisemitismo que nasceu no Século XIX quando o Estado resolve trazer o direito de igualdade ao povo judeu, que “por um lado decorria da estrutura política e jurídica de um sistema renovado e por outro lado, a emancipação resultava claramente da gradual extensão de privilégios” (ARENDT, 2012. p.37), afinal de contas o Estado teve que “recorrer aos judeus para tomar dinheiro emprestado” (ARENT, 2012. p.36), estabelecendo assim uma relação clara de interesses mútuos.

Mas o que começou para atender uma pequena elite do povo judeu, dado ao primeiro fator dessa mudança, teve que se expandir para toda população judaica, esse modo de organização, gerou por si só uma outra “sociedade de classes” (ARENDT, 2012. p.36) separando a partir de então os cidadãos não pela sua nacionalidade, mas por questões sociais e econômicas, uma vez que o povo judeu, diz Arendt “constituíam a única exceção a essa regra geral. Não formavam uma classe nem pertenciam a qualquer das classes nos países em que viviam” (ARENDT, 2012. P,38).

Essa característica dava certa liberdade ao povo judeu, com destaque aqui a nata econômica desta nação, pois os banqueiros judeus não adotavam definitivamente nenhum governo, sua fidelidade a eles dependia do quanto importante era o governo naquele momento. Arendt (2012.p, 51) destaca que os “Rothschild franceses não levaram mais que 24 horas para transferir, em 1848, seus serviços de Luís Filipe à nova e passageira República Francesa e, depois, para Napoleão III”. Esse mesmo fato repetiu-se por diversas vezes, demonstrando que apesar da riqueza, não interessava aos judeus o poder, mas o controle financeiro de investimentos nesses poderes estabelecidos por meio dos governos.

Em meio a toda essa empreitada Arendt vai dizer que os judeus não perceberam a constante crescente do antisemitismo que engolia toda Europa. Não bastava o poder aquisitivo econômico para garantir a segurança do povo judeu, que em meio a crescente econômica da nata judaica eles ‘ignoravam completamente a tensão crescente entre o Estado e a sociedade’ (ARENDT, 2012.p.53). O antisemitismo se disseminava e ganhava corpo e robustez, infiltrando-se em todas as esferas da sociedade, até que em dado momento ganhou tamanha força que pode ser utilizada para ser ferramenta de perseguição em meio a população.

Somando-se a esse fator a questão familiar e de laços consanguíneos era uma narrativa forte e bem assimilada entre o povo judeu, a noção de família, segundo Arendt, era tão mais forte que qualquer outro lugar e entre os judeus se tornava com maior expressividade. Esses laços “constituíram o elemento mais forte e persistente na resistência do judeu à assimilação e à dissolução” (2012, p.57). Segundo (GOLDHAGEN, 1997, p.83) “Durante o período nazista, o ódio aos judeus fazia parte da mentalidade coletiva social” e isso foi sendo construído mais de um século antes da instauração do Nazismo na Alemanha, tendo este, utilizado o que já estava posto na sociedade da época.

Hannah Arendt (1906-1965) foi mal compreendida por setores da comunidade judaica, pois não conseguiram identificar no momento a neutralidade do seu pensamento, tanto pela visão que tinha na formação do povo judeu em relação aos fundamentos do antisemitismo quanto que não via Eichmann como praticante de uma Banalidade do Mal, pelo que alguns quiseram ver nesse conceito a ideia de uma banalização dos crimes nazistas, o que de fato não corresponde nem de longe ao que Arendt quis passar. Esse conceito, porém, ainda não estava claro naquele momento e a enxurrada de críticas que a pensadora recebeu, principalmente por setores judaicos, também serviu motivação para refletir em torno desse aspecto tão importante do seu pensamento.

O que dizer acerca de pessoas comuns que praticam determinados atos desumanos? A irreflexão vai ser seu principal ponto de apoio como justificativa para essas atitudes e nisto mora a Banalidade do Mal. Eichmann era um funcionário do Estado alemão que convivia com diversas pessoas, inclusive judias. Sua frieza demonstrava mais do que uma pessoa má, seu discurso evocava a ideia de alguém que estava ali simplesmente para servir ao Estado sem o mínimo teor de responsabilidade com as consequências de seus atos. Cumprir uma ordem era mais importante que pensar sobre ela, pois agir sem pensar o teria levado a tais atitudes.

Mas, afinal, o que Arendt comprehende por Banalidade do Mal? Esse conceito carrega consigo duas palavras, uma que diz respeito a algo banal, sem importância e a outra uma palavra que demonstra algo terrível e temível que é a maldade. Para Arendt, porém, a maldade em si não é profunda, não provém de algo diabólico ou desumano no sentido para além dele, porquanto a maldade é algo que ocorre quando o ser humano deixa de lado seus princípios morais e envereda pelo caminho contrário. Em *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo* (ARENDT, 2012. p. 510) a pensadora pontua que estava diante de uma “novíssima espécie de criminosos”, situados “além dos limites da própria solidariedade do pecado humano”.

Em meio a esse contexto, a maldade se estabelece e pode ganhar rumos de banalidade quando o sujeito irreflexivo não atenta para suas ações, tornando seus atos tão normais e comuns que passa a fazer parte de um cenário normal do cotidiano, ou seja, banalizado. Daí o conceito de Banalidade do Mal, cunhado a partir da análise do Julgamento de Eichmann. É exatamente nessa perspectiva que buscamos perceber a reflexão em torno desse conceito, dialogando com a autora e pensando sobre as diversas possibilidades dessa prática em nossos dias, como ela mesma coloca e mostra importante não esquecermos dessa realidade, mas “suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência”. (ARENDT, 2012, p. 12).

O conceito de Banalidade do Mal interliga-se intimamente ao conceito de Barbárie, tendo o pensamento de Hannah Arendt como eixo central dessa discussão a partir do Nazismo alemão para compreensão de práticas grotescas que se manifestam na sociedade atual, por meio das novas ideias nazistas. Compreendendo esse conceito que Arendt utilizou e expressa na obra na qual descreve o julgamento de Eichmann, observamos que ela não percebe um ódio ao povo judeu, pois o autor afirmava que estava cumprindo seu trabalho, isto é, “Com o assassinato dos judeus não tive nada haver. Nunca matei um judeu, nem um não-judeu, nunca matei nenhum ser humano (ARENDT, 1999, p.33)”. Theodor Adorno (1903-1969) pontua acerca da Barbárie, que é primordial para a humanidade superar esse fenômeno, pois como ele entendia que “mesmo no mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas podem se encontrar atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização” (ADORNO, 2016 p.154).

Sabemos que os caminhos que ambos os autores trilharam em relação ao conceito de barbárie são diferentes, todavia, eles reconhecem a barbárie como fator externo e também interno, sendo que em comum eles a concebem como uma ameaça à civilização, além de terem

sido contemporâneos ao Regime Nazista e estabelecerem uma clara relação entre os seus pensamentos e esse regime.

Essa barbárie, porém, repercute em relação à Banalidade do Mal de maneira diferente do que se pensa sobre a barbárie primitiva em si. Ainda que os atos assemelhem-se a uma sociedade sem princípios morais, uma coisa é estabelecer uma relação com grupos primitivos que lutavam pela sua sobrevivência e apenas percebiam na destruição do outro a melhor maneira de manter-se vivo, com relação à sociedade atual, que é cercada de informações e tem bases morais bem estabelecidas. Na verdade, estamos falando de uma irreflexão, de uma falta do pensar, de uma ausência de olhar e analisar, uma anestesia que na época do nazismo afetou o coletivo e acerca desse aspecto temos a relação direta com a Banalidade do Mal.

Estamos a caminho de um século da ocorrência dos campos de concentração e de toda barbárie que tomou conta da Europa a partir das ideologias supremacistas raciais. As sementes que outrora foram lançadas parecem estar vivas na atualidade, fazendo discípulos e arregimentando novas práticas terríveis que tem ascendido debates e colocado o poder público diante de situações que requerem Políticas Públicas específicas para tais situações.

O fenômeno da banalidade do mal promovido no contexto nazista e discutido por Hannah Arendt (1906-1975), traz em seu bojo um sentimento que na verdade se traduz como uma “realidade terrível” (ARENDT, 1999, p. 387), no sentido da ausência de percepção empática na dor do outro, dada a sua insensibilidade quanto às ações práticas manifestadas, seja nas ações concretas, entendendo essas como práticas de agressão física ou em ações subjetivas enrustidas em olhares, palavras e gestos que vão sendo fomentados e reproduzidos, aguardando momentos específicos para se manifestar publicamente, ou no mínimo, apoiar ações de barbárie, uma vez que a insensibilidade já tem consumido grande parte ou a totalidade do pensamento, sendo a banalidade do mal, também, essa ausência da reflexão humana.

2.2 A questão da violência em relação a Banalidade do Mal

A violência é um fenômeno social que impacta de forma negativa e se expande adaptando-se a diferentes esferas e de diferentes formas, nos mais variados momentos. Entendemos ser oportuno conceituar esse fenômeno de modo a nortear nossa linha de pensamento em torno da temática proposta.

Para a filósofa, em primeiro lugar, nos cabe diferenciar violência de poder, uma vez que o poder tem uma função coletiva, logo, ele não é uma ação individualizada e atua na sociedade. Na ausência do poder é que subsiste a violência. Em seu ensaio Da Violência (2004, p. 22), Arendt faz um questionamento importante para compreendermos a diferenciação em seu pensamento acerca do poder e da violência: “Isso poderia levar-nos a indagar se o fim dos conflitos armados então, significaria o fim dos Estados. Iria o desaparecimento da violência nas relações entre Estados equivaler ao fim do poder?”.

Assim sendo, compreendemos que o poder é “um instrumento de dominação” (ARENDT, 2004, p.22) e enquanto coletividade ele está amparado em um consenso coletivo que dá ao Estado poder, motivo para notarmos que “É o apoio do povo que confere poder às instituições de um país” (ARENDT, 2004, p.25), portanto, o poder emana do povo, o que significa que “o povo detém o poder sobre aqueles que o governam” (ARENDT, 2004, p.25), mas dele emerge enquanto consenso e é exatamente desse poder que surge a autoridade para a prática da violência, inclusive pelo próprio Estado.

Arendt vai compreender a violência a partir de um ambiente político, não vendo a violência humana “como um simples desejo secreto de morte da espécie humana” (ARENDT, 2012, p.3), porém, para ela sua amplitude e consolidação se dá exatamente no campo político, onde ganha legitimidade e solidez, como afirma ela ao citar o que disse Hobbes sobre a legitimidade do poder coercitivo do Estado, onde este dá autoridade para que o mesmo possa agir com violência. Portanto, a violência é distinta do poder, apesar de estar atrelado a este para sua legitimação (ARENDT, 2012.p.210-211)

Diferente da banalidade do mal, a violência é vista pela autora como uma ferramenta de poder, da qual o uso político é, muitas vezes, necessário à manutenção da estrutura vigente. A banalidade do mal se manifesta no ser irreflexivo que age de maneira cega, levado por ideais, compromissos com algo que ele vê como superior, para atender os anseios de quem o dirige ou pelo simples fato de ascensão no meio ao qual ele faz parte. É essa banalidade que tem direcionado diversas pessoas pelo mundo à práticas horrendas contra a humanidade.

Para a filósofa a violência se diferencia do poder. A violência tem seus aparatos que podem ser medidos, aumentados ou diminuídos, expandidos ou retidos. Arendt não recusa totalmente o uso da violência por parte dos poderes constituídos, sendo essa uma ferramenta necessária, segundo ela, para o poder constituído. Portanto, “o pensamento político de Arendt não recusa teoricamente o uso dos meios da violência, seja por parte do poder constituído, seja por parte do poder constituinte revolucionário” (DUARTE, 2016. p.16).

Cabe-nos aqui, diferenciar violência de banalidade do mal. Enquanto a violência se reflete como ferramenta de ação, utilizada pela expressão de poder e, portanto, são diferentes entre si, a violência pode ser aplicada de forma pensada e estruturada, medida e avaliada e muitas vezes vista como necessária à manutenção do poder. Enquanto que a banalidade do mal se reflete pela superficialidade, pela anestesia do ser ao fazer e praticar a maldade, perdendo sua própria essência e sentimento. A banalidade do mal interfere diretamente na reflexão e no pensar, gerando pessoas que além de fazer a maldade, o fazem como algo comum e até necessário (SOUKI, 1998).

A violência, portanto, para Arendt é uma ferramenta necessária ao Estado, que por sua vez tem seu governo reconhecido pela sociedade, todavia, aqui não discutimos limites ou aferições da violência. Entendemos, porém, a partir do pensamento da autora, que os regimes totalitários que se estabeleceram na Europa, com destaque para o Regime Nazista, utilizou-se da violência como método para expandir ideias e estabelecer o regime no meio da sociedade alemã.

2.3 Quando o mal em forma de violência deixa de ser uma tentação

É óbvio que matar é uma prática repugnante e repreensível em qualquer sociedade, mas tal atitude é tentadora no sentido de que seres humanos são tentados à prática de tal ato, seja de forma culposa ou hedionda, pois gera-se uma motivação em fazê-lo desde que existe sociedade. Nesse cenário, observamos motivações diversas dessa prática. Todavia, Arendt vai pontuar que em dado momento ela deixa de ser uma tentação para se tornar banal, ou seja, já não se precisa de um motivo que venha atentar para essa prática, porquanto o simples fato de fazer sem sentido ou reflexão mostra por si só que o sujeito se torna indiferente de tal forma que essa ação se banaliza frente a ele, como afirma Adriano Correia ao tratar sobre essa tentação:

Para Arendt, não obstante, não podemos desconsiderar seja o mal intencional (o querer o mal pelo mal, o mal como fim e não apenas como meio) seja o mal que resulta da adesão irrefletida a maquinarias burocráticas de extermínio, como os regimes totalitários e ditaduras como as do Cone Sul, seja o mal traduzido na fabricação da superfluidade em campos de extermínio (Resende, 2016, p.17).

O governo Nazista propagou sua ideologia de base racista e antissemítica, buscando a todo custo seu expansionismo territorial e de maneira indiscriminada direcionou-se à Segunda Guerra Mundial. Não todos, mas, parte da sociedade alemã que aderiu ao nazismo ou dele era simpatizante, conseguia compreender como certo e até necessárias tais ações. Nesse sentido,

estamos diante de um dilema ético que para Eichmann estava justificado pelo fato de cumprir ordens e obedecer às leis impostas naquele momento: “Não era tarefa de um soldado agir como juiz de seu comandante supremo. Que a história se encarregue disso, ou Deus no céu” (ARENDT, 1999, p. 167). Assume-se a culpa, mas não perante os homens, mas em uma crença futura sobrenatural que, apesar de aparentemente religiosa, na prática não servia aos interesses do próximo.

Na concepção kantiana, o mal é uma tentação e Arendt discorre acerca disso com relação a natureza do mal. Para Kant, em *Crítica da Razão Pura*, “o livre arbítrio dá ao homem a escolha entre o bem e o mal” (Kant, p.477). Como falado anteriormente, Eichmann cita Kant sem, contudo, interpretá-lo da forma correta, uma vez que se coloca como induzido a tais práticas pela observância do seu dever. O filósofo alemão trabalha com a doutrina do mal radical, relacionada com a lei moral, e nesse ponto, quando o ser humano se distancia da lei moral dada por Deus, ele inclina-se para o mal radical, porém, tem os seres humanos liberdade de sua escolha naquilo que querem fazer (KANT).

Em sua obra *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo e totalitarismo* (ARENDT, 2012), Arendt discute a questão da pluralidade, conceito por ela trazido e que segundo ela nos permite desenvolver a capacidade dialógica, como se fosse a luz que afugenta as trevas de ações que são más, e não pode ser banalizada (ARENDT, 2012). Nessa obra Arendt trata o mal radical como algo que busca erradicar a pluralidade humana; portanto, onde há o totalitarismo a pluralidade humana é erradicada, isso porque a pluralidade diz respeito à diversidade humana, pois ninguém é igual a ninguém e essa pluralidade faz e deve fazer parte do campo de construção política. Quando temos, portanto, um governo totalitário, temos a exclusão da pluralidade.

É por meio da abordagem kantiana de mal radical que a autora desenvolve sua abordagem acerca do conceito de banalidade do mal. Nesse aspecto, o distanciamento de reflexão e de aprofundamento do pensamento são fatores preponderantes para tal prática. Podemos inferir que a Alemanha Nazista normalizou ações consideradas totalmente hediondas, rompendo com a moral e construindo um senso de normalidade em meio a essas práticas, diferente de outros países em que o regime nazista tornava banal atividades criminosas repreensíveis ao meio social.

A partir da reflexão arendtiana, percebe-se que a prática da maldade se torna banal enquanto ações comuns do cotidiano das massas, tornando-se tão supérfluas ao ponto de se

tornarem ações comuns no dia-dia. Segundo Pereira e Jesus (2023, p. 49): “A filósofa enfatiza como a superficialidade e a superfluidez podem contribuir para a banalização do mal, tornando as pessoas mais propensas a cometerem atos cruéis de forma aparentemente comum e sem reflexão profunda sobre as implicações éticas de suas ações.

2.4 A atividade de Eichmann no Estado Nazista

Adolf Eichmann foi um oficial da burocracia nazista, nascido em Soligem na Alemanha, em 1906, tendo morrido em 1962, em Israel, quando foi capturado na Argentina pelo Serviço Secreto Israelense, o Mossad, e levado a julgamento, tendo sido condenado e executado sob pena de enforcamento. Eichmann serviu ao Estado nazista e logo galgou vários degraus, tornando-se diretor da Gestapo, em um setor responsável pelo departamento de deportação de judeus. Dentro de sua função acredita-se que ele participou diretamente do direcionamento de mais de um milhão de judeus para campos de extermínio.

Ele era na verdade uma peça de uma engrenagem muito maior, um ponto dentro de todo um sistema. Não queremos com isso tirar dele sequer o mínimo de responsabilidade de suas ações, todavia, perceber como todo um sistema tem influência sobre sujeitos individuais que servem de forma cega comandos hierarquizados e acoplados dentro de uma estrutura de poder, tornando-se, assim, cúmplices diretos das ações horrendas que possam vir a ser praticadas por uma organização, seja instituição, grupos ideológicos ou até o próprio Estado dirigido por determinado Governo. Por outro lado, compreender que Eichmann não era uma pessoa além das expectativas humanas, não era um gênio, ou um grande intelectual, não havia nada que o diferenciasse da grande maioria, mesmo assim, ele foi capaz de canalizar e desenvolver tamanha maldade.

Em 1942, Eichmann participou da Conferência de Wannsee, uma reunião da cúpula alemã nazista que visava dar um ponto final à questão do povo judeu e que teve como resultado a implementação da eliminação dos judeus de maneira deliberada e sistemática em todo o território europeu, tendo sido batizada de “Solução Final”.

Tinha uma equipe à sua disposição e, com esta, organizou a deportação de milhares de judeus da França, Bélgica, Países Baixos e Eslováquia; organizou também ações de deportação da Itália, Grécia e Hungria, tendo participado de diversas outras ações no tocante ao envio de

judeus aos campos de extermínio. Estima-se que sob sua supervisão nas ações de deportação e envio de pessoas judias, ele alcançou a casa dos mais de um milhão de vidas.

Durante seu julgamento ele afirmava veementemente que cumpria apenas o seu papel, porquanto obedecia a ordens e não questionava elas. Chegando inclusive a citar Kant, ele distorceu a mensagem do filósofo como apoio para suas ações. Percebê-lo como uma peça que de maneira cega serviu aos interesses inescrupulosos de um sistema terrível e desumano é no mínimo assustador. Segundo Arendt:

Ele cumpria o seu dever, como repetiu insistente à polícia e à corte; ele não só obedecia ordens, ele também obedecia à lei [...] Como além de cumprir aquilo que ele concebia como deveres de um cidadão respeitador das leis, ele também agia sob ordens – sempre o cuidado de estar ‘coberto’ –, ele acabou completamente confuso e terminou frisando alternativamente as virtudes e os vícios da obediência cega, ou a ‘obediência cadavérica’ (*kadavergehorsam*), como ele próprio a chamou (ARENDT, 1999, p. 152).

As atividades de Eichmann foram por ele utilizadas como justificativas para suas ações, mas até onde podemos ir para cumprir nosso papel no Estado? O Estado é soberano ao ponto de nos levar a práticas desumanas e irresponsáveis? É óbvio que não! Arendt vai dizer que não existe “culpa coletiva” ou “inocência coletiva”, (ARENDT, 1999) pois uma vez que isso existisse jamais poderia haver culpado ou inocente. O que existe é uma responsabilidade política e coletiva dentro das escolhas que a sociedade faz, dando poder ao governo e este pela autoridade impõe o que escolhe.

Durante seu julgamento, a frieza banal em assumir não os crimes cometidos, mas sua responsabilidade enquanto agente do Estado alemão, demonstra a irrelevância das ações frente a tamanha proporção de dor que foi empunhada ao povo judeu. Como bem pontua Arendt “O que me deixou aturdida foi que a conspícuia superficialidade do agente tornava impossível retrair o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos”. (ARENDT, 2012, p. 5-6).

Uma das questões que mais chamou atenção nesse julgamento foi o fato de ser o primeiro tribunal judeu a julgar um criminoso nazista, ou seja, as próprias vítimas estavam julgando seu algoz pela primeira vez no contexto da história nazista. Uma das intenções do então primeiro-ministro israelense David Ben-Gurion, que estava no poder na época do julgamento e que foi o responsável por designar ao Mossad a tarefa de capturar o ex-tenente-coronel da SS na Argentina, era mostrar ao mundo os males do regime nazista contra o povo judeu, mas principalmente a esse próprio povo a importância do território israelense enquanto local seguro para eles.

Não havia em Eichmann a aparência de estar mentindo sobre essa questão, na verdade ele demonstrava acreditar no que dizia, o que não era uma arrogância, truculência ou estupidez, mas como diz Nádia Souki em sua obra Hannah Arendt e a Banalidade do Mal acerca do pensamento da filósofa (1998, p.111): “É impressionante constatar que, desde as primeiras linhas do livro A vida do espírito, Hannah Arendt retoma a referência a Eichmann e o tema da Banalidade do Mal, como se esse fosse a fonte mesma, jamais esgotada, de sua reflexão.”

Arendt afirma que apesar de todos os esforços da promotoria, todo mundo percebia que esse homem não era um “monstro” (1999, p.67). Tratando sobre a relação feita por Arendt entre Eichmann e a sua capacidade de pensar, percebemos um burocrata quase que era incapaz de compreender aos outros e a si mesmo, passando a exemplificar a moderna subjetividade e seus problemas.

Uma situação interessante e que vale destacar acerca de Eichmann é que ele mantinha convivência com pessoas judias, ele não as repugnava, não era uma questão unilateral de superioridade racial, ele cumpria ações de acordo com o que foi determinado, sem o menor questionamento, sem a mínima reflexão. Eichmann foi condenado e enforcado à meia-noite, entre 31 de maio e 1 de junho de 1962.

2.5 A falta de reflexão no comportamento e ação do sujeito

A ausência de pensamento é apontada por Arendt como a causa do mau e a banalidade é causada a partir da falta de uma reflexão racional. A ausência de reflexão crítica leva o indivíduo a ações subservientes de maneira a colocá-lo de maneira manipulada em uma obediência cega a tudo que lhe é imposto. Isso, porém, não exclui a responsabilidade do agente, torna-o, porém, um ser que age de forma irresponsável e irreflexiva. Acerca da atitude de Eichmann, Roviello (1997, p. 156) pontua que:

Em compensação, o que surpreende é algo totalmente diferente: em todas as suas declarações, em todos os relatos que ele fará do que viveu enquanto funcionário nazi, torna-se evidente que Eichmann *não pensa*, que é incapaz de emitir um juízo pessoal sobre as suas ações, ou seja, se submeter ao conteúdo particular das suas ações à questão do sentido dessas ações.

Em sua obra Homens em Tempos Sombrios, a filósofa diz que “Certamente ainda somos conscientes de que o pensamento requer não só inteligência e profundidade, mas sobretudo coragem” (ARENDELT, 2008, p. 15). Compreendemos, portanto, que o ato de raciocinar deve vir acompanhado da coragem de fazer, de se impor, de se empoderar perante aquilo que é imposto a nós. Tal perspectiva nos leva a compreender que é possível que pessoas possam raciocinar,

compreender bem e entender a banalidade em seus atos, mas, a falta de coragem pode levá-lo a práticas desumanas. Em sua obra Pensar sem Corrimão, a filósofa faz a seguinte afirmação: “A consciência da responsabilidade não se desenvolve; ela só se dá no momento em que a pessoa reflete – não sobre si mesma, mas sobre o que está fazendo” (ARENDT, 2021, p. 333). Os Regimes Totalitários e de forma específica o Nazismo, buscaram erradicar toda e qualquer forma de reflexão.

Sem dúvida, um dos principais pilares contributivos de Hannah Arendt concernente a esse conceito foi a percepção de que a irreflexão é peça fundamental para a banalidade do mal. Eichmann não era um mostro, a análise arendtiana nos leva a crer que era uma pessoa comum, um funcionário que se viu apenas fazendo o seu papel, tendo assim interrompido qualquer sentimento de culpa quanto aos eventos que ele ajudou ou praticou diretamente, o que nos leva a perceber, como uma obediência cega e capaz de levar pessoas comuns a atos tão horrendos.

É possível refletir a partir desse pensamento sobre a responsabilidade individual e como esta é capaz de afetar toda uma massa de pessoas. Entender que nossas ações ainda que individuais não são isentas de influência é um erro que pode levar a consequências drásticas. Eichmann é o grande exemplo do pensamento arendtiano nessa perspectiva de como uma pessoa foi capaz de contribuir para um dos maiores genocídios da humanidade.

Pensar a banalidade do mal em Hannah Arendt (1906-1975) nos impulsiona a pensar sobre o “vazio de pensamento”, termo que não foi delimitado pela autora, mas o encontramos em vários momentos das suas obras. O “vazio de pensamento” implica em falar sobre um não ser. Para Arendt “o mal não pode ser feito voluntariamente, em função de seu estatuto ontológico; mas consiste em uma ausência, em algo que não é.” (Souki, 1998, p. 126).

Mostra-se emergente, portanto, a urgência de refletir e tornar o sujeito reflexivo em meio ao montante de informações e disseminações de maldades, levando-os a pensar, ver e rever conceitos, olhar o outro e se colocar empaticamente frente a pluralidade, buscando assim, não acabar com a maldade, pois ela existe e sempre existirá, mas não banalizando-a é possível superar suas mais terríveis manifestações em sociedade.

2.6 A Banalidade do Mal e o Século XXI

Em pleno século XXI, em meio à disseminação rápida de informações e conectividade entre todo o mundo, o pensamento de Hannah Arendt (1906-1975) se apresenta muito atual e demonstra como ainda hoje se fazem necessárias reflexões constantes para que não percamos

de vista os objetivos humanos de fraternidade e solidariedade, para que compreendamos o papel individual que cada um de nós temos a oferecer enquanto agentes sociais.

A sociedade atual, portanto, não conseguiu superar a barbárie promovida pelo holocausto, no sentido de que o que deveria trazer à tona social uma reflexão positiva quanto aos atos desse período, parece replicar uma prática nociva e consciente dessas atitudes. E quando falamos em consciente, nos reportarmos a uma ação que apesar de insensível, não é instintiva, não se manifesta no vácuo do pensar, mas assenta-se em terra fértil, que tem sido arada e irrigada por práticas insensíveis de ódio e manifestações de diversas nuances.

É bom lembrarmos que o advento do holocausto se deu em meio à ascensão da civilização no que diz respeito aos seus aspectos de tecnologia, cultura, arte, filosofia, dentre outros. Levando ainda em consideração a ampla bagagem que a humanidade dispunha desde os Clássicos antigos e, importantes civilizações, da primeira antiguidade, passando pela Patrística, todo conhecimento oriental, as manifestações do Renascimento e Iluminismo, os ideais de Igualdade, Liberdade e Fraternidade da Revolução Francesa, entre outros. Porém, isso não foi suficiente para nos deixar seguros de que tais práticas de barbárie fossem suplantadas, mas, pelo contrário, criamos bases para isso. Conforme fala Zygmunt Bauman, lembramos, por exemplo, que “o holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura” (1998, p. 12).

Theodor Adorno (1995) nos leva a refletir que as raízes que nos direcionaram ao Holocausto não estão mortas no passado, mas ainda nos são contemporâneas, de modo que necessitamos revisitar o passado, olhando para ele de forma crítica para assim gerar boas experiências e reflexões contundentes que possam colaborar para que não repitamos os mesmos erros funestos da barbárie.

Quando chamamos atenção para além dos ataques às escolas no Brasil, o fazemos, pois essas ações são precedidas de olhares, falas, gestos, discursos abertos ou ocultos situados nas mais diferentes esferas da sociedade, como as escolas, por exemplo, que são alvos fáceis desses violentadores. Devemos pensar, porém, que isso é uma prática de uma minoria, tão pequena que chega a ser irrisória, uma vez que os ataques são praticados por um, dois ou três em sua maior parte? De forma nenhuma, basicamente por dois motivos, o primeiro e mais direto é que os impactos causados por esses ataques são imensos e geram graves traumas em diferentes setores e de diversas maneiras.

Por outro lado, há de se tratar que apesar dos ataques serem feitos por uma pequena parcela, numa escola, por exemplo, pode ser atacada até por um indivíduo e em relação a ampla

maioria, poderíamos entender como irrisório, mas além do exposto anteriormente, dado aos impactos, muitos colaboram para esse desfecho, e nesse ponto passamos a refletir e se questionar: mas como?

A ausência e conivência com tais atos são perenes e nítidas. Em primeiro lugar, quando a escola nega à comunidade o direito de discutir sobre esse tema, o que é claramente orientado no meio pedagógico e por Políticas Públicas, deixa de criar um ambiente salutar para conhecimento de todos, identificação de vítimas e agressores. É comum encontrarmos no ambiente escolar, alunos e funcionários que sequer sabe o que é o nazismo ou neonazismo.

Por outro lado, ações de ódio vem se alastrando com muita facilidade, de forma que muitos não consideram práticas de barbárie e tornam-se banais ao ponto de serem entendidas como algo de menor potencial ofensivo, não entendendo que na prática é a fomentação de uma terra irrigada e adubada para essas ações. Diversos racismos, bullying, fobias das mais diversas, machismo, etc., são ações facilmente encontradas e que se não são devidamente combatidas, tornam-se algo natural e geram um ambiente de aceitação da barbárie, fortalecendo assim a Banalidade do Mal.

Quando nos reportamos à fala de Eichmann, o sentido de colocar-se como “inocente” (ARENDT, 1999, p. 36), devemos compreender a emergência que temos em assumir uma postura intervintiva em caráter de urgência, pois assim como ele, muitos em seus julgamentos se posicionaram justificando suas ações como sendo um cumprimento do dever, pois estavam a serviço do Estado, ou seja, não se deram ao menor trabalho de se questionar sobre suas ações, mais que isso, já não tinham sensibilidade para tal, banalizaram a maldade de tal forma que já não tinham limites fronteiriços entre a vida cotidiana comum e tais práticas.

A incapacidade de sentir a dor do outro se manifesta em vários momentos das ações nazistas, a falta de reflexão os levaram a atos de barbárie de maneira organizada e sistemática, uma prática de psicopatia coletiva, mas que pouco tinha relação com questões psiquiátricas, eram ações movidas pela falta de inferência do pensar, falta de empatia que foi gerada pela crença nos discursos de segregação, de supremacia e de ódio que se estabeleceram na Alemanha Nazista. Essa prática coletiva, podemos afirmar que foi diretamente fomentada pela banalidade do mal.

A questão perturbadora, aqui levantada não se assenta apenas no próprio ato em si das práticas repugnantes da maldade, mas como essas práticas são ações que tornam-se comuns e sem repúdio ao que o pratica. Temos, portanto, um sujeito que é aquele que sabe o que está fazendo, ele tem total compreensão do fato, mas não tem o menor sentimento sobre o ele em si, ou seja, é a banalidade do mal em um imaginário coletivo, proposto e imposto por um regime totalitário em

meio a uma sociedade que aparentava um nível de civilidade alto, mas que demostrou apreço por uma ideologia devastadora.

O nazismo surge como uma forma totalmente diferente de governo, quando o relacionamos a governos tirânicos do passado que excluía o sujeito das ações e participações da vida pública, tornando-se exemplos de tamanha tirania, observamos que o totalitarismo foi além, pois destruía mais que as pessoas, acabava com a subjetividade humana, transformava, inclusive, as relações privadas, adentrando o tecido social e moldando a própria personalidade de maneira que o sujeito ficava anestesiado frente a práticas desumanas.

O totalitarismo, portanto, se estabelece mediante a ausência de pensamento e reflexão, quanto mais insensata e não criativa for a sociedade, melhor o cenário para o estabelecimento desses regimes, logo, é inteligente pensar que a educação é ferramenta imprescindível quando esta é libertadora e “sem corrimão”, como dizia Arendt, para poder galgar seu sucesso em relação ao pensamento e conhecimento humanos, haja vista que o meio educacional é capaz de direcionar rumo a uma perspectiva de mudança em meio ao conhecimento gerado pela crítica racional.

Para Hannah Arendt(1906-1975) o totalitarismo está assentado basicamente em dois pilares que o sustenta, que é a ideologia e o terror. Segundo Souki (1998, p.58) “Enquanto a ilegalidade é a essência do governo tirânico, o terror é a própria essência do domínio totalitário.” Ideologia e terror andam, portanto, lado a lado nesse cenário, pois enquanto um constrói uma identidade própria do sistema totalitário proposto, o outro mantém refém toda uma sociedade que passa a viver pelo medo.

O pensamento da filósofa Hannah Arendt (1906-1975), traz ao nosso entendimento que, a maior maldade estava com aqueles que a banalizaram, isto é, “O maior mal foi cometido por aqueles que não se preocuparam em escolher entre o bem e o mal” (Novaes, 2023. p.78); de fato, muitos foram coniventes, aceitando e sendo partícipes dos atos de maldade praticados durante o sistema nazista.

Por outro lado a ideia do plural em Hannah Arendt entra diretamente em choque com os ideais de superioridade racial que foram pregados na primeira metade do século XX e que fundamentaram a narrativa do Regime Nazista, justificando ações de barbárie e consequentemente, banalizando a maldade, gerando um olhar de superficialidade ante uma prática deplorável e repreensiva. Ela trata com muita profundidade sobre o conceito de pluralidade, tendo este como referência para uma sociedade mais justas, uma vez que a mesma vai afirmar que a pluralidade é característica das diferenças e isso seria o que nos faz iguais. Ainda sobre a pluralidade por ela discutida, afirma Silva (2018, p.74):

Daí a importância da pluralidade, já que o mundo é o mundo dos homens e, não do homem. Assim, a ação apresenta-se diversamente rica, no tocante ao que pode trazer e possibilitar. Contudo, é válido esclarecer que essa pluralidade consiste em ser diferente, em ser singular, o que, porém, não quer exprimir uma alteridade sem identidade alguma.

É incompreensível que existam os regimes totalitários e em seu meio haja pluralidade como concebido pela pensadora. Essa prática é portanto inexistente no Estado Totalitário e qualquer forma de aproximação da pluralidade vai ser imediatamente reprimida, uma vez que não suprimindo esta ação dos sujeitos o Estado Totalitário desmoronaria.

Quando discutimos a banalidade do mal enquanto conceito anterior à criação do próprio termo, o fazemos devido ao fato de que o conceito não cria o fenômeno, apenas dá nome a ele, uma vez que ele já existia e, portanto, o percebemos, mas dessa vez de forma muito aparente no Século XX, dado a ações nunca antes vistas, como ficou expressa nos Regimes Totalitários europeus.

Na essência desses conflitos violentos, observamos a consolidação de ideologias que se alastraram para além dos muros da Europa, atingindo todo o mundo e criando bases que gerariam, consequentemente, valores e visões de mundo que percorrem até o presente momento mentes, religiões, fundamentos, teorias, entre outros, e estabeleceu raízes de ideias violentas e irreparáveis. Diferente de uma estrutura piramidal, Arendt usa a imagem da estrutura de cebola (Souki, 1998, p. 59) em que o agente age a partir do interior da estrutura, sendo esta estrutura formada por várias camadas que setores e esferas que circundam e simpatizam diretamente com o líder.

Desta forma, o fascismo ascendeu com Mussoline na Itália e o Nazismo na Alemanha com Hitler, além do autoritarismo Marxista Leninista, mas esses foram os grandes destaques. Outras ideias autoritárias e fascistas se desenharam com força na Europa do pré e entre guerras, como o salazarismo em Portugal e o Franquismo na Espanha, tendo fortes traços em comum em relação aos regimes totalitários europeus que ficaram mais conhecidos. Vale destacar que a pensadora coloca o totalitarismo enquanto fenômeno com base no medo e no terror, não apenas ligado aos regimes nazista e fascista. Mas, engloba os totalitarismos que ascendem na Rússia e em outros países da Europa.

O fim da Segunda Guerra não findou os atritos, tendo o mundo absorvido o que ali foi gerado, principalmente por meio da Guerra Fria, que espelhou ideologias e estabeleceu bases para os conflitos futuros, onde na verdade sempre refletimos no seguinte questionamento: A Guerra fria chegou ao fim? Para sim ou não, pelo que discutiremos também adiante, sabemos que as crises existentes no século XX, sem dúvidas influenciaram o posterior século.

Esse expansionismo econômico culminou em choques entre as grandes potências mundiais que viam seus interesses ameaçados pelo crescimento de nações alheias e a guerra tornou-se, nesse cenário, o campo propício para a resolução de tais problemas. Diretamente correlacionado a esse expansionismo somam-se o antisemitismo e o totalitarismo, gerando um modelo diferente de todas as formas de governo que já existiram. Como diz Souki (1998, p. 52), “O antisemitismo, o imperialismo e o totalitarismo têm, em comum, o rompimento com toda tradição, e os paralelos históricos que bloqueiam o acesso à sua especificidade devem, pois, ser banidos”.

É em meio a todo esse turbilhão que emergiram governos totalitários, com destaque neste trabalho para o Nazismo, que vão buscar no antisemitismo uma alça para amarrar seu discurso de ódio, trazendo junto outras minorias e povos considerados inferiores. O Regime Totalitário Nazista criou em seu discurso a existência de “raças” superiores e inferiores, justificando o extermínio de populações inteiras e dando alça de apoio àqueles que por si só não pensavam ou não quiseram refletir e banalizando, assim, todo tipo de maldade.

Pensar o século XX como berço dessa banalização da maldade e perceber que esse século ocorreu ontem, nos leva a refletir sobre o importante papel que a filosofia tem em nos incomodar a criticar nossas ações perante o mundo e nossa atitude enquanto ser social. Ora, se o século XX foi capaz de demonstrar tamanha banalização e não barrou esse fenômeno para o século XXI, como veremos posteriormente, estamos diante de uma sociedade que o quanto antes deve ser chamada à reflexão para que outros regimes como os supracitados não sejam eclodidos pelo mundo.

Compreendemos que se faz necessária uma reflexão acerca do Nazismo, suas raízes e interpretações, para que possamos compreender esse movimento e alocá-lo em seu devido espaço como forma de compreender e aplicar uma análise clara a partir desta pesquisa percebendo esse movimento entre os ataques às escolas brasileiras entre os anos de 2022 e 2023, refletindo em torno do conceito de Banalidade do Mal. Exatamente por isso, trataremos no próximo capítulo sobre essa discussão, buscando analisar esse contexto.

SEÇÃO II

3- PENSAR O NEONAZISMO A PARTIR DO PENSAMENTO ARENDTIANO: MANIFESTAÇÕES DO NEONAZISMO NA ATUALIDADE

3.1- Características e manifestações contemporâneas do neonazismo

Para Brigitte Bailer-Galanda e Wolfgang Neugebauer (1996, p. 6):

O neonazismo, um termo jurídico, é entendido como a tentativa de propagar, em desafio direto à lei (Verbotsgesetz), a ideologia nazista ou medidas como a negação, a minimização, a aprovação ou a justificação do massacre nazista, especialmente o Holocausto. O termo "extremista de direita" é aplicado aqui principalmente para descrever, com base em passagens de livros e revistas, o perfil político ideológico de tais organizações e como seus representantes e ativistas agem e reagem na arena política.

Para Gonçalves, Neto e Andrade (2017, p. 222): “O neonazismo no Brasil, pode ser entendido tanto como uma forma ligeiramente organizada de atuação política, mas sobretudo como estratégias e ações de reação aos processos de democratização e de ampliação da cidadania.” Mais à frente eles vão complementar dizendo sobre o neonazismo no Brasil que (2017, p. 222):

Mais do que um projeto uníssono, é este referencial –ou os referenciais– trazidos do nazismo e do fascismo histórico, como o antisemitismo, a simbologia nazi, a negação do holocausto, etc. Assim, como neonazismo entende-se a tentativa de rearticulação de pressupostos do nazismo em formas diversas, não necessariamente conjuntas ou articuladas sob uma única organização política.

Junqueira (2022, p. 17) define como um “incisivo ativismo ultraconservador associado à emergência e ao revigoramento de um discurso reacionário”, e na construção de um discurso como esse é arcabouço passível da possibilidade de uma narrativa que torne um ambiente de crime comum, pois ao “assimilar o crime e transformá-lo em vício, a sociedade nega toda a responsabilidade e estabelece um mundo de fatalidades no qual os homens se veem enredados” (ARENDT, 2012. p. 128). Nos cabe aqui, então, estabelecer relações entre o conceito de Neonazismo e a Banalidade do Mal no pensamento de Hannah Arendt.

Observamos, portanto, que o neonazismo moderno surge como uma rearticulação das ideologias racistas e xenófobas do século XX, adaptadas a novos contextos e frequentemente amplificadas através da internet. Os neonazistas contemporâneos utilizam plataformas digitais

para recrutar membros, disseminar propaganda e organizar ações, o que demonstra uma evolução nas técnicas de comunicação e mobilização desses grupos.

Assim, a identificação e definição do neonazismo no século XXI exige uma abordagem multidisciplinar que considere tanto as continuidades históricas quanto as novas dinâmicas de mobilização, comunicação e radicalização. Estes estudos fornecem uma base para políticas públicas mais eficazes e para estratégias de prevenção e combate que levem em conta a complexidade deste fenômeno no contexto global atual.

Fica claro, portanto que a definição de neonazismo ainda está em construção e dialogicamente vem sendo alicerçada a partir dos acontecimentos mais recentes. Como afirma Arendt “sendo contemporâneo dos eventos o historiador é tão sujeito ao poder persuasório dessas opiniões como qualquer outra pessoa” (2012, p. 33). Isso se dá devido ao fato das múltiplas mudanças que vem ocorrendo na sociedade, bem como a pluralidade de ideias que, apesar de muitas vezes se assemelharem ao neonazismo, necessariamente não significa ser¹.

É de tal percepção tais ressignificações desses grupos frente à sociedade que o poder público já tem se manifestado, no sentido de alterar a Lei nº 7.716 de 1889, a fim de ampliar as percepções acerca de manifestações relacionadas ao nazismo ou facismo, tendo, portanto, o neonazismo como um dos seus objetivos. Tais discussões tem incitado um posicionamento dos poderes do Brasil e o Senador Fabiano Contarato (PT/ES) propôs um Projeto de Lei Nº 175 de 2022² que trata de maneira mais atualizada acerca desta matéria.

¹ Observamos, portanto, o que afirma o relatório do Observatório Judaicos dos Direitos Humanos no Brasil (2023, p.2): Sabe-se que nem todo racista é necessariamente nazista, embora seja impossível haver um nazista que não seja racista (ou homofóbico, ou xenófobo, ou misógino, etc.). Da mesma forma, é preciso reconhecer que ao lado de grupos neonazistas, há também grupos monarquistas, neointegralistas, separatistas (que almejam a separação dos três estados do Sul do Brasil), os que glorificam assassinos em massa, os que defendem a ditadura, os que negam ter havido escravidão e/ou tortura no Brasil, entre outros. No nosso levantamento não levamos em conta esses diferentes grupos, focando nos que - por fazerem apologia a Hitler e/ou ao nazismo e seus símbolos - são explicitamente neonazistas.

² O citado Projeto de Lei, traz em sua justificativa que “compreende abarcar uma nova visão jurídica, frente a esse novo movimento, que carece de maior e mais contundente compreensão legislativa, portanto, temos nesta PL o seguinte texto: “Com o fortalecimento de partidos nazistas na Europa nos últimos anos, devemos nos manter vigilantes com relação ao risco do mesmo acontecer no Brasil. A história aponta que este é um risco real. Na década de 1930, o Partido Nazista do Brasil foi o maior do mundo fora da Alemanha, arregimentando quase 3 mil membros. Durante os dez anos em que operou no país, o partido e seus membros disseminavam ideais totalitários e antisemitas, coletando apoio material e financeiro para o esforço de guerra da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Esta proposta pretende ampliar o escopo da criminalização da apologia ao nazismo que, hoje, se restringe à fabricação, comercialização, distribuição e veiculação de símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propagandas que utilizam a cruz suástica ou gamada (art. 20, §1º, da Lei nº 7.716, de 1989). Buscamos, assim, ampliar o espectro de condutas relacionadas à promoção do nazismo (e do fascismo, que achamos por bem incluir no texto legal) e fazer referência à negação do Holocausto como parte do tipo penal previsto”.

O advento da internet e das redes sociais transformou os métodos de comunicação e organização de grupos extremistas, incluindo os neonazistas. A internet oferece um meio sem precedentes para a disseminação de ideologias extremistas, permitindo que grupos neonazistas alcancem uma audiência global sem a necessidade de infraestrutura física tradicional. Se destaca como essas plataformas facilitam a comunicação entre membros de diferentes regiões e ajudam na radicalização de indivíduos isolados, fornecendo um sentido de comunidade e propósito.

Não é possível ainda relacionar esse uso da propaganda neonazista por meio das redes sociais com a propaganda nazista instituída e estimulada por Hitler, porém, nota-se uma clara relação quanto a aproximação que se dá entre a propaganda e a doutrinação daqueles que são alcançados por essas ideias, portanto nesse sentido para Arendt “A relação entre a propaganda e a doutrinação depende do tamanho do movimento e da pressão externa” (ARENDT, 2012. p. 476)

Inojosa (2024) analisa o impacto específico das redes sociais na propagação de narrativas neonazistas, observando que a capacidade de personalizar conteúdo e o uso de algoritmos para maximizar o engajamento contribuem para a criação de câmaras de eco, onde usuários são expostos repetidamente a ideias extremistas. Inojosa argumenta que isso pode acelerar o processo de radicalização e tornar as ideologias mais atraentes, especialmente para jovens em busca de identidade e pertencimento. Segundo a autora (2024, p.30): “A internet possibilita que qualquer pessoa se envolva em determinado discurso, inclusive de ódio, e atraia um público para esse discurso aproximando pessoas com discursos semelhantes e gerando um senso de comunidade.”

Arendt já alertava para esse sentimento coletivo, pois diante do avanço do antisemitismo a sociedade agia com naturalidade, diante da perseguição que era imposta a todos aqueles que sofriam preconceitos, isso era visto como algo comum. A Banalidade do Mal havia minado o pensamento de grande parte da população, que passou a absorver tais ideias vendo-as como algo comum e normalizando tais atitudes. Hannah Arendt (1906-1975) se mostra indignada ao dizer que “O que é perturbador no tocante a essa aparente largueza de espírito está no fato de as pessoas não se horrorizarem diante da rejeição das normas, mas que se tornavam indiferentes perante o crime.” (ARENDT, 2012. P. 129)

A interação entre essas ideias e movimentos políticos demonstra que a internet e as redes sociais têm sido usadas para legitimar e normalizar discursos extremistas, essa relação direta com a política cria um campo perigoso, onde Arendt vai mostrar que à égide do “sentimento antijudaico” essa reação contra o povo judeu “acabou ganhando espaço e notoriedade política

no momento que adquiriu relevância e os interesses se chocaram” (ARENDT, 2012. p. 58). É perceptível que algumas plataformas se tornaram arenas para o debate político, onde a linha entre discurso de ódio e liberdade de expressão muitas vezes se torna turva, complicando os esforços para moderar conteúdo sem infringir direitos civis.

Nesse sentido a Banalidade do Mal está para além da própria fala, além do que se propõe e se digita nas redes sociais, Arendt mostra que a época da instauração escancarada do antisemitismo “a sociedade não modificava as suas ideias e preconceitos: não se duvidava que os homossexuais eram “criminosos” nem que os judeus eram “traidores”;” (ARENDT, 2012. p. 129), assim sendo a construção de um discurso de ódio em meio às plataformas digitais pode chegar ao ímpeto de tornar-se algo legitimado e verdadeiro, se já não podemos dizer que o é, ao menos em determinados grupos e espaços.

Borges (2023, p. 15) aponta que as mensagens vão para além do texto escrito, o extremismo e os discursos de ódio espalham-se pelas redes sociais por meio de charges que demostram ações que banalizam a maldade. Essas imagens são expostas de maneira corriqueira e como uma “brincadeira” comum acessível a todos e a todos os meios, onde vários adolescentes e até crianças acabam tendo acesso a essas informações, criando assim um campo fértil para o surgimento de um ambiente de normalidade desses discursos. Segundo Borges (2023, p. 15): “Não há indiferença ou insensibilidade às tragédias ocorridas, uma em escola estadual paulista e outra em uma creche catarinense. Convoca-se o interpretante a pensar sobre o que aconteceu, as possíveis motivações, a naturalização da violência, a banalização da morte, o conformismo viciante e confortável.”

A relação entre o neonazismo e movimentos políticos contemporâneos vem denotando uma convergência preocupante entre discursos políticos nacionalistas e práticas neonazistas. Se argumenta que em alguns contextos tem sido tacitamente aceito ou até incentivado por partidos que exploram o medo e o ressentimento social para ganhar apoio, o que pode normalizar suas ideologias e práticas em sociedades democráticas. Por outro lado ao poder público, a marginalização e a exclusão podem levar indivíduos a buscar identidade e propósito em movimentos extremistas, destacando a importância de políticas inclusivas e de integração social como estratégias para prevenir a adesão.

A análise de eventos contemporâneos chave que envolvem neonazistas, revela uma preocupante tendência de ressurgimento e adaptação desses grupos às circunstâncias sociais e políticas atuais. Segundo Lira e Prado (2021), a nova onda de atividades neonazistas e a “forte ascensão de movimentos neofascistas e até mesmo neonazistas em solo brasileiro” (2021, p.1) está frequentemente centrada em eventos políticos e crises econômicas, utilizando essas

situações como catalisadoras para disseminar sua ideologia e expandir-se. Os autores apontam para eventos específicos, retratando as crises políticas que levaram a derrubada da esquerda e ascensão da extrema direita no país, o que teria dado maior fomento e instrumentalizado grupos neonazistas para promover uma agenda de ódio e intolerância. Arendt aponta que uma das características que deu início a perseguição antisemita foi “o declínio dos bancos judeus dentro das próprias comunidades judaicas” (ARENDT 2012, p. 89), a crescente perca de força e influência não conseguiu conter o antisemitismo que há anos se propagava pela Europa, portanto, um dos fatores que antecederam a perseguição foram crises políticas e econômicas que se consolidaram no continente europeu.

Os eventos neonazistas também trazem impactos sérios à população feminina, destacamos como o neonazismo promove a violência racial e xenófoba e perpetua misoginia e ataques sexistas. Eles promovem discursos nos quais mulheres seriam alvos diretos de violência desses grupos, por isso ressaltamos a importância de entender as intersecções de gênero no contexto do extremismo de direita. Dias coloca que na visão de David Lane (2018, p. 97): “Lane discursa muito sobre as mulheres, sobre sua beleza, mas as considerou em seus textos, sempre, mero objeto de desejo ou reproduutor, e as coloca sempre num lugar de dominação.”

A nossa pesquisa aponta que, embora os neonazistas continuem a usar táticas antigas de intimidação e violência, eles também se adaptaram ao ambiente moderno de maneiras que requerem uma resposta informada por uma compreensão profunda da natureza mutável do extremismo. Estudar esses eventos ajuda a identificar padrões de comportamento e recrutamento, bem como fornece informações para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

A ascensão do neonazismo em contextos de crises econômicas e políticas é um fenômeno que Hannah Arendt também examina com cuidado em suas obras, particularmente em *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo e totalitarismo* (ARENDT, 2012). Arendt identifica a desestabilização socioeconômica e a insatisfação política como terreno fértil para a emergência de movimentos totalitários que frequentemente explora tais condições para ganhar apoio. Ela argumenta que o desemprego massivo, a inflação, e o descontentamento com as instituições democráticas tradicionais podem levar a população a buscar soluções extremas que prometem restaurar a ordem e a segurança, mesmo às custas de liberdades civis.

Há relação entre crise econômica e violência extrema em escolas, mostrando como a desesperança econômica e a falta de perspectivas futuras podem levar jovens a adotar ideologias extremistas. Se argumenta que o neonazismo, com sua promessa de uma comunidade unida contra um “inimigo” comum, pode parecer atraente para indivíduos que se sentem

marginalizados ou desemoderados pela crise econômica. Portanto, cada movimento, ou célula, pode carregar um fundamento, uma visão, seja ela de cunho econômico, ideológico, social, todos ou alguns, dentre outros.

Estudos mostram que as crises econômicas e políticas criam condições de descontentamento e destacam a importância da resposta do estado a essas crises. A incapacidade de lidar efetivamente com as demandas econômicas e políticas da população pode levar ao crescimento de movimentos extremistas que prometem uma alternativa radical às falhas percebidas da governança democrática.

Portanto, entender a dinâmica entre crise econômica e política e a ascensão tende a antecipar e mitigar o ressurgimento de tais movimentos. Reconhecendo os sinais de advertência e compreendendo as causas subjacentes, os formuladores de políticas e a sociedade civil podem desenvolver estratégias mais eficazes para preservar a estabilidade econômica e política e para promover uma democracia inclusiva e resiliente.

As variadas manifestações do neonazismo na atualidade, ainda carecem de maiores informações. Fatores como a heterogeneidade dos grupos e descentralização, são responsáveis para uma análise mais apurada, uma vez que cada grupo acaba se adaptando a sua realidade, todavia, é importante pontuarmos que como foi dito anteriormente, vários aspectos são perceptíveis de forma geral a todos os movimentos e se relacionam às raízes nazistas. Essa compreensão é fundamental para identificação e combate a essas ideias no ambiente escolar.

3.2 Imperialismo e Estado Nazista: a expansão como parte fundamental

Arendt argumenta que o imperialismo, entendido como a política de expansão e dominação de territórios além das fronteiras nacionais, serviu como um prelúdio e um laboratório para o totalitarismo do século XX. Ela detalha como as estruturas e práticas desenvolvidas nas colônias foram posteriormente aplicadas nos regimes totalitários na Europa, evidenciando uma continuidade direta entre as duas formas de dominação.

Andrade (2016) complementa esta análise ao estudar a primeira ocupação militar dos EUA no Haiti, mostrando como práticas imperialistas podem desestabilizar sociedades, desmantelar estruturas políticas existentes e fomentar condições propícias ao surgimento de regimes totalitários. Esta desestabilização é frequentemente acompanhada pelo racismo e pela depreciação da vida humana, características centrais tanto do imperialismo quanto do totalitarismo.

A transição do imperialismo colonial europeu transitou para formas mais burocráticas e despersonalizadas de controle, que se refletiram nos movimentos totalitários na Alemanha nazista e na União Soviética stalinista. A burocratização da opressão permitiu uma eficiência sem precedentes na execução das políticas totalitárias, que foram justificadas pela lógica imperialista de "civilizar" e "modernizar" povos considerados inferiores, construindo, assim, uma narrativa de dominação que serviu de amparo ao Estado.

O imperialismo também promoveu a ideologia de que as grandes potências tinham direitos inatos sobre territórios e populações estrangeiras, uma noção que foi adaptada para justificar a expansão territorial e a subjugação de nações inteiras sob o pretexto de uma missão civilizatória ou de uma necessidade histórica.

Assim, a relação é complexa, envolvendo a adaptação de práticas imperialistas para o contexto metropolitano europeu, a exploração de ideologias racistas e expansionistas, e o desenvolvimento de uma eficiência burocrática que facilitou o controle totalitário. O estudo destas dinâmicas ajuda a compreender as raízes e as práticas dos regimes totalitários do século XX e alerta para os perigos de políticas imperialistas contemporâneas que podem pavimentar o caminho para novas formas de dominação autoritária.

Arendt discute a manipulação da realidade através de propaganda massiva e o uso de falsificações ideológicas para criar um universo fictício, no qual as verdades são continuamente reinterpretadas para servir aos propósitos do regime. Este cenário de mentiras sistematizadas é fundamental para desmantelar a capacidade dos indivíduos de confiar em seus próprios julgamentos e percepções, um passo essencial para a eliminação da liberdade pessoal e para o estabelecimento de um controle total.

As consequências psico-sociais e morais dessa realidade alterada, destacando como o isolamento e a despersonalização são promovidos para quebrar laços sociais e comunitários. O Estado totalitário depende da erosão das relações humanas autênticas para evitar qualquer forma de solidariedade que possa ameaçar seu domínio absoluto. Além disso, discute a responsabilidade e a culpa no contexto totalitário, onde a submissão ao autoritarismo é frequentemente justificada pela necessidade de sobrevivência em um ambiente de constante ameaça e medo.

Portanto, a construção de um Estado totalitário e a eliminação das liberdades envolvem uma complexa interação de manipulação ideológica, revisão histórica, terror psicológico e desintegração das esferas pública e privada. Estes elementos combinados destroem as liberdades fundamentais e alteram a própria essência do ser humano, conforme discutido por

Arendt e analisado pelos estudiosos mencionados. Esta análise revela o perigo extremo que os regimes totalitários representam para a ordem política e para a condição humana em si.

A relação entre direitos humanos e política sob o regime nazista, destaca como a ideologia foi empregada para justificar violações extensivas dos direitos humanos. A propaganda foi crucial nesse processo, pois redefiniu conceitos de justiça e moralidade de forma a legitimar as ações do Estado nazista, como as leis de Nuremberg e os subsequentes atos de violência e genocídio contra judeus, ciganos, homossexuais e outros grupos considerados indesejáveis.

O regime nazista, portanto, impôs uma rígida estrutura ideológica e criou um sofisticado aparato de propaganda que permitiu a essa ideologia infiltrar-se profundamente na sociedade. A propaganda funcionou como um instrumento para alinhar as massas com o projeto totalitário do estado, manipulando emoções e crenças de modo a obter uma conformidade e participação ativa da população nos seus objetivos. A capacidade do regime de orquestrar tão eficazmente a propaganda revela um entendimento agudo da psicologia humana e destaca o perigo de ideologias extremistas quando combinadas com o poder de influenciar a opinião pública.

Se por um lado a expansão da territorialidade nazista era vista como um dos pilares do regime, na atualidade, podemos compreender essa expansão neonazista por outra ótica, como afirma Dias ao trazer a fala de David Lane, um dos principais representantes do neonazismo na atualidade (2008, p. 88) “Ele mexe com nosso sangue. Essa dupla dimensionalidade inseparável entre mito e genética, símbolo e organismo, alma e sangue, estão sempre presentes em toda a obra de David Lane, e dela, expandiram-se para todo o neonazismo no mundo.”

Expansão é, portanto, uma necessidade do nazismo e está presente no neonazismo que difunde suas ideias hoje principalmente por meio das redes sociais e outros aplicativos e plataformas, nos trazendo um devido sinal de alerta, uma vez que nossos jovens estão diretamente conectados com o mundo. Mas não nos enganemos, a ideia de expansão atual não se priva da simples propagação de ideias, pois o interesse é a aproximação com o Estado, a chegada ao poder.

Não podemos cair na inocência de pensar que esses movimentos são passageiros e não podem se alastrar a ponto de chegarem ao poder. Observemos uma fala de 1992 do pesquisador Lopez (1992, pg.146): “[...] Há sempre um parcela de imprevisibilidade no futuro de movimentos como o neonazismo. No Brasil, porém, nada autoriza a pensar que ele vá além do saudosismo de velhos, do entusiasmo confuso de alguns jovens e dos difusos temores que determinados indivíduos nutrem em relação ao judaísmo”.

Três anos após, encontramos nas palavras de Helena Salem um sinal de alerta, pois apesar de pequeno o intuito e o ódio, já assombravam e ela afirma (1995, pg.37):

[...] Os neonazistas podem estar mais organizados e estruturados em todo o mundo do que há uma década, mas ainda assim não passam de pequenos grupos, se comparados com as demais forças políticas nos respectivos países onde atuam. Mas nem por isso são menos perigosos. Sobretudo se levarmos em conta que constituem parte de uma realidade histórica e filosófica muito mais ampla. Uma realidade de intolerância, de rejeição às diferenças, talvez endêmica a própria história da humanidade [...].

Assim sendo, não temos como garantir que movimentos extremistas como o neonazismo não ganhará corpo a ponto de ascender ao poder, vários movimentos tem se consolidado em partidos políticos pela Europa. O Século passado com todo seu desenvolvimento não impediu a chegada ao poder de Regimes Totalitários como o Nazismo, perceber dentre as diversas manifestações, ainda que nas entrelinhas, aspectos neonazistas nos dá a oportunidade de intervir o quanto antes, pois as consequências de movimentos extremos como esses podem ser catastróficas.

Erroneamente, muitos observam o neonazismo como um movimento homogêneo e uma única perspectiva identitária. O neonazismo, porém, ganhou novas roupagens e se manifesta de acordo com o momento, local e grupo no qual está inserido. Isso se dá devido ao fato de que grupos extremistas tiveram que se reinventar para ascender politicamente e ganhar notoriedade e espaço político, como afirma Paul Hockenos em sua obra Revolução Cultural da Direita, e assim ele assinala sobre essa relação que tem se fortalecido na Europa: “O que comprova este fato é o caso Partido Republicano Alemão, fundado em 1983 na Bavária, por Franz Schönhuber, ex-membro da Waffen SS que deixava claro que se orgulhava de ter pertencido a esse grupo e argumentava que a história alemã deveria ser inocentada para facilitar a unificação”. (Hockenos, 1995. p. 68-75)

Essa expansão e consolidação vem ganhando força para além da Europa e tem chegado ao Brasil com muta fluidez. Segundo Adriana Dias “O fenômeno do neonazismo cresceu bastante na última década” (DIAS, 2008. p. 70). Isso tem se dado por diferentes fatores, dentre eles o acesso à informação por meio das mídias sociais, a disseminação dessas ideias por meios políticos e religiosos e a falta de articulação do poder público em lhe dar confrontivamente com esses crimes. No Brasil, por exemplo, os dados são carentes e o monitoramento do crescimento dessas células de ódio ainda são frágeis. Vejamos o que afirma Dias (2008. p. 71): “No Brasil, crimes de ódio racial ainda são precariamente resumidos em dados específicos, muitas vezes assinalados apenas como lesão corporal, injúria ou até homicídio e não enfatizados como crime de racismo”.

O Conselho Nacional de Direitos Humanos acendeu alerta sobre o crescimento dessas células nazistas pelo país e visitaram, no ano de 2024, quatro estados, a saber, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, afim de levantar relatório sobre a atual expansão e consolidação dessas células nazistas no país. Segundo o Jornal *O Globo e Folha de São Paulo* de 2023, o aumento de eventos antisemitas em ambientes escolares já chega a 760% em relação a anos anteriores. Segundo o Relatório de Eventos Antisemitas e Correlatos no Brasil 01/07/2022 a 31/12/2022 do Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil³ (OJDH/BR, 2023, p.68) “no comparativo entre 2021 e 2022, são sinais de alerta o crescimento de células neonazistas (530 em outubro de 2021, 1.117 em novembro de 2022)”.

Quando nos antenamos aos mais recentes estudos em torno da extrema-direita no mundo, acabamos por nos questionar se de fato não corremos o risco de um novo regime nazista ou pior que ele. A sociedade não apresenta uma reflexão em torno do que passou e isso é refletido por parte dos anseios políticos e dos que tem subido ao poder, bem como dos discursos que vem sendo construídos e tidos como verdades. Sobre isso, pontua Maschietto (2024, p. 29):

Apesar dessa tendência global de propagação da extrema-direita, é importante reforçar a heterogeneidade dos movimentos aqui incluídos e pluralidade de agendas, muitas vezes contraditórias, que embasam essas diferentes lideranças. De um lado, a própria discussão acerca das terminologias para pensar essa onda é crucial. Termos como ultradireita, direita radical, extrema-direita e sua relação com o populismo precisam ser explicitados, pois há diferenças significativas no que concerne às posturas desses grupos perante as instituições democráticas (Mudde 2022). Ao mesmo tempo, há diferenças entre as agendas de muitos líderes no que toca às especificidades de determinadas pautas, inclusive na pauta econômica.

³ Segundo o Relatório supracitado: As tabelas e as descrições dos fatos presentes nesta complementação são bastante reveladoras, demonstrando que os sinais identificados em nosso Relatório de Eventos Antisemitas e Correlatos lançado em agosto de 2022 se intensificaram. A associação entre a distribuição temporal dos eventos estudados no relatório e as circunstâncias da ação política de Jair Bolsonaro e seus interesses na disputa eleitoral, reforça a tese de que as manifestações e ataques de cunho neonazistas ocorridas nesse período não foram acontecimentos isolados. Considerando a tendência global de aumento do neofascismo, a face nacional do seu crescimento está ligada a uma extrema direita institucionalizada, que esteve no poder nos últimos quatro anos. No comparativo anual, os eventos antisemitas e neonazistas em 2022 representam quase metade dos casos do período (47,50%, 114 de 240). Com relação ao ambiente escolar, o aumento é ainda mais expressivo (74,14%, 43 de 58), praticamente a mesma porcentagem de eventos em ambiente escolar como um todo (75%, 125 de 166). No comparativo entre 2021 e 2022, são sinais de alerta o crescimento de células neonazistas (530 em outubro de 2021, 1.117 em novembro de 2022), além da ampliação da área geográfica de atuação (de 249 cidades para 298), atingindo 22 estados e o Distrito Federal. Durante o segundo semestre do ano passado, período eleitoral e pós resultados das urnas, os ataques se disseminaram pelo país, sendo o mês de novembro - após a confirmação da eleição de Luís Inácio Lula da Silva para seu terceiro mandato como Presidente da República – o de maior incidência. O mesmo se verifica em relação aos ataques em ambiente escolar. O mês que ocupa o segundo lugar em 2022 nessas manifestações é abril, quando o então presidente Bolsonaro intensificou sua guerra contra o Supremo Tribunal Eleitoral e as urnas eletrônicas, alimentando a teoria conspiratória criada por ele e seus apoiadores, enquanto fazia o anúncio de sua pré-candidatura à reeleição antes do período autorizado. Também em abril houve a condenação de seu aliado, o deputado federal Daniel Silveira (PTB-RJ) pelo STF a oito anos e nove meses de prisão em regime fechado.

O crescimento dos pensamentos ultradireitistas são inegáveis, todavia, precisamos estar atentos quanto a essa expansão e o quanto ela pode interferir diretamente na sociedade. O melhor caminho é, sem dúvida, enquanto educadores, que possamos levar nossos estudantes à reflexão como forma de tentar minimizar os impactos que estão postos e consolidando-se cada vez mais.

3.3 Respostas filosóficas, educacionais e éticas ao neonazismo

Arendt argumenta que uma das principais armas contra o totalitarismo é a promoção ativa da pluralidade e da participação política ativa. Ela acredita que o engajamento dos cidadãos na esfera pública é essencial para prevenir a emergência de regimes totalitários que prosperam em ambientes de isolamento e passividade política. Esta ideia ressalta a importância da democracia participativa e do envolvimento cívico como antídotos contra a centralização autoritária do poder. Em *A Condição Humana*, Arendt coloca que a centralização do poder é maléfica ao Estado plural quando diz que “a mais óbvia salvaguarda contra os perigos da pluralidade é a monarquia, ou o governo de um só homem, em suas muitas variedades”, (2010, p.273).

A relevância do pensamento arendtiano no contexto moderno, se destaca na aplicação das suas teorias para compreensão de novas formas que surgem no cenário mundial. Lima (2020, p. 106) discute como “da pluralidade humana, o totalitarismo fez mais do que uma massa homogênea, mais do que um exército de “turcos”. Fez uma massa amórfica.”

Tizzo (2016) examina a perspectiva ética de Arendt, particularmente sua visão sobre a responsabilidade individual diante de regimes autoritários. Se destaca que Arendt considera crucial que os indivíduos façam julgamentos morais independentes, em vez de seguir cegamente ordens ou doutrinas. Esta ênfase na responsabilidade pessoal é fundamental para prevenir a "Banalidade do Mal", que Arendt identificou como uma característica comum nos funcionários do regime nazista.

A responsabilidade individual inclui também a capacidade de discernir a verdade, resistindo à desinformação e questionando narrativas que buscam legitimar políticas de exclusão ou violência, pelo que a integridade pessoal e a busca pela verdade são essenciais para combater o impacto corrosivo do extremismo na sociedade.

A responsabilidade individual, para Arendt, é a capacidade de pensar de forma autônoma e agir com base em princípios morais, mesmo em face de pressões sociais ou políticas

extremas. Ela insiste que cada indivíduo tem o dever de fazer julgamentos morais, recusando-se a aceitar a justificativa de que 'apenas seguiam ordens'. Esta perspectiva é fundamental para entender como as estruturas totalitárias e extremistas podem ser combatidas no nível individual.

Pereira (2014) complementa esta análise ao examinar como as violações de direitos humanos em regimes autoritários, que apesar de não ser um conceito trabalhado por Hannah Arendt, ela trata exatamente da em seus escritos. Segundo a autora (PEREIRA, 2014, p.67) “qualquer leitor que leia *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo e totalitarismo*” (ARENNDT, 2012) com atenção perceberá a importância da crítica da filósofa aos direitos humanos, no que concerne às violações cometidas tanto pelos estados totalitários quanto pelas democracias”.

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos argumenta que programas educacionais que enfocam os direitos humanos fornecem conhecimento sobre leis e princípios éticos, e promovem a empatia e o respeito pelas diferenças. Tais programas são essenciais para cultivar um respeito mútuo, elementos cruciais na prevenção da disseminação de ideologias extremistas.

O compromisso com princípios éticos e a responsabilidade individual são, portanto, essenciais na luta contra o extremismo. A capacidade de cada pessoa de resistir à propaganda, questionar autoridades e fazer escolhas morais informadas é um baluarte contra a difusão do autoritarismo e da intolerância. A obra de Arendt e as contribuições de outros estudiosos na área destacam a importância de cultivar uma consciência crítica e ética nos indivíduos como parte fundamental de qualquer esforço democrático para prevenir o surgimento e a perpetuação do extremismo.

O papel da sociedade civil e das instituições é crucial na resistência ao neonazismo, uma ideologia que, apesar de suas raízes históricas, continua a encontrar ressonância em várias partes do mundo. A compreensão dessa dinâmica é essencial para desenvolver estratégias eficazes de combate a essas manifestações extremistas. Hannah Arendt (1906-1975), em *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo e totalitarismo* (ARENNDT, 2012), fornece uma análise profunda sobre como as estruturas sociais e políticas podem tanto contribuir para o surgimento quanto combatê-lo. Ela argumenta que uma sociedade civil vibrante e instituições robustas são essenciais para prevenir o desenvolvimento de regimes autoritários, pois promovem pluralidade, diálogo aberto e participação ativa dos cidadãos.

A educação pode combater a exclusão social, que frequentemente serve como um catalisador para o extremismo. Programas educacionais que promovam a inclusão social e ofereçam oportunidades iguais são vitais para desencorajar a adesão de ideologias extremistas.

Tais programas ajudam a construir uma sociedade mais coesa, onde menos indivíduos se sentem marginalizados ou sem voz, condições que muitas vezes levam a esse campo. Outrossim, a relação direta entre a filosofia e a educação são ferramentas preponderantes na superação de pensamentos e discursos extremistas em nossa sociedade.

Precisamos, portanto, adaptar estratégias educacionais para enfrentar os desafios apresentados por esse novo modelo de sociedade. Essa abordagem é crucial para preparar os alunos para navegar no complexo cenário de informações do século XXI, onde muitas vezes o extremismo se esconde atrás de uma fachada de retórica persuasiva. Nos faz necessário, abordarmos a questão dos ataques entre os anos de 2022 e 2023, compreendendo esses fatos e analisando como sociedade e governo tem se posicionado frente a essas questões, o que faremos na próxima seção.

SEÇÃO III

4- CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT PARA O COMBATE ÀS IDEOLOGIAS NEONAZISTAS NA ESCOLA

4.1 Panorama da violência nas escolas brasileiras: uma análise entre os anos de 2022 e 2023

Os anos entre 2020 e 2023 marcaram de maneira definitiva e atordoante a história da educação no Brasil, abalando as estruturas escolares, familiares, políticas e sociais como um todo, despertando medos que não estávamos habituados a compartilhar em nosso país, frente a uma Banalidade do Mal sem antecedentes em nosso país. Frente a esse cenário, houveram variadas mobilizações por parte dos governos e da sociedade civil organizada, bem como das escolas no sentido de coibir tais práticas minimizando ou mesmo combatendo essas ações, pois quando “a perversidade humana, quando é aceita pela sociedade, transforma-se, e o ato deliberado assume as feições da qualidade psicológica inerentes.” (ARENDT, 2012. p. 128). Frente a isso, se faz necessário que hajam respostas rápidas e contundentes.

Esta seção, portanto, visa desenvolver a partir do Relatório e da Cartilha MEC (Port. 1.089/2023) sobre violência e ataque às escolas uma metodologia de ensino para combater o neonazismo no ambiente escolar fundamentado nos conceitos de Banalidade do Mal e Neonazismo. Neste tópico, buscamos explorar a evolução desses ataques, analisando a tendência de crescimento ou diminuição dos casos, o perfil dos agressores, as modalidades de ataque, os impactos sobre as comunidades escolares e como a academia e instituições governamentais e não governamentais tem se posicionado sobre esses acontecimentos, a término, apresentamos uma ferramenta didática para que sirva de apoio a escola no tocante a conscientizar e combater o neonazismo em seu meio. A análise se baseia em uma revisão de literatura, com o apoio de autores que abordam diferentes aspectos da violência nas escolas e documentos oficiais.

A partir de um mapeamento feito pelo Relatório de Política Educacional com o tema, Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos, com iniciativa da D³e - Dados para um Debate Democrático na Educação, com apoio da B3 Social e da Fundação José

Luiz Egydio Setúbal, onde todos os autores desta pesquisa eram integrantes do Grupo Ética, Diversidade e Democracia na Escola Pública do Instituto de Estudos Avançados da Unicamp (GEDDEP-IdEA) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral (GEPEM) da Unesp/Unicamp para melhor compreender, analisando seus principais aspectos estruturantes com relação as características dos ataques, agressores e vítimas. Chegou-se, portanto a seguinte conclusão de ataques por ano a partir de 2001:



Figura 1 Gráfico a partir do Relatório da D³

O gráfico acima traça uma linha de 22 anos de ataques à escolas no Brasil, ele trata de todos os ataques que se decorreram nesse período independentemente da causa, para que possamos analisar melhor todo cenário. É perceptível que durante as duas décadas os ataques ocorreram em menos quantidade, tendo ganhado grandes proporções nos anos de 2022 e 2023, período ao qual esta pesquisa faz recorte para análise. Enquanto que nas duas décadas anteriores houveram 16 ataques, nos dois primeiros anos da segunda década do Século XXI foram 21 ataques. Nesses dois anos, um outro fato torna os eventos ainda mais complexos e horrendos, pois são marcados, em parte deles, pela presença do extremismo de ultra-direita manifestado no neonazismo.

O ano de 2001 marca o primeiro atentado a uma escola no Brasil em Macaúbas na Bahia em 06 de agosto quando o agricultor Robério Souza de Oliveira, 18 anos, invadiu uma escola na cidade e feriu seis alunos e uma professora e depois se matou com um tiro na cabeça. Para chegar à sala de aula onde estudavam 32 alunos, matriculados na sétima série, o agricultor pulou

o muro lateral de 2,5 metros da Escola Estadual Aloísio Short, localizada no centro de Macaúbas (706 km de Salvador). Esse ataque não teve relações com o neonazismo mas marcava o início de uma série de ataques que se desenvolveriam em diversas escolas pelos país e destes, vários teriam relação com essa ideologia extremista.

Foi somente no início da segunda década dos anos 2000 que os ataques armados nas escolas começaram a se tornar mais frequentes, com casos como o ataque na escola em Realengo (RJ), em 2011, que ganhou ampla repercussão. Esse evento foi um marco importante, pois trouxe à tona a violência extrema nas escolas e a necessidade urgente de uma resposta governamental coordenada. Com o aumento dos ataques armados e o uso de armas de fogo e facas, o cenário da violência escolar começou a mudar radicalmente, refletindo uma sociedade mais polarizada e, em muitos casos, desestruturada, o que parecia ser algo comum e muitas vezes negligenciada, dada a incidência constante de fatos no ambiente escolar, alçou outro prisma sem antecessores no país.

Os ataques às escolas, embora ganhem destaque na contemporaneidade, têm raízes históricas que refletem transformações sociais e tecnológicas. O Brasil, a partir de 2020, passou a enfrentar uma crescente intensificação desses episódios, marcados por especificidades que evidenciaram as fragilidades institucionais e sociais do país. É nítido que o aumento de ataques em escolas brasileiras está relacionado ao crescimento do discurso de ódio online e à disseminação de ideologias extremistas, que se aproveitam da vulnerabilidade emocional e social de muitos jovens. Essa disseminação, intrinsecamente ligada aos movimentos neonazistas que carecem de visibilidade e assim buscam a propaganda, aspecto notado no próprio Nazismo Alemão e que teve a propaganda como ferramenta de dominação e doutrinação (ARENDT, 2012).

Os ataques armados nas escolas brasileiras, como discutido por Camine e Neitzel (2023), têm características próprias, incluindo a motivação ideológica e a busca por notoriedade por parte dos agressores. A prática desses ataques nas escolas deixou de ser uma novidade e nos últimos anos, especialmente entre 2022 e 2023, esse tipo de violência se intensificou, gerando um novo fenômeno de insegurança nas comunidades escolares. Esses eventos são marcados por um nível de violência que vai além do que era previamente conhecido, com episódios de massacre envolvendo múltiplas vítimas. A frieza com a qual foram realizados os ataques apontam diretamente para o conceito de Banalidade do Mal por nós discutido anteriormente e nos informa que tal atitude ainda não foi superada.

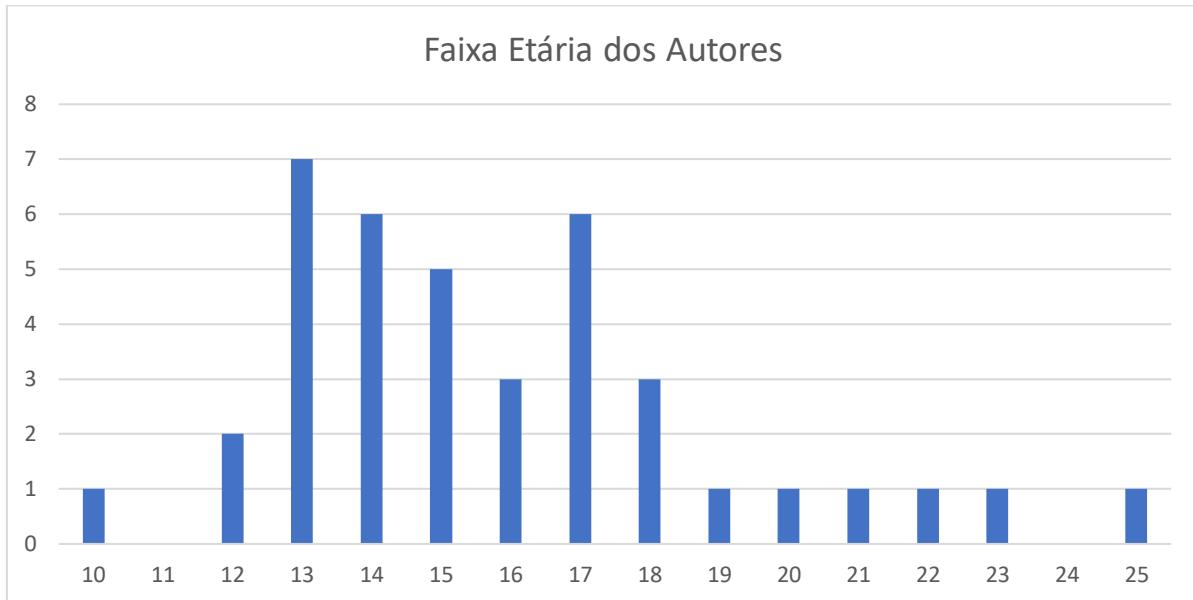
A violência nas escolas brasileiras, especialmente em suas formas mais extremas, como os ataques armados, tem sido um fenômeno crescente nas últimas décadas. No período aqui

analisado, esse problema alcançou proporções alarmantes, gerando debates sobre suas causas, impactos e as respostas institucionais adotadas. Vale salientar que nem todos os ataques foram decorrentes de ideologias extremistas neonazistas, todavia, faltam dados mais concretos para fundamentar as reais causas de cada ataque.

O que de fato é verídico e fica muito claro é que grupos de extrema-direita com ideologias neonazistas em seu bojo, tem crescido e que parte desses ataques às escolas no Brasil se deu exatamente com fundamento nessas ideologias. A maldade nesse contexto assume um outro patamar que não é mais a violência em si, mais atrelada a uma ausência do pensar, levada pelo ódio disseminado em meio ao recrutamento e doutrinação extremista dos valores nazistas. Tal qual Arendt via uma nova forma de Regime de Governo opressor ao que ela mesmo denominava na sua obra Entre o Passado e o Futuro de “ineditismo”, entendendo que tais crimes não se encaixavam nos “padrões tradicionais” (2022, p.54), estamos diante de uma nova forma de prática da violência, uma nova forma de prática da maldade.

Quando analisamos os dados podemos ter diferentes percepções. Em sua maioria, observa-se um olhar de que a escola pública é o principal alvo desses ataques e isso pode ser justificado, por alguns fatores, como por exemplo a vulnerabilidade da escola pública ser mais elevada em relação às escolas particulares, uma vez que fatores como a abertura a toda comunidade, menor aparato de equipamentos que possam proteger a escola, mais fácil acesso, são protagonistas nessa equação. Mas o que nos chama atenção é que em números percentuais a Escola Particular é mais atacada, levando em consideração os dados da GEDDEP-IdEA a Escola Pública aparece com 46% dos casos, enquanto que a Escola Privada aparece com quase 54%, isso no caso se levarmos em consideração a quantidade de escolas atacadas em relação a quantidade de escolas existentes por setor analisado.

Por outro lado, nota-se que a participação de adolescentes é muito comum. O recrutamento de pessoas dessa faixa etária, está presente desde as formações de soldados nazistas. No documentário “Assassinos Adolescentes de Hitler” (Nathional Geográfic, 2020) é notória, além de toda formação militar a ideologia que é trabalhada na mente dos adolescentes, bem como o papel doutrinador de formação da equipe treinada. Observamos, portanto, que não é nova a prática de formar o meio adolescente direcionando-os a essas práticas, as ideologias neonazistas, acabam atraindo adolescentes e jovens, o que é um aspecto notado desde o próprio nazismo, dado seu poder de influência e propaganda.



Foram 39 autores desses ataques, mas quando observamos o gráfico etário dos acusados, é de assustar o número de adolescentes que participam ativamente desses ataques, a maior parte dos agressores tem até 18 anos de idade. Segundo dados da D³ do Relatório de Política Educacional com o tema, Ataques de violência extrema em, escolas no Brasil: causas e caminhos a quase totalidade desses autores tinham relação com a escola, desses 39, 22 eram estudantes, 17 ex-estudantes e 7 haviam abandonado a escola. Percebemos, portanto, que havia uma íntima relação entre escola e autor dos fatos.

O risco nesse sentido é muito grande, principalmente quando se trata de sujeitos ainda em formação e com pouca maturidade, que acabaram por fatores diversos sendo absorvidos por essas ideias e isso pode gerar nesses jovens o que Hannah Arendt (1906-1975) vai destacar na fala de Eichmann como “Idealismo”, na visão de Arendt “por essa ideia ele estava disposto a sacrificar a tudo e, principalmente a todos” (ARENKT, 1999, p. 54). A Banalidade do Mal observada nesses ataques, relaciona-se bem ao que Eichmann disse em seu interrogatório na polícia que “teria mandado seu próprio pai para a morte se isso tivesse sido exigido” (ARENKT, 1999, p.54).

Um outro ponto interessante que fica evidente nesses ataques é o uso de arma de fogo, que foi responsável pela maior parte dos homicídios, incluindo cinco suicídios nesse período. Segundo o Relatório de Política Educacional com o tema, Ataques de violência extrema em, escolas no Brasil: causas e caminhos, com iniciativa da D³e - Dados para um Debate

Democrático na Educação, com apoio da B3 Social e da Fundação José Luiz Egydio Setúbal, das 35 vítimas fatais 33 foram mortas por arma de fogo, no total, porém, foram 101 vítimas atingidas. Não menos agressivo, mas gerando uma outra perspectiva de análise, foram 24 vítimas com facas e 10 com machadinhas.

A questão de destacar o uso de armas de fogo na maior parte desses ataques às escolas é o acesso a essas armas, entendendo que em parte importante desses casos a arma era de propriedade de algum ente do agressor e que ele tinha acesso a ela. Nota-se ainda que das escolas atacadas, segundo o mesmo relatório, o nível sócio-econômico da maioria era médio, médio-alto ou alto, inserindo diretamente os agressores aos meios mais elevados do poder aquisitivo econômico.

O perfil dos que realizaram ataques nas escolas brasileiras é outro aspecto importante a ser analisado. De acordo com o estudo de Camine e Neitzel (2023), muitos dos responsáveis pelos ataques possuem uma faixa etária entre 14 e 20 anos, frequentemente com histórico de dificuldades emocionais e comportamentais, como transtornos de ansiedade e depressão. Esses fatores psicológicos, somados a dificuldades no ambiente familiar e escolar, são comuns entre os jovens envolvidos nesses incidentes.

Além disso, o estudo de Guimarães et al. (2022) aponta que a maioria dos agressores tem um histórico de bullying ou exclusão social nas escolas, o que pode ser um fator de motivação para o comportamento agressivo. Outro ponto relevante é que ficou identificado que muitos desses indivíduos possuem um interesse em movimentos extremistas e, em alguns casos, buscam inspiração em ataques semelhantes que ocorreram em outros países, como os tiroteios escolares nos Estados Unidos. Essa busca por notoriedade, associada a uma ideologia extremista, é uma característica que vem se tornando cada vez mais evidente, conforme evidenciado por Gomide (2023).

A relação entre o extremismo de direita e os ataques às escolas é complexa e multifacetada. O cenário atual é resultado de uma série de fatores que vão desde questões socioeconômicas, culturais e políticas até influências externas, como a amplificação de discursos de ódio nas redes sociais. O comportamento radicalizado de jovens no Brasil não pode ser visto apenas como um reflexo de insatisfações pessoais ou familiares, mas também como uma resposta às transformações sociais e ao contexto político mais amplo, que favorecem a ascensão de discursos que pregam a intolerância, o autoritarismo e a exclusão.

O fenômeno do extremismo de direita tornou-se um problema crescente entre adolescentes e jovens no Brasil, especialmente no contexto das escolas, onde incidentes de violência e intolerância têm aumentado consideravelmente nos últimos anos. O ataque às

escolas, por meio de atos violentos, como tiroteios e massacres, tem sido um reflexo da radicalização ideológica de muitos jovens, que veem no extremismo uma forma de afirmação pessoal e ideológica e da Banalidade do Mal que cerca esses movimentos. Esses atos de violência são muitas vezes alimentados por um discurso de ódio, exclusão social e intolerância, exacerbados pelas redes sociais e pela presença de grupos extremistas que fomentam o ódio e a ideologia neonazista.

O contexto histórico desses ataques no Brasil está diretamente ligado às essas mudanças nas dinâmicas sociais e tecnológicas das últimas décadas. A ascensão das redes sociais e de plataformas online permitiu a formação de comunidades virtuais que promovem discursos de ódio e violência. Essas plataformas não apenas amplificam ideologias extremistas, mas também oferecem um espaço onde indivíduos vulneráveis encontram validação para suas ações, tornando-se um catalisador para ataques premeditados.

O papel da internet na disseminação de ideologias extremistas é de primordial importância no desenvolvimento dessas ações. A facilidade de acesso a conteúdos violentos e a participação em comunidades virtuais que glorificam a violência têm contribuído significativamente para a normalização de comportamentos agressivos. Esse cenário é agravado pela falta de regulamentação eficaz sobre o uso dessas plataformas, permitindo que discursos de ódio e incitação à violência sejam amplamente compartilhados.

A pandemia de COVID-19, desempenhou um papel significativo nesse cenário. O isolamento social imposto pela pandemia exacerbou sentimentos de solidão, alienação e desamparo em muitos jovens. Esse contexto criou um terreno fértil para o aumento da vulnerabilidade psicológica e emocional, fatores que foram explorados por redes extremistas online. Como resultado, muitos jovens passaram a se envolver em discursos e ações violentas, intensificando os riscos de ataques às escolas.

Os ataques às escolas brasileiras atingiram não apenas as comunidades escolares envolvidas nos massacres diretamente, ou seja, não envolveu apenas os ambientes onde ocorreram as tentativas e os assassinatos de fato, mas colocou todo cenário da educação do país no mesmo arcabouço, tendo aumentado gravemente e levando o pânico a todos os estados e municípios de algo que até uma década atrás não era um problema para o país e que a partir de então se tornou uma problemática a ser discutida e combatida em todo o território nacional.

Partindo dessa ótica, nos colocamos inseridos nesse ambiente de terror, fomentado ainda pelo fato de que houveram articulações e tentativas dentro do estado de Pernambuco, inclusive, no Município de Ipojuca, quando em meio as ameaças, algumas investigações da policial direcionavam para possíveis ameaças nos ambientes escolares deste município. Os grupos

comunitários e redes sociais passaram a divulgar o que a momento não se sabia se eram verdades ou fake News sobre o fato. O medo e a tensão, foram motivadores para uma série de ações que colaboraram para o aumento da segurança escolar e o desencadeamento de uma série de discussões sobre o tema da violência nas escolas.

Segundo o Relatório de Política Educacional com o tema, Ataques de violência extrema em, escolas no Brasil: causas e caminhos entre os anos de 2022 e 2023 os ataques se distribuíram pelo país da seguinte maneira:



Entre os anos de 2022 e 2023 ocorreram 21 ataques às escolas, sendo 10 ataques no ano de 2022 e 11 ataques em 2023. A maior concentração desses ataques no Sudeste do país, com São Paulo em primeiro tendo 6 ataques e Rio de Janeiro em segundo com 4. O que é interessante destacar ainda nesses incidentes é que se compararmos duas décadas de ataques às escolas dos 36 ataques em 22 anos, 21 ocorreram entre fevereiro de 2022 a outubro de 2023 um aumento nesse período de 58,33% em relação as décadas anteriores o que nos desperta total atenção a esse período.

Os ataques às escolas, especialmente os motivados por ideologias de extrema direita, têm causado um impacto profundo na sociedade. Além das vítimas fatais e dos feridos, os atentados geram um clima de insegurança e medo nas comunidades escolares e nas famílias. O aumento da violência nas escolas tem gerado um ciclo de pânico, que se estende para além das vítimas diretas, afetando a percepção de segurança na sociedade como um todo. Os ataques alimentam um clima de medo constante, no qual os estudantes e os profissionais da educação se veem vulneráveis a atos de violência a qualquer momento. O medo, inclusive, era tão mais

persuasivo que a própria propaganda nos Regimes Totalitários (ARENDT, 2012) , portanto, as raízes do neonazismo apontam que o medo era uma ferramenta para dominação das massas.

Os dados da D³ mostram que quanto ao perfil dos autores todos eram do sexo masculino, em sua maioria brancos (com exceção do autor de Realengo-RJ e de Poços de Caldas-MG) e com idade entre 10 e 25 anos. Destacamos ainda que 76,92% eram menor de idade e 46,15% tinham entre 13 e 15 anos quando cometem os ataques. Segundo o Segundo o Relatório de Política Educacional com o tema, Ataques de violência extrema em, escolas no Brasil: causas e caminhos (2023, p.17):

Em geral, os autores tinham relações interpessoais mais restritas, com um ou dois colegas e certo isolamento social. Não eram considerados “populares” na escola. Demonstravam gosto pela violência e culto às armas de fogo e possuíam concepções e valores opressores (racismo, misoginia e ideais nazistas).

Movimentos extremistas têm, portanto, se infiltrado nas escolas brasileiras, conforme analisa Camine e Neitzel (2023). Alguns autores buscam justificar seus atos em ideologias extremistas ou manifestos relacionados à violência, o que torna esses ataques ainda mais complexos de serem prevenidos. A natureza ideológica dos ataques está associada, muitas vezes, a um desejo de disseminar ideias violentas e angariar apoio para suas causas, o que agrava a situação.

Os impactos são, portanto, imensuráveis, atingindo não apenas as vítimas diretas, mas as famílias e toda a comunidade escolar, bem como todos que de forma direta ou indireta relacionam-se com o meio educacional do país. Suas influências vão para além do fato em si, estendendo-se por territórios e anos além do momento em curso. Segundo o Relatório de Política Educacional com o tema, Ataques de violência extrema em, escolas no Brasil: causas e caminhos (2023, p.12): “As características do contexto escolar fazem com que os impactos negativos da violência sejam potencializados, com efeitos não apenas nas vítimas fatais e não fatais e suas famílias, mas também em todos os que sobreviveram na escola, além de seus familiares e a comunidade no entorno.”

Historicamente, a violência em escolas também está associada a crises políticas e sociais mais amplas. Ferrara et al. (2019) destacam que períodos de instabilidade política, como os vividos pelo Brasil nos últimos anos, tendem a aumentar a polarização social e a desconfiança nas instituições. Essas condições criam um ambiente onde ideologias extremistas prosperam, alimentando o ciclo de violência. Nesse sentido, os ataques às escolas não podem ser entendidos como eventos isolados, mas sim como parte de um fenômeno maior que reflete as tensões sociais de uma sociedade em crise.

A mídia, por sua vez, tem desempenhado um papel crucial na amplificação desses eventos, muitas vezes enfatizando a identidade dos perpetradores e as circunstâncias dos ataques, o que pode contribuir para a popularização dos atiradores e incitar outros jovens a repetirem tais atos. A exposição exagerada dos ataques nas redes sociais e nos meios de comunicação pode servir como um incentivo para que jovens que compartilham da mesma ideologia extremista busquem imitar o comportamento violento, como uma forma de alcançar notoriedade ou validação social (Guimarães et al., 2022).

É possível dizer que houve uma diminuição gradual de ataques em algumas regiões do Brasil, após a implementação de novas políticas de segurança e de apoio psicológico. A diversidade de dados e a falta de um sistema único de monitoramento dificultam uma comparação exata, mas as informações disponíveis indicam uma persistência do problema, com altos e baixos nas tendências de violência.

A partir de então, percebia-se de forma geral alguns aspectos que já eram sabidos como o compromisso de toda a sociedade com a escola e a educação, pois a ampla mobilização da União, Estados, Municípios, Família e organizações sociais foram determinantes para superar essa onda de ataques que sacudiu e impactou o cenário das escolas e da educação do país, ceifando consigo mais de cinquenta vidas de forma violenta e desumana.

Por fim, é crucial destacar que a escola, enquanto instituição, tem sido desafiada a se reinventar diante dessas mudanças históricas. Cezar (2019) propõe que a escola deve adotar uma abordagem mais proativa na promoção de valores como empatia, inclusão e convivência pacífica. Essa perspectiva exige que as políticas educacionais se adaptem às novas realidades, abordando não apenas os sintomas da violência, mas também suas causas estruturais e culturais.

Portanto, compreender o contexto principal dos ataques às escolas é essencial para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção. Enfrentar esse problema requer uma abordagem integrada que combine esforços educacionais, sociais e tecnológicos, promovendo um ambiente escolar mais seguro e acolhedor para todos. Dessa forma, será possível resgatar o papel da escola como um espaço de aprendizado, convivência e transformação social, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

4.2- O histórico da violência no Brasil

Os ataques às escolas brasileiras variam em modalidades, desde agressões físicas, como brigas e confrontos, até incidentes mais graves envolvendo armas de fogo e facas. Segundo Guimarães et al. (2022), um padrão crescente de ataques armados, com uso de pistolas,

revólveres e facas, tem se manifestado, especialmente em escolas públicas localizadas em áreas urbanas periféricas. Esses incidentes geralmente são caracterizados por uma motivação relacionada à vingança pessoal ou a um desejo de notoriedade, como sugerido por Gomide (2023).

A violência nas escolas brasileiras tem uma história complexa e multifacetada, que reflete as transformações sociais, políticas e culturais ocorridas ao longo do tempo. Desde os primeiros registros de conflitos interpessoais até os ataques armados contemporâneos, a violência escolar evoluiu, tornando-se um dos principais desafios enfrentados pelo sistema educacional. Este contexto histórico é fundamental para entender as origens e as causas da violência nas escolas e como as transformações sociais impactaram o ambiente escolar ao longo das décadas.

Autores como Ferreira et al. (2023) e Camine e Neitzel (2023) fornecem uma base importante para analisar essa evolução, fornecendo uma compreensão mais aprofundada dos fatores que moldaram a violência nas escolas no Brasil.

A violência nas escolas, analisada sob uma perspectiva histórica e filosófica, remonta aos primórdios da organização social humana, onde disputas por poder, território e ideologia se manifestavam em espaços de convivência e aprendizado.

Desde a Grécia Antiga, as instituições educacionais eram tanto locais de formação cidadã quanto arenas de conflito. Platão e Aristóteles, por exemplo, enfatizavam a importância da educação na criação de harmonia social, mas reconheciam que as tensões eram inerentes às interações humanas. Essa visão é retomada por Ferrara et al. (2019), que destacam a educação como um espaço simbólico, permeado por conflitos derivados de desigualdades sociais e culturais.

Na Idade Média, as escolas, muitas vezes ligadas à Igreja, enfrentaram resistências de grupos que contestavam os dogmas religiosos. Esse contexto reflete o caráter multifacetado das violências escolares, conforme apontado por Ferreira et al. (2023), que identificam a escola como um reflexo das desigualdades estruturais de cada época. Rousseau, em sua obra *Emílio*, sugere que a repressão da liberdade individual e o descuido com as necessidades emocionais no ambiente educacional eram catalisadores de tensões e comportamentos agressivos, ressaltando a conexão entre as estruturas educacionais e os problemas sociais mais amplos.

Com a Revolução Industrial, as escolas passaram a refletir as desigualdades econômicas e sociais de maneira ainda mais evidente. Para Bauman, em suas análises sobre a modernidade líquida, o enfraquecimento das relações comunitárias intensificou a fragmentação social, criando um terreno propício para o surgimento de violências simbólicas e físicas, especialmente

em ambientes como as escolas. Gomide (2023) complementa essa análise, apontando que as dinâmicas contemporâneas da violência escolar, incluindo os ataques armados, têm raízes em crises de pertencimento e no isolamento gerado pela sociedade digital.

Os primeiros registros de violência nas escolas no Brasil podem ser encontrados no período colonial e no império, quando as escolas eram predominantemente destinadas à elite e o sistema educacional era restrito. A violência, no entanto, não se manifestava de maneira tão explícita como hoje, sendo muitas vezes camouflada por práticas autoritárias no ensino, como o castigo físico. Naquela época, a violência nas escolas estava diretamente relacionada ao autoritarismo social e à hierarquia rígida dentro do sistema educacional. As escolas refletiam as tensões da sociedade e a violência se manifestava de forma mais velada, através da opressão dos alunos pelas figuras de autoridade, principalmente os professores e diretores.

A violência nas escolas começou a se manifestar de forma mais visível no século XX, com a expansão da educação pública. Durante os anos 1920 e 1930, o Brasil vivia um contexto de urbanização crescente e mudanças no perfil da população escolar, com o aumento do número de jovens das classes populares frequentando as escolas. A violência escolar, nesse período, estava intimamente relacionada ao processo de urbanização e ao aumento das desigualdades sociais.

Ferreira et al. (2023) apontam que a introdução de novas leis de educação, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961, contribuiu para a democratização do ensino, mas também aumentou a tensão nas escolas, que passaram a lidar com um número crescente de alunos em contextos sociais mais difíceis.

A década de 1960, marcada pela ditadura militar, também tem sua importância no contexto da violência escolar. Durante esse período, a repressão política gerou uma atmosfera de medo e controle dentro das escolas. A violência escolar estava diretamente relacionada à repressão política, sendo praticada tanto por parte do Estado quanto por estudantes que se opunham ao regime. Camine e Neitzel (2023) destacam que, além da repressão política, a violência nesse período também refletia as tensões sociais e as disputas por espaço e poder dentro das escolas.

Nos tempos atuais, os ataques às escolas representam uma forma extrema de violência que transcende os conflitos interpessoais e assume dimensões ideológicas e simbólicas. Ferrara et al. (2019) destacam o papel das redes sociais na amplificação de discursos de ódio e na criação de comunidades extremistas que legitimam a violência como meio de expressão. Como explica Ferreira et al. (2023.p.109): Esses ataques refletem não apenas crises individuais, mas

também a desestruturação de valores coletivos em um mundo cada vez mais desconectado e fragmentado.

Historicamente, as escolas nunca foram apenas espaços de aprendizado neutros, mas sim microcosmos das dinâmicas sociais. A evolução da violência nas escolas, de conflitos interpessoais a manifestações de crises existenciais e ideológicas, exige uma abordagem filosófica que compreenda as raízes dessas tensões. Conforme apontado por Ferreira et al. (2023), é essencial promover valores de empatia e diálogo no ambiente escolar, resgatando o papel da educação como promotora de convivência pacífica e transformação social.

As escolas, tradicionalmente vistas como espaços de formação e socialização, refletem as dinâmicas sociais que as circundam, incluindo as violências estruturais, interpessoais e simbólicas. Embora o ambiente escolar seja pensado como um local seguro, ele frequentemente se torna palco de comportamentos violentos que variam de agressões verbais e bullying até episódios extremos, como ataques armados. Como destacado por Gomide (2023,p.122): A escola não apenas sofre com as violências externas, mas também pode reproduzir as desigualdades sociais e econômicas que moldam os conflitos em seu interior.

Ferrara et al. (2019) argumentam que a naturalização de pequenas violências no cotidiano escolar pode criar um ambiente permissivo, onde atos de maior gravidade encontram terreno fértil. Por exemplo, práticas como bullying e intimidação, quando não enfrentadas de forma eficaz, tendem a perpetuar uma cultura de medo e exclusão, contribuindo para a intensificação dos conflitos. A exclusão social e a marginalização de certos grupos ou indivíduos são elementos-chave nesse processo, pois essas experiências podem gerar ressentimento e alimentar comportamentos agressivos.

Além disso, a violência na escola pode ser entendida como uma extensão das desigualdades estruturais que permeiam a sociedade. Ferrara et al. (2019) enfatizam que escolas localizadas em regiões socialmente vulneráveis enfrentam desafios ainda maiores, incluindo maior exposição à criminalidade e à violência comunitária. Nesse contexto, os alunos muitas vezes internalizam comportamentos violentos como uma resposta aprendida às adversidades que vivenciam. Como resultado, a escola torna-se não apenas uma vítima da violência, mas também um reflexo das condições sociais que perpetuam esse ciclo.

Por outro lado, a violência extrema nas escolas, como ataques armados, representa uma intensificação drástica do problema e levanta questões sobre a segurança e o papel da escola na formação de indivíduos. Ferreira et al. (2023) destacam que, em muitos casos, os perpetradores desses ataques têm um histórico de exclusão, isolamento social e, frequentemente, experiências negativas dentro do ambiente escolar. Esses fatores, aliados à disseminação de discursos de

ódio e ideologias extremistas online, contribuem para que esses indivíduos vejam a violência como uma forma de expressão ou retaliação.

A escola, no entanto, tem o potencial de atuar como um espaço de ressignificação e acolhimento. Entendemos que o fortalecimento de políticas educacionais inclusivas e o incentivo ao diálogo aberto podem ajudar a mitigar os efeitos das violências cotidianas, criando um ambiente mais saudável e seguro para todos os envolvidos. Nesse sentido, compreender as violências que permeiam as escolas como um fenômeno multifacetado e interconectado é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

4.3- O extremismo como fundamento dos ataques

Os ataques de violência extrema contra escolas são caracterizados por sua intencionalidade e impacto devastador, visando causar danos físicos, psicológicos e sociais profundos. Esses eventos, que frequentemente resultam em perda de vidas, transformam o espaço escolar em cenário de terror e ruptura, abalando a confiança na escola como um ambiente seguro.

A violência nas escolas começou de forma mais branda, com conflitos interpessoais entre alunos, como brigas e agressões verbais. Esses conflitos eram, muitas vezes, resultado de disputas territoriais, diferenças de classe social ou questões de bullying, que, embora preocupantes, eram tratadas de forma isolada e, na maioria das vezes, sem uma intervenção sistemática da sociedade ou do Estado. O conceito de "violência escolar", como discutido por Gomide (2023), começa a ser mais amplamente reconhecido nas décadas de 1980 e 1990, quando a expansão das escolas públicas e a urbanização das grandes cidades começaram a agravar as tensões sociais dentro das instituições de ensino.

Na década de 1990, com o aumento das desigualdades sociais e da violência nas grandes cidades, os conflitos dentro das escolas também começaram a se intensificar. Durante esse período, a violência nas escolas passou a ser mais do que um simples reflexo de disputas pessoais, tornando-se um problema estrutural e sistêmico, com a participação crescente de gangues e grupos organizados nas escolas. Guimarães et al. (2022,p.79) observam que: “O cenário de desigualdade social, somado à falta de políticas públicas de segurança nas escolas, favoreceu o aumento de atos violentos.”

Com o avanço das redes sociais, disseminaram-se por todo país diversas linhas de pensamento, dentre elas as neonazistas, que se utilizaram com grande ímpeto das redes sociais como meio de divulgação dos seus ideais, gerando vários adeptos e construindo redes de apoio

e propagação dos seus pensamentos e sentimentos, abarcando assim, bolhas que fomentavam os mesmos pensamentos, refletindo diretamente na sociedade.

Os ataques às escolas brasileiras entre 2020 e 2023 emergem como um fenômeno alarmante, revelando uma crise que transcende as instituições de ensino e atinge profundamente o tecido social. Esses eventos configuram-se como atos premeditados de violência extrema que utilizam o ambiente escolar como palco para a manifestação de discursos de ódio e ideologias extremistas. Tais ataques, caracterizados por uma intencionalidade destrutiva, representam um desafio não apenas para a segurança das escolas, mas para a própria integridade dos valores que essas instituições deveriam fomentar, como a convivência pacífica e a educação cidadã.

Langman (2015) sugere que a escolha da escola como alvo não é aleatória. Esses ataques simbolizam uma ruptura com a norma social e uma tentativa de transmitir uma mensagem de ódio e poder. No contexto brasileiro, Guimarães et al. (2022) reforçam que o aumento desses ataques está diretamente relacionado à crescente circulação de discursos extremistas, que encontraram nas redes sociais um ambiente fértil para sua propagação. Esses discursos não apenas incitam atos de violência, mas também criam uma cultura de medo e insegurança que mina a função social e educativa das escolas.

A violência extrema nas escolas brasileiras é, assim, mais do que uma questão de segurança: é um sintoma de uma crise mais ampla nos valores que fundamentam a sociedade contemporânea. Como apontam Ferreira et al. (2023,p.181): Os ataques refletem a falha coletiva em lidar com a exclusão, a alienação e o ódio, que encontram eco em discursos extremistas e ações destrutivas.

Reconhecer essa problemática como um fenômeno social e filosófico é o primeiro passo para construir soluções que resgatem a escola como um espaço de educação, convivência e esperança. Ferrara et al. (2019) destacam que a escolha da escola como palco para esses atos não é aleatória; ao contrário, ela carrega um forte simbolismo, pois a escola representa um espaço de formação, conhecimento e civilidade. Ao atacar instituições escolares, os perpetradores buscam atingir não apenas as vítimas diretas, mas também o papel social da escola enquanto promotora de cidadania e progresso.

Esses atos refletem uma sobreposição de problemas estruturais e individuais. Por um lado, há fatores como traumas psicológicos, exclusão social e alienação, que potencializam a motivação dos agressores. Por outro, existem falhas sociais, como desigualdades sistêmicas e a falta de políticas públicas efetivas que promovam segurança e inclusão.

A intencionalidade é outro aspecto central. Esses ataques são premeditados, e não meras explosões de violência ocasional. Eles geralmente envolvem planejamento detalhado e acesso

a armas, como observa Langman (2015), o que torna evidente que o fenômeno vai além de conflitos interpessoais. O objetivo desses atos é tanto causar dor física quanto desestabilizar simbolicamente a escola como uma instituição segura e transformadora. Assim, o ataque à escola é também um ataque à ideia de comunidade e ao propósito de uma educação voltada para a convivência pacífica e a construção de valores democráticos.

Abaixo, observamos dois posts que constam no Relatório ...



O Relatório do Observatório Judeu cita ainda (2023, p.35):

Em Porto Belo, no litoral catarinense, em 11 de agosto um homem investigado por fazer apologia ao nazismo e disseminar ódio contra negros e judeus nas redes sociais foi alvo de um mandado de busca e apreensão. O jovem confirmou sua admiração por Adolf Hitler. A investigação foi iniciada em julho de 2022 e apurou-se que o investigado é suspeito de realizar publicações racistas e antisemitas há vários anos. Também está sendo apurada a prática de "stalking" (crime de perseguição).

Esse é apenas mais um dos vários relatos que são expostos neste relatório, todos carregados de ódio, movidos pelo “não pensar”, pela ausência de reflexão, um verdadeiro expoente da banalidade do mal e de como tem se tornado algo natural e comum. Essa banalização tem sido exposta nesses movimentos e demonstrando a capacidade humana de odiar e praticar atos de maldade sem a menor reflexão possível.

O Relatório do MEC mediante a Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023

4.4- O Relatório do MEC: interpretação do governo e possibilidades

Em 2023 o Governo Federal instituiu um Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, estabelecido pela Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023, onde tiveram como objetivo, “colaborar com a compreensão do fenômeno dos ataques às escolas no Brasil e propor caminhos para a ação governamental e para a formulação de políticas públicas” (Brasil,

2023. p.8). O produto deste trabalho resultou de um importante relatório oficial e numa cartilha com recomendações para as escolas no enfrentamento a possíveis ataques às escolas. Esse documento será uma das bases desta seção.

O relatório vê como “razoavelmente recente” as práticas de ataques às escolas, principalmente no Brasil, onde até o final do século passado não tivemos notícias desses padrões o que foi ampliado entre os anos de 2022 e 2023. Segundo o relatório as ações são motivadas por subculturas de ódio e encontram nas plataformas digitais um campo propício para a propagação das suas ideias e expansão dessas, o que corrobora com o que está posto e apresentado nesta pesquisa. Colaborando com essa visão o Relatório de Eventos Antissemitas e Correlatos no Brasil 01/07/2022 a 31/12/2022 do Observatório Judaicos dos Direitos Humanos no Brasil (2022, p.21):

A dificuldade de combatê-los reside não apenas no fato de terem apoio dessas lideranças, mas também pelo fato de, quando identificados, desmancharem-se e se reorganizarem. Com isso, conseguem manter a farta distribuição de material criminoso no submundo da internet, como a literatura que nega o Holocausto ou nosso histórico de escravidão, plena de mentiras, falsas premissas e teorias da conspiração. Esse tipo de material é fornecido gratuitamente aos iniciantes, disfarçado de alta qualidade acadêmica.

A facilidade de acesso a essas informações que são elaboradas de maneira a parecerem sólidas e fundamentadas cientificamente, soma-se aos discursos e outros padrões de ódio, que negam o holocausto, agridem as minorias e propagam discursos contra grupos minoritários, tendo-os como inferiores. O campo da internet gera um sentimento de impunidade e de camuflagem que fomenta tais movimentos, atraindo principalmente jovens que vezes movidas por questões pessoais acaba potencializando e ressignificando sua ira. Ainda sobre o campo das plataformas virtuais o Relatório de Políticas Educacionais da B³ Social pontua (2023, p.29):

As comunidades e o acesso a conteúdos extremistas e violentos on-line podem ser encontrados facilmente na superfície da internet por, ao menos, dois caminhos: pela internet aberta e pública, em que muitos desses conteúdos têm circulado livremente em perfis de redes sociais; e em espaços privados, por meio de grupos com acesso restrito (comunidades, servidores).

Entre os períodos de 2019 e 2023, pois foi onde tivemos a maior quantidade de ataques, alguns deles ainda não elucidados completamente quanto a sua motivação, desenhando um panorama duvidoso quanto aos reais motivos. É consenso, porém, que de fato as redes sociais são o universo de maior expansão dessas ideias, onde se propaga e recruta adeptos. Segundo o Relatório Oficial do Governo (Brasil, 2023, p. 20):

O fenômeno dos ataques às escolas é um tipo razoavelmente recente de violência, com características próprias, mobilizado por subculturas de ódio que encontraram nas plataformas da Internet um espaço propício para a articulação de agressões e disseminação do terror. Além disso, os ataques vitimizam comunidades escolares, que

são coletivos essenciais para a realização da tripla missão constitucional da educação, inscrita no artigo 205 da Lei Maior⁷: “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

A análise histórica e social do fenômeno revela que os ataques não surgem em um vácuo. Para Gomide (2023), esses atos estão profundamente enraizados em contextos de desigualdade social, desestruturação familiar e alienação, elementos que encontram amplificação no ambiente virtual por meio de redes extremistas e discursos de ódio. A pandemia de COVID-19, destacam Ferreira et al. (2023), exacerbou as fragilidades psicológicas e sociais de muitos jovens, criando condições que potencializaram comportamentos violentos. Nesse sentido, o fenômeno adquire uma dimensão simbólica: o ataque à escola é, simultaneamente, uma afronta à sociedade que a escola representa e um reflexo das tensões e desigualdades que a permeiam.

O relatório do Ministério da Educação (BRASIL, 2024) aponta que a natureza multifacetada desses ataques requer ações integradas que vão além do reforço à segurança física das escolas. É necessária uma abordagem que considere as raízes filosóficas e éticas da questão, questionando os valores que estruturam a sociedade contemporânea e que têm falhado em oferecer alternativas construtivas para jovens em situação de vulnerabilidade. Segundo Ferraz (2023,p.111):

Essa reflexão filosófica é fundamental para compreender como a banalização da violência e a normalização do ódio estão sendo incorporadas ao cotidiano de uma geração.

Para além do aspecto imediato da segurança, é imperativo questionar o papel da escola como espaço de resistência a essas dinâmicas. Cezar (2019) propõe que a educação dos sentimentos e a promoção da paz devem ser centrais para o enfrentamento do problema, contribuindo para transformar as escolas em ambientes de acolhimento e resiliência. Por sua vez, Abramovay et al. (2023) destacam que o fortalecimento da convivência escolar, com estratégias interdisciplinares e inclusivas, é uma ferramenta essencial para prevenir o agravamento desses episódios.

O Relatório do Governo Federal deixa claro que os ataques às escolas no Brasil é um fenômeno, pois está diretamente inserido na dinâmica social e dada a visibilidade ocasionada por todo arcabouço de ferramentas que geram acesso as informações, há uma motivação em replicar o crime, os “crimes por imitação” “A violência, portanto, aparece na atualidade como ameaça constante, que se reproduz e aumenta a cada dia”. (Brasil, 2023, p. 28).

Esse tipo de violência, porém, não é algo comum, a violência que se expressa nesses movimentos está diretamente ligada a movimentos de ódio e banalização da maldade, que se mostra enraizadas no neonazismo e por fim no Regime Nazista em uma forma de sentimento que foi muito bem expressa e definida por Eichmann em seu julgamento. Estamos, portanto, diante de uma falta de pensar, de refletir.

É importante destacar três pontos fundamentais que o relatório pontua como sendo pilares dessas expressões de ódio a partir do pensamento de Martín-Baró (1988) que a define por três características (2023, p. 29):

- A polarização social instaurada por grupos políticos rivais (o “nós contra eles” definidos pelos agressores);
- A mentira institucionalizada que, com o tempo, avança para outros níveis que afetam o comportamento social (o extremismo e o ódio estimulado pelos atacantes);
- A a violência repressiva, majoritariamente bélica (a obsessão pela violência extrema, guerras, assassinatos em massa – e pelas armas).

A partir da segunda década do Século XXI no Brasil, o país sofreu uma enxurrada de movimentos que pediam a liberação de armas de fogo para todos os cidadãos, diretamente isso foi amparado pela oficialização do próprio governo na época o que de alguma maneira incentivou a busca pelo uso de armas. Esse discurso foi fomentado por discurso de ódio e institucionalização político-partidária, impulsionado também pelo teor da violência no país e tendo as armas e a morte como solução prática do problema, por exemplo, “bandido bom é bandido morto” amplamente divulgado por meios midiáticos e mesmo oficiais, logo, a morte o assassinato passam a ser ferramentas comuns de resolução de problemáticas sociais.

Nesse cenário a escola torna-se alvo principal de propagação desse tipo de maldade. De um lado ela é acolhedora de todos, espaço de transformação e de produção do conhecimento e também de expressividade da ampla pluralidade social, por outro lado, essa afloração de ideias e movimentos entra em choque com as ideologias contrárias ao diverso, ao plural o que para Hannah Arendt é extremamente necessário ao convívio da sociedade, Sem pluralidade não existe sociedade justa, “Onde não há reconhecimento da pluralidade humana, não apenas “inexiste esse tipo de liberdade”, mas também “inexiste espaço verdadeiramente político” (ARENNDT, 2010. p. 130)

Esse encontro de pensamentos e variadas visões e diversidades, nem sempre encontra, porém, acolhida nos espaços escolares, o Relatório do Governo Federal, aponta que a escola por diversas vezes pode também ser excludente e palco para a disseminação de variados preconceitos e ações de violência, “como as micro violências, a violência institucional e a

violência simbólica” (Brasil, 2023, p.32) que impactam diretamente a convivência no ambiente escolar.

A ideia do relatório não é culpar a escola, porém, indicar que o fenômeno da violência não é algo novo no ambiente escolar, mas que esta deve estar preparada e se ressignificar para lhe dar com esse novo cenário, esse novo fenômeno da violência, uma vez que tanto quanto a escola pode ser produtora de espaços de respeito e multiplicidade, pode também servir a visões distorcidas e enaltecidas de ações negativas em seu meio.

É importante destacar, portanto que o relatório vê a violência nele destacada “como todo o universo de atos de violência no ambiente escolar, ou seja, considera a violência exógena – que se manifesta dentro da escola, mas por motivos alheios a ela” (Brasil 2023, p. 37), portanto, enquanto temos os atos violentos que ocorrem no seio da escola e por motivos desenvolvidos dentro desta, sendo a ampla maioria e por diversos motivos, no caso aqui especificado, os fatores são externos, surgidos, desenvolvidos e articulados diretamente ao externo escolar, mas que por questões pessoais são trazidas para dentro da escola. Por isso, a maior parte dos ataques ocorreram com estudantes ou ex-estudantes das instituições atingidas.

Vários fatores externos, também, podem ser fomentados dentro da própria escola, dando guarida e potencializando os crimes de ódio dentro dessas instituições. Segundo o Relatório do Governo Federal (2023, p. 39):

Ademais, a violência da escola também se concretiza por meio dos diversos modos como o capacitismo, o racismo, as discriminações de classe, a misoginia, a LGBTQIA+fobia, as discriminações relacionadas a padrões estéticos, além de outras formas de violência, são perpetradas por algumas autoridades da instituição escolar contra as famílias e os alunos – especialmente contra os estudantes. O resultado dessas atitudes é um ambiente escolar tenso e afeito à violência em geral.

O encontro com esses discursos internos, muitas vezes acabam sendo potencializados por movimentos externos que quando se cruzam explodem de diversas maneiras. Esses estudantes, acabam sendo capitados por movimentos neonazistas externos, através de diversos aparatos por meio de plataformas virtuais. Vejamos o que diz o Relatório de Políticas Educacionais da B³ Social pontua (2023, p.33):

É importante destacar que tais comunidades estão intrinsecamente ligadas às outras subcomunidades on-line (subs), que são segmentos dentro de uma comunidade maior que compartilham interesses ou tópicos específicos, como condutas autolesivas* (SH - self harm), imagens de extrema violência (gore), pornografia infantil (CP - child pornography) e filmes reais (snuff ou snufffilm). Há também o estímulo à satisfação/exultação ao explorar conteúdos abusivos ou perturbadores e pelo sofrimento do outro (lulz). As subs não estão circunscritas às plataformas de acesso

restrito, mas também são facilmente encontradas em perfis abertos, formando comunidades que se unem em torno dessas práticas destrutivas.

O Relatório do Governo Federal, concluiu que os ataques foram realizados por pessoas do sexo masculino e que a grande maioria deles estiveram ligados a motivações e incentivações de ódio em redes externas que se conectavam por meio de plataformas virtuais. Essas pessoas, normalmente apresentam pouca interação social, mas estão intrinsecamente conectadas às redes sociais. Outras características importantes a se pontuar a partir deste relatório é que as maiores expressões desses jovens se dão por meio da valorização por armas, misoginia, racismo, incorporando aos seus discursos falas de opressão e de cunho neonazista, haja vista que todas essas supracitadas já o são também.

O Relatório destaca a presente falta de materiais de pesquisa para melhor fundamentar a questão do extremismo, todavia, é fato e consenso entre todos os pesquisadores sua existência, necessitando um maior aprofundamento, para melhor compreensão e busca de soluções possíveis no ambiente escolar.

Diante do crescimento do extremismo de direita e dos ataques violentos nas escolas, é urgente que o governo adote medidas eficazes para combater esse fenômeno. A primeira ação necessária é o fortalecimento da educação como um pilar de formação de valores democráticos e de respeito às diferenças. A inclusão de disciplinas que promovam a cidadania, a ética, os direitos humanos e a convivência pacífica nas escolas é fundamental para combater as ideologias extremistas (Guimarães et al., 2022).

Além disso, o controle das redes sociais e a responsabilização das plataformas digitais pela disseminação de discursos de ódio são passos importantes para reduzir a radicalização dos jovens. A criação de programas de monitoramento e a implementação de políticas públicas para combater o discurso de ódio e a violência online podem ajudar a limitar a influência dos grupos extremistas que recrutam jovens na internet (Ferraz, 2023).

Por fim, o fortalecimento do suporte psicológico nas escolas, com programas de apoio emocional, prevenção ao bullying e criação de espaços seguros para o diálogo, pode ajudar a identificar e tratar precocemente os jovens que estão em risco de se radicalizar. O governo também deve incentivar a colaboração entre escolas, famílias e organizações sociais para promover uma inclusão e respeito às diferenças (Camine & Neitzel, 2023).

Em resumo, o extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil é um fenômeno complexo que exige uma abordagem multifacetada. O combate à violência nas escolas passa pela reestruturação da educação, pelo fortalecimento da saúde mental e pela criação de um ambiente social que promova a inclusão e o respeito mútuo. A ação

governamental, nesse contexto, deve ser robusta e coordenada, com medidas que envolvam desde a educação até o controle das redes sociais, para criar uma sociedade mais segura e menos suscetível ao radicalismo.

Nos últimos anos, a disseminação de discursos de ódio através das mídias digitais tem desempenhado um papel fundamental na radicalização de jovens, em especial no contexto dos ataques neonazistas às escolas. As redes sociais e fóruns digitais funcionam como espaços de comunicação e troca de ideias, mas também se tornaram locais onde ideologias extremistas, como o neonazismo, podem florescer e se disseminar de forma veloz e abrangente. Como afirmam Gomide (2023) e Guimarães et al. (2022), a internet e as redes sociais proporcionam aos jovens um acesso direto a conteúdos que os incitam ao ódio e à violência, muitas vezes sem filtros ou mediação, criando um ambiente fértil para a radicalização.

O discurso de ódio circula nessas plataformas por meio de grupos e páginas que promovem uma visão distorcida da realidade, baseando-se em princípios como a supremacia branca, o antisemitismo, o machismo e a homofobia. Esses grupos, além de compartilharem conteúdos violentos, também oferecem um espaço para que os jovens se conectem com outras pessoas que compartilham de suas frustrações e ideologias. Como observam Camine e Neitzel (2023,p.119): “Os jovens podem ser influenciados por esses grupos a adotar atitudes extremistas, muitas vezes sem compreender as consequências reais de suas ações, levando-os a planejar ou executar ataques violentos em suas escolas.”

O fenômeno da radicalização digital não ocorre de forma isolada, mas em um contexto de busca por pertencimento. Muitos desses jovens, ao se envolverem com essas ideologias extremistas, buscam uma forma de identidade e comunidade, encontrando-as em grupos que propagam uma visão de mundo polarizada e que promove a violência como uma solução para as suas angústias.

A filosofia de Karl Popper sobre a "sociedade aberta", onde ideias podem ser discutidas e confrontadas de maneira livre, encontra um contraste profundo com essas práticas extremistas, que buscam silenciar o debate e impor uma única verdade, baseada no ódio e na intolerância.

As fragilidades institucionais no que diz respeito à segurança escolar e ao suporte psicológico nas escolas públicas brasileiras são aspectos centrais na análise dos ataques neonazistas. A falta de estrutura física, a ausência de políticas de segurança adequadas e a escassez de profissionais para apoiar o bem-estar psicológico dos estudantes tornam as escolas vulneráveis a esse tipo de violência. Como afirmam Santos Silva et al. (2022,p.77): “Muitos casos de ataques nas escolas poderiam ser prevenidos se houvesse uma abordagem mais

integrada, que envolvesse não apenas a segurança física, mas também o acompanhamento psicológico dos alunos.”

A segurança nas escolas públicas brasileiras é, na maioria das vezes, precária, com poucas medidas efetivas de proteção, como a presença de guardas ou sistemas de monitoramento. Essa fragilidade contribui para o aumento do risco de ataques violentos, pois os estudantes e funcionários ficam expostos à violência sem mecanismos adequados para prevenção ou resposta. Além disso, o ambiente escolar, por ser muitas vezes marcado por tensões sociais e conflitos interpessoais, é um campo propício para que ideologias de ódio ganhem força, principalmente quando não há uma intervenção institucional eficaz.

Outro fator crucial é a ausência de suporte psicológico adequado. Como observam Ferrara et al. (2019,p.55): Muitos estudantes que se envolvem com grupos extremistas ou que cometem atos de violência nas escolas apresentam sinais claros de problemas psicológicos, como depressão, ansiedade e sentimentos de exclusão.

Segundo o Relatório do Observatório para os Direitos Humanos Judaico, o Estado impletou várias ações para desarticular grupos neonazistas. Dentre os casos que ganharam maior destaque está a “Operação Bergon” em resposta ao ataque à creche Aquarela em Saudades, SC, em 2021. Nessa operação, foram apreendidas armas, material de estudo, dispositivos eletrônicos, além de se conseguir chegar a outros grupos. Sobre essa operação destaca Vaz e Santos (2024, p.25) “Os envolvidos, incluindo adolescentes, usavam redes sociais para disseminar conteúdo racista, homofóbico, antissemita e incitações à violência.”

O Relatório do Governo Federal, culminou com a produção de uma Cartilha Geral para Escolas com o tema “Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar” e uma plataforma virtual “<https://www.gov.br/mj/pt-br/canais-de-denuncias/escolasegura>” um número de whatsapp (61) 99611-0100.

A falta de profissionais capacitados para lidar com essas questões nas escolas públicas dificulta a identificação precoce de possíveis riscos. A filosofia educacional de John Dewey, que defende uma educação voltada para o desenvolvimento integral do ser humano, é contrastada com a realidade das escolas públicas, onde a ênfase muitas vezes recai apenas sobre o aspecto acadêmico, deixando de lado as necessidades emocionais e psicológicas dos estudantes.

Além disso, o foco apenas na segurança física e na contenção de possíveis atos violentos, sem uma abordagem mais profunda sobre os fatores psicossociais que influenciam os jovens, leva a uma resposta inadequada aos ataques neonazistas. A formação de uma rede de apoio psicológico nas escolas públicas seria um passo importante para prevenir a radicalização e

proporcionar aos jovens um espaço para lidar com suas frustrações e sentimentos de isolamento. Acreditamos que o pensar filosófico, é importante ferramenta para discutir tais ações, pensar e refletir sobre elas abrindo caminhos para possibilidades de superação dessas práticas extremistas em nossa sociedade.

SEÇÃO IV

5- CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DO PENSAMENTO ARENDTIANO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA ANÍBAL CARDOSO

5.1. Metodologia Aplicada

A investigação científica depende de um conjunto de procedimentos no sentido de atingir o objetivo especificado, seja para descobrir ou explicar algo. Para tal procede-se de diferentes formas de acordo com as necessidades e demandas ora apresentadas, seguindo determinados padrões e técnicas científicas no desenvolvimento do trabalho de pesquisa (Silva e Menezes 2004).

O interesse da pesquisa não é simplesmente uma descrição dos dados levantados, cabe dentro dela a interpretação desses dados contextualizando-o e gerando assim novos conhecimentos. Toda pesquisa deve portanto ter pressupostos teóricos onde o pesquisador embasará suas informações no campo teórico (Silva e Menezes 2004). Os procedimentos técnicos deverão estar propostos de acordo com os objetivos da pesquisa que por sua vez acaba exigindo desta os procedimentos necessários de acordo com a demanda exigida pelo trabalho. Entendemos, portanto, por pesquisa o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Portanto pesquisar exige regras sistemáticas e conhecimento científico claro e objetivo no intuito de solucionar determinadas questões. No processo de investigação científica, pode-se destacar dois métodos eficazes de trabalho que são chamados de Quantitativo e Qualitativo. Ambos podem ser utilizados individualmente ou conjuntamente em uma pesquisa, dependendo da abordagem que é feita em meio ao trabalho, porém, quando utilizados ao mesmo tempo, proporcionam um vasto e abrangente material para o pesquisador.

Logo, quanto a forma de abordagem da pesquisa ela pode ser quantitativa, onde os elementos e dados numéricos tem maior destaque ou qualitativa, que sede espaço para interpretações e análises sem ter como foco principal os dados estatísticos. A pesquisa pode ser ainda quanti-qualitativa onde ambas as abordagens podem ser utilizadas (Moresi, 2003).

Por sua vez as ciências são determinadas por paradigmas e estes são mapas, orientações para as ciências, pois fornece critérios para delimitar problemas, observar dados, analisar

resultados etc. Na década de 80 a ciência passou por uma "crise de paradigmas", a partir das abordagens quantitativas e qualitativas, principalmente nos EUA e estendeu-se ao Brasil até hoje. Surge então a Metodologia de Pesquisa Mista, vista por diversos autores como um novo paradigma, uma nova visão, nova metodologia e não uma abordagem em meio a qualitativa e quantitativa. Thomas Khun (2017) e GAGE (1989) tratam sobre essas crises e como elas se fundamentaram e se expandiram.

Surge então a Metodologia de Pesquisa Mista, vista por diversos autores como um novo paradigma, uma nova visão, nova metodologia e não uma abordagem em meio a qualitativa e quantitativa. Vários autores, porém, resistem em compreender as metodologia, qualitativas, quantitativas e mistas como paradigmas, propondo a elas um menor espaço de abordagens. A literatura sobre metodologia trazem três grandes paradigmas: Positivismo, Interpretativo e Crítico ou Transformativo (Mattar e Ramos, 2021).

O positivista é empirista e portanto extremamente quantitativo. O Interpretativo ou Construtivista engloba várias abordagens de pesquisa e é mais apto a abarcar as pesquisas em Educação. O Crítico ou Transformativo também abarca uma série de abordagens, mas tem como principal característica não apenas a compreensão da realidade, mas sua transformação, assumindo, inclusive o ativismo ou agenda política em várias esferas. Existem outras metodologias como pragmática, pesquisa em arte e teoria da complexidade. Uma pesquisa quantitativa não significa dizer que é positivista e uma qualitativa não significa que é construtivista. Os paradigmas não determinam, mas orientam a abordagem. Compreenderemos os seguintes conceitos: Alinhamento; Adequação; Flexibilidade; Pluralismo.

Observamos portanto fatores que separam ambos os métodos, porém compreendemos a importância de cada um e que eles podem em conjunto ser essencial para o trabalho científico, nessa nova leitura a abordagem quali-quantitativa é essencial para a pesquisa, principalmente na área de educação. De uma maneira geral, atribui-se ao Método Quantitativo, o caráter positivista e mecânico da análise numérica de dados acumulados ao longo da pesquisa, o que ocasionaria uma fria e distante análise do objeto estudado. Quanto ao Método Qualitativo, obteríamos uma análise muito mais voltada para o social, encontrando vários meios para a obtenção de resultados propostos no início da pesquisa. Nesse sentido, afirma ainda Warner:

“(...) Mas entendo que, qualquer que seja o modelo a ser adotado pelos programas, a pesquisa deve estar na base de sustentação das tarefas que pretendam realizar e que seja definida com precisão em seus níveis, alcances e objetivos, todos eles passíveis de serem efetivamente atingidos” (Warner, 1990, p. 74).

Esta pesquisa trabalhou com o método qualitativo, caracterizado como a compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos objetos estudados,

já que as observações são feitas de forma não estruturadas, além desse aspecto diz-se da pesquisa qualitativa que ela é a construção da realidade, sendo percebida como um ato subjetivo de construção (Günther, 2006), baseada em textos que são analisados hermenêuticamente. Constituem técnicas utilizadas por essa abordagem, a observação participante, a pesquisa-ação, pesquisa de campo, análise documental, as histórias de vida, a etnografia, os estudos culturais, etc. Numa percepção abrangente do termo qualitativo em pesquisa pontua Chizzotti:

“O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.” (Chizzotti, 2003, p. 221).

Assim, compreendemos que diferentemente do método quantitativo, o Qualitativo não tem os dados estatísticos como foco principal da pesquisa. A ideia central desse método é entender a natureza do problema, compreender aspectos essenciais que não podem ser expressos em números, pois são situações complexas e que pedem uma avaliação mais humana do que matemática, logo, uma compreensão puramente numérica tornaria pobre o seu significado. São exemplos desse fato: estudos de fatos do passado ou referentes a grupos que se dispõe de poucas informações a seu respeito; estudo de aspectos psicológicos referentes à análise de atitudes, motivações, expectativas e valores; além de estudos de indicadores do funcionamento de estruturas sociais. Nesses casos, não quer dizer que esses aspectos não possam ser estudados quantitativamente, mas, que eles apresentam-se como complemento a pesquisa, enriquecendo-a ainda mais. Sobre uma análise qualitativa afirmam Laville e Dione (1999, p. 44):

“Um saber que repousa sobre a interpretação não possibilita necessariamente um procedimento experimental e quantificador nem a reproduzibilidade, ainda que isso não seja excluído. Mas, com frequência, e a mente do pesquisador que, a seu modo, e por diversas razões, efetua as escolhas e as interpretações evocadas anteriormente.”

Sobre os instrumentos de coleta de dados utilizamos os questionários que servem como meio de observar uma escolha da sociedade, por esse ângulo é bom salientar que esse instrumento, não necessariamente, deve ser aplicado em toda a população, porém, uma amostragem significativa pode nos dar resultados bastante sólidos. Sobre essa questão Laville e Dione colocam:

“Para saber a opinião da população sobre uma escolha de sociedade como a da preservação dos programas sociais, e precise, evidentemente, interroga-la. Talvez não a população inteira, mas, seguindo a estratégia da pesquisa de opinião, uma amostra suficientemente grande, constituída com os cuidados requeridos para assegurar sua representatividade” (Laville & Dione, 1999).

Ainda sobre questionários colocamos sua importância na coleta de dados para seguinte tabulação, uma vez que tal instrumento aproxima-se bem da pesquisa quantitativa. Ainda sobre esse instrumento coloca Pádua:

“São instrumentos de coleta de dados que são preenchidos pelos informantes, sem a presença do pesquisador. Afirma ainda que —por se constituírem de perguntas fechadas, padronizadas, são instrumentos adequados à quantificação, porque são mais fáceis de codificar e tabular, propiciando comparações com outros dados relacionados ao tema pesquisado.” (Pádua, 2011, p. 72)

Para o maior aproveitamento do tema para uma pesquisa exploratória uma vez que, segundo Gil (2002, p. 41) “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.”, o presente trabalho propõe se utilizar dos métodos de procedimento monográfico, por analisar casos específicos, suas características e detalhes. Tomamos como abordagem a pesquisa-ação de método qualitativo de natureza aplicada e objetivo exploratório, como ferramenta de coleta de dados questionário e entrevistas e para análise dos dados a Análise Textual Discursiva.

5.2- Cartilha de enfrentamento e combate ao neonazismo: a cartilha como possibilidade do fazer filosófico

A partir das nossas análises e com fulcro em toda pesquisa, desenvolvemos uma ferramenta de intervenção em sala de aula fundamentada no pensamento arendtiano. Esse material se configurou em uma cartilha que pode ser acessada de forma impressa e através de plataforma digital por meio de QR-Code. A cartilha poderá ser utilizada em sala de aula ou fora desta e foi aplicada na proposta turma desta pesquisa, onde obtivemos resultado satisfatório e importante alcance reflexivo, o que foi analisado a partir de avaliação entre pesquisador e estudantes. As informações dessa intervenção em sala de aula são melhor explicadas na próxima seção.

Tomamos por base o relatório do Governo Federal que discutimos nesta seção, fundamentando a discussão do conteúdo no pensamento de Hannah Arendt a partir do conceito de Banalidade do Mal. A cartilha vem acompanhada de um plano de aula para nortear e melhor aplicar a ferramenta em sala de aula. As referências expostas na cartilha dão fundamento ao trabalho. Por sua vez, as imagens nela expostas foram retiradas do site pixabay.com, cada uma com a autorização do seu autor e dentro do contrato de utilização emitido pela plataforma. A cartilha foi construída a partir de modelo exposto na plataforma Canva de forma gratuita e o

link e geração de QR-Code a partir do site online-qr-generator.com, ficando a partir de então exposto para utilização pública.

Tanto professor quanto estudantes poderão ter acesso a cartilha, ela foi construída de forma interativa, com outros ambientes de acesso que poderão ser conectados pelo próprio aparelho celular do estudante, dando novas possibilidades de trabalho para o profissional da educação em sala de aula e para os alunos que quiserem aprofundar o assunto. A cartilha destaca os eixos centrais da pesquisa, apresentando a pensadora Hannah Arendt, seu conceito fundamental desta pesquisa Banalidade do Mal, destacamos ainda o conceito de Neonazismo e construímos uma ferramenta que auxilia no processo reflexivo e tomada de decisões corretas.

COMBATE AO NEONAZISMO NA ESCOLA

MAS O QUE É O NEONAZISMO?

1 É uma expressão atual com base no nazismo alemão, regime que teve como líder Adolf Hitler. Esse movimento tem várias características, mas podemos destacar: preconceitos, racismo, misoginia, xenofobia, homofobia dentre outros.



E O QUE É BANALIDADE DO MAL

2 É a normalização do mal, a falta de reflexão na prática do mal, o crime sem refletir, sem pensar com total falta de julgamento do seu ato.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM HANNAH ARENDT?

3 Foi uma importante pensadora que viveu de 1906-1975, judia, foi perseguida pelo Estado Nazista tendo desenvolvido a maior parte do seu pensamento em torno desta temática.



CUIDADO COM A AUSÊNCIA DO PENSAR

4 A ausência de pensar se dá no momento que nossas práticas são desenvolvidas de maneira irresponsável e inconsequente sem refletir-se sobre o que está fazendo. Imagine agora quando isso tem haver com a vida do próximo.

COMO POSSO AJUDAR?

5 Segundo a Cartilha do MEC com base na Portaria 089 /2023 o estudante pode ajudar das seguintes maneiras:

- Discutindo o assunto no grêmio estudantil com apoio de um professor;
- Tratar sobre temáticas de combate ao preconceito, ao racismo, a misoginia, homofobia, etc.
- Informar a escola sempre que houver práticas com essas características, pois podem ser ou não espécies neonazistas e a direção deverá saber como articular ações.

Segundo a Cartilha do MEC com base na Portaria 089 /2023 o estudante pode ajudar das seguintes maneiras:
Discutindo o assunto no grêmio estudantil com apoio de um professor;
Tratar sobre temáticas de combate ao preconceito, ao racismo, a misoginia, homofobia, etc.
• Informar a escola sempre que houver práticas com essas características, pois podem ser ou não espécies neonazistas e a direção deverá saber como articular ações.

COMBATE AO NEONAZISMO NA ESCOLA

O NEONAZISMO É CRIME?

Sim! Existe a lei Lei nº 7.716 de 1989 que abrange situações semelhantes, todavia, já há um PL em tramitação para melhor tipificar esse crime. Além disso, tais práticas acabam incorrendo em outros crimes como o crime de racismo, homofobia dentre outros.



QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS?

Impactos diretos às pessoas atingidas, além de penalidades previstas em lei para quem pratica tais atos.



3

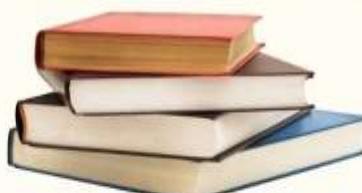
QUEM DEVO PROCURAR?

Procure a direção escolar, seus professores e seus pais. Para casos de ataques às escolas o Governo Federal disponibilizou também um canal:
<https://www.gov.br/mj/pt-br/canais-de-denuncias/escolasegura>



CUIDADO COM AS ARMADILHAS

Cuidado com páginas, fóruns, canais e comunidades do WhatsApp e do telegram que disseminam ideias de ódio, que destratam minorias, que falam contra a vida e dignidade humana. A maior parte desse movimento cresce nas plataformas sociais.



5

REFERÊNCIAS

Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2023.

BRASIL. Lei Nº 7.716. Brasília, 1989.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo. Ed. Companhia de Bolso, São Paulo, 2013.



Figura 3 Cartilha de conscientização sobre o neonazismo na escola a partir do conceito de Banalidade do Mal em Hannah Arendt



Figura 2 Plano de aula como apoio ao desenvolvimento da cartilha

Acima, destacamos os dois Qr-Cod's, um com a cartilha de combate ao neonazismo na escola e o segundo com o plano de aula para desenvolvimento dessa cartilha em sala de aula. A partir dessa pesquisa, tornamos pública essa ferramenta que sendo aplicada foi comprovada sua eficiência como importante metodologia de trabalho no processo do Ensino de Filosofia.

Como forma de orientar o desenvolvimento e interação com a cartilha, desenvolvemos um plano de aula a partir dos quatro passos didáticos de Silvio Gallo, no sentido de trabalhar de forma bem fundamentada o Ensino de Filosofia. Enquanto intervenção prática em sala de aula, compreendemos que em Silvio Gallo conseguimos abordar bem nosso objetivo, partindo da sua ideia de “oficina de conceitos” baseada nos quatro passos didáticos. Essa ação visa não a originalidade do pensamento filosófico, mas que os estudantes possam vivenciar a experiência do pensamento, pois como ele mesmo coloca (GALLO, 2006, p.26): “Através do trabalho progressivo nessas quatro etapas, podemos colocar aos estudantes um problema filosófico, fazendo com que eles vivenciem o problema, para que possam efetivamente fazer o movimento da experiência de pensamento.”

Portanto dentre tantas metodologias, a metodologia ativa com uso de oficina de conceitos como ferramenta de interação é nossa proposta direta de trabalho em sala de aula, tendo como recurso didático uma Cartilha, proposta e exposta acima fundamentada em

documentos oficiais e no pensamento arendtiano, visando a aplicabilidade do trabalho de pesquisa em sala de aula, como contribuição para a conscientização em relação aos problemas causados pelo neonazismo no ambiente escolar.

Tendo em vista o recorte teórico-metodológico da pesquisa, seu desenvolvimento será realizado a partir dos quatro passos metodológicos de Silvio Gallo: Sensibilizar, problematizar, investigar e conceituar, por meio de uma metodologia ativa direcionada em forma de oficina de conceitos.

A ideia, portanto, não é a de não atingir um objetivo, mas que esse possa ser construído pelo próprio estudante, dando a ele a oportunidade, mediada de produzir o conhecimento tecendo e lançando visão acerca do tema proposto. Sendo assim, temos os seguintes passos nessa ação proposta em um plano de aula que foi distribuído em seis aulas:

Aula I e II

1º Abertura da oficina de conceitos sensibilizando a partir da contextualização do **tema gerador** “Banalidade do Mal” e “Neonazismo” informando os procedimentos de todo o processo;
 2º Tomar fala como mediador, buscando **problematizar** a discussão a partir do texto sobre o conteúdo. Propomos no plano de aula o texto Um mergulho no universo neonazista. UNICAMP, 2018 de Luiz Sugmoto e trechos de obras da pensadora Hannah Arendt.

Aula III e IV

3º Propor **questões de partida**, como forma de direcionar o estudo dos integrantes;
 4º Dividir grupos de estudo para pesquisar acerca da temática, relacionando-a ao contexto da contemporaneidade, por meio de acesso à internet e de recortes do pensamento arendtiano feitos pelo mediador com base na Cartilha;

Aula V e VI

5º Formar a roda de discussão mediada, propondo a formulação de ideias de cada grupo a partir da Cartilha aqui proposta, dando a possibilidade, se possível, de acesso à internet e uso dos celulares;
 6º Analisar as falas e orientando possíveis distorções de análises acerca do tema proposto.
 7º Reabrir a discussão como forma de reportunizar a visão dos estudantes;
 8º Concluir a oficina de conceitos, com a produção de uma frase por parte de cada estudante acerca da discussão.

9º Avaliar a proposta didática a partir da visão de cada grupo por meio de ficha de resposta avaliativa.

O trabalho interventivo foi pensado a partir do Currículo do Estado de Pernambuco desenvolvido com base na Base Comum Curricular Nacional. Elencamos as seguintes habilidades, pois elas melhor se relacionam com o conteúdo proposto, com destaque para os regimes políticos, democráticos e ditoriais proposto pela Habilidade (EM13CHS602FI22PE) e a questão de Direitos Humanos pontuada na habilidade (EM13CHS502FI18PE) do Estado de Pernambuco . Tais habilidades estão diretamente relacionadas as habilidades da BNCC (EM13CHS602) e (EM13CHS502) que trata, dentre outros assuntos as questões de autoritarismo, períodos ditoriais e democráticos, defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos, preconceito, intolerância e discriminação.

Abaixo destacamos o trecho do currículo do Estado de Pernambuco em relação as habilidades proposta na Base Nacional Comum Curricular e o plano de aula que está publicado em rede para utilização dos profissionais de educação que assim o quiserem fazer.

Adiante, descreveremos a intervenção que foi aplicada na turma do 1º Ano C da Escola Estadual Aníbal Cardoso em Nossa Senhora do Ó, Ipojuca, Pernambuco, bem como faremos uma análise da percepção dos estudantes e como avaliamos o desenvolvimento da aplicação desta cartilha na escola.

FILOSOFIA		
1º ANO		
HABILIDADES DE ÁREA DA BNCC	HABILIDADES ESPECÍFICAS DOS COMPONENTES	OBJETOS DE CONHECIMENTO
(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.	(EM13CHS602FI22PE) Compreender criticamente o conceito de cidadania e suas implicações fundamentais com as relações de poder, tanto de regimes políticos democráticos como ditoriais.	Poder, Democracia e Cidadania. Regimes Políticos Autoritários X Democráticos: os Desafios da Democracia Hoje. Estado X Sociedade Civil: movimentos e organizações sociais.
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.	(EM13CHS502FI18PE) Problematizar, de modo reflexivo, a construção das dimensões éticas do sujeito na contemporaneidade, tendo em vista a promoção dos Direitos Humanos.	Ética, Democracia e Cidadania. Mídias, Sociedade e Cidadania. Dilemas Ético-políticos na Contemporaneidade.



O CONCEITO DA BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE A VIOLÂNCIA NEONAZISTA NA ESCOLA

Série: 1º Ano

Disciplina: Filosofia

Tempo: 6 aulas

Professor: Jefferson Oliveira Rodrigues

Recurso Didático: Cartilha de Combate ao Neonazismo na Escola

Objetivo

Refletir em torno do conceito de Banalidade do Mal, a partir do pensamento arendtiano, sobre as ideias neonazistas, identificando aspectos dessa ideologia na atualidade e intervindo com base em uma construção educacional e filosófica com vistas à conscientização dos estudantes.

Habilidade BNCC

- EM13CI•S602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

Habilidade Currículo PE

- (EM13CHS602FI22PE) Compreender, criticamente, o conceito de cidadania e suas implicações fundamentais com as relações de poder, tanto de regimes políticos democráticos como ditatoriais.

Aula I e II

1º Abertura da oficina de conceitos sensibilizando o partir do contextualização do tema gerador "Banalidade do Mal" e "Neonazismo" informando os procedimentos de todo o processo;

2º **Tomar falo como mediador, buscando problematizar o discussão o partir do texto sobre o conteúdo. Propomos no plano de ou_ o texto Um mergulho no universo neonazista.**

UNICAMP, 2018 de Luiz Sugimoto e trechos de obras da pensadora Hannah Arendt.

Aula III e IV

3º Propor questões de partida, como forma de direcionar o estudo dos integrantes;

4º Dividir grupos de estudo para pesquisar acerca da temática, relacionando-a ao contexto contemporaneidade, por meio de acesso à internet e de recortes do pensamento arendtiano feitos pelo mediador com base na Cartilha;

Au

5º Formar a roda de discussão mediada, propondo a formulação de ideias de cada grupo a partir da Cartilha aqui proposta, dando a possibilidade, se possível, de acesso à internet e uso dos celulares;

6º Analisar as falas e orientando possíveis distorções de análises acerca do tema proposto.

7º Reabrir a discussão como forma de reotimizar a visão dos estudantes;

8º Concluir a oficina de conceitos, com a produção de uma frase por parte de cada estudante acerca da discussão;

9º Avaliar o proposto **didático** o partir do visão de cada grupo por meio de ficha **de resposta avaliativa**.

Referências

ARENDT, Honneth. As Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. São Paulo, 2012.

GALLO, Silvio. Metodologia do Ensino de Filosofia.

SUGIMOTO, Luiz. Um mergulho no universo neonazista. UNICAMP. 2018. DISPONÍVEL EM:

https://www.unicamp.br/urntomp/jufootciosf2018/2d/um_mergulho_no_universo_neonazista
Recomendou-se para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar. Ministério da Educação.

Brasília, DF. 2023.

ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal.

Companhia das Letras, São Paulo, 1999.

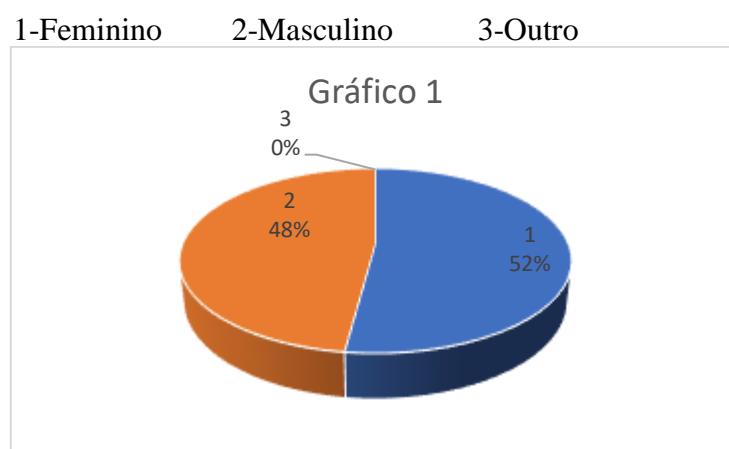
5.3- Uma análise a partir do olhar do estudante

Nesta seção buscamos constatar como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir para o enfrentamento das ideologias neonazistas na escola a partir de intervenção didático-metodológica na Escola Estadual Aníbal Cardoso, em Nossa Senhora do Ó, Ipojuca, Pernambuco.

Em março do corrente ano, iniciamos as atividades de intervenção da presente pesquisa a partir do desenvolvimento de uma roda de debates, onde participaram 48 estudantes do 1º Ano do Ensino Médio da Escola Aníbal Cardoso. Neste momento, desenvolvemos uma primeira sondagem no intuito de observar se os estudantes tinham ou não uma noção clara acerca do neonazismo, suas raízes e seus impactos na sociedade, bem como se entendiam a relação entre esses movimentos e a relação com os ataques às escolas no Brasil nos últimos anos.

Antes de aplicarmos a metodologia pretendida, buscamos analisar como os estudantes da presente turma viam a temática e seu entorno, a partir da aplicação de um questionário⁴. A partir dessa ferramenta, elaboramos a tabulação e tivemos uma visão mais clara sobre a perspectiva dos estudantes da turma.

Qual o seu gênero?



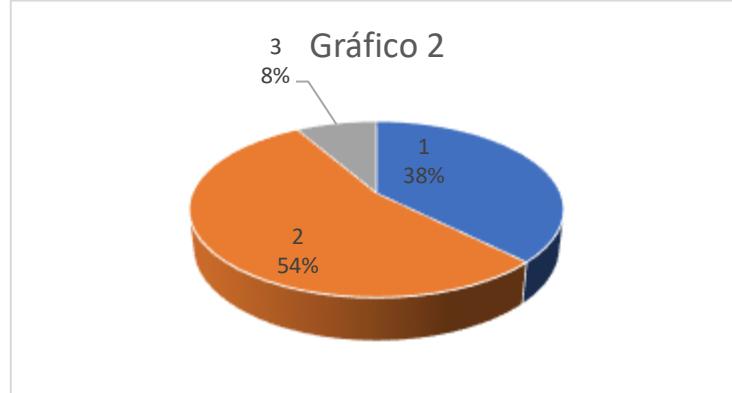
Com relação ao número de homens e mulheres que participaram da pesquisa, observamos um comparativo próximo, mas com 4% a mais de pessoas do sexo masculino do que do sexo feminino. A presente análise não nos faz observar nenhuma interferência em

⁴ O questionário está disponível no anexo desta pesquisa e foi aplicado a partir da autorização da escola por meio da autorização da gestora escolar

relação a pesquisa, uma vez que em outras turmas os números acabam por equilibrar os percentuais na escola.

Qual a sua Idade?

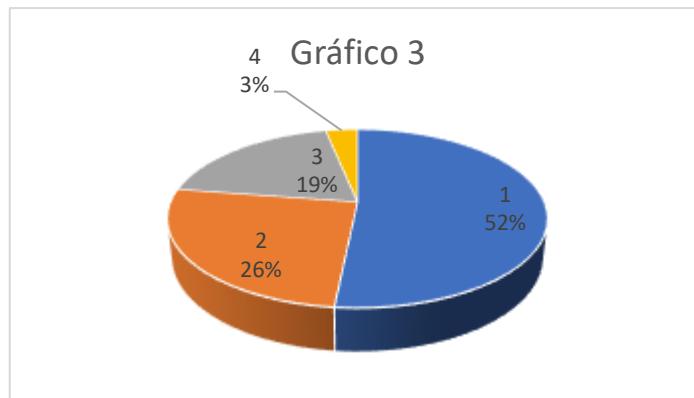
1-14 Anos 2-15 Anos 3-16 Anos



A ampla maioria dos estudantes que participaram da pesquisa, apresentam idade de 15 anos com 54% dos que participaram, seguido de 38% com 14 anos e 8% com 16 anos. As idades refletem um fluxo normal da distorção idade série em relação as idades nesta série do Ensino Médio. É uma fase importante para nossa pesquisa, pois de acordo com as informações obtidas, esses jovens estão dentro da faixa etária que mais participou de ataques neonazistas no Brasil.

Qual a Renda Familiar Mensal?

1-Até 1 salário mínimo 2-De 1 a 2 salários mínimos 3-De 2 a 5 salários mínimos 4-De 5 a 10 salários mínimos



A maior parte das famílias pesquisadas apresentam renda de até um salário mínimo, com 52% dos alunos pesquisados, seguido de 26% com renda de até dois salários mínimos, o que demonstra que majoritariamente a renda dos estudantes pesquisados é baixa. De alguma

maneira isso interfere diretamente nos resultados da pesquisa, pois a região é conhecida pelo trabalho muito cedo por parte desses jovens, principalmente na área turística da praia de Porto de Galinhas, o que não determina, mas amplia o leque de interação entre esses adolescentes e pessoas do mundo todo.

Dentro da nossa pesquisa, considerou-se que questões econômicas podem estar relacionadas a projeções de violência dentro da escola, não necessariamente, porém, encontramos uma relação entre pessoas mais pobres e os ataques realizados nos ambientes escolares entre os anos de 2022 e 2023, na verdade o Relatório Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos aponta que a maior parte dos ataques ocorreram em escolas situadas em áreas de Médio, Médio-Alto e Alto nível socioeconômico. Não temos como determinar uma relação precisa, pois muitos dados dos responsáveis são protegidos por lei, porém, em casos onde pessoas de maior idade participaram dos ataques, observamos a presença de pessoas das camadas com maior poder aquisitivo da sociedade.

Você ajuda na renda familiar?

Sim		Não
58%		42%



Os dados colaboram com a análise anterior, quase metade dos alunos pesquisados já ajudam na renda familiar. A presença do trabalho infanto-juvenil é comum, principalmente no Litoral, existe uma busca pelo trabalho ainda cedo e os índices de evasão escolar ou solicitações para transferência para o turno noturno ou EJA, afim de concluir o Ensino Médio mais rapidamente são crescentes na escola pesquisada.

Você tem conhecimento sobre o neonazismo?

Sim 23%	Não 77%
------------	------------



Esse ponto nos chama atenção, por um lado temos um grupo de 23% dos estudantes que dizem ter conhecimento sobre o Neonazismo, enquanto que a ampla maioria disse desconhecer. Analisamos essa tendência a partir da necessidade da maioria dos estudantes compreenderem sobre a temática afim de poder lhe dar com essa questão frente aos desafios que esse movimento pode vir a causar. Identificamos um conhecimento muito superficial acerca do neonazismo entre os estudantes, a ampla maioria, não tinha uma noção clara sobre esse fenômeno e os que conheciam, ligavam-no diretamente ao nazismo, relacionando aos conteúdos de história que tinham visto no 9º Ano Fundamental.

Conhece ou conheceu quem faz/fez parte?

Sim 3%	Não 97%
-----------	------------



Acima, temos uma clara noção de que a maioria esmagadora dos estudantes desconhecem a presença de células neonazistas em seu entorno. Observamos que isso se dá devido a diferentes fatores. Em primeiro lugar os estudantes pesquisados estão inseridos em grupos que não tem características preponderantes observadas em grupos neonazistas, como por exemplo brancos e de grupos socioeconômicos mais elevados, por outro lado a ampla maioria desconhece o que é o neonazismo e portanto, pode apresentar dificuldades em fazer associações que possam leva-los a essa percepção.

Você percebe ou já percebeu aspectos neonazistas na escola como símbolos, imagens, frases etc?

Constantemente 0%	As vezes 29%	Já vi, mas não vejo mais 65%	Nunca vi 6%
----------------------	-----------------	---------------------------------	----------------

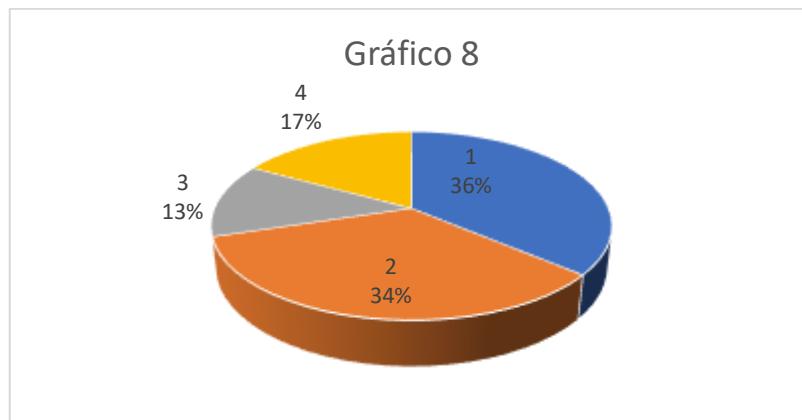


Nesta questão perguntamos: Você percebe ou já percebeu aspectos neonazistas na escola como símbolos, imagens, frases etc? É interessante como a maior parte dos estudantes diz ter visto algo, enquanto que na questão anterior eles apontaram em sua maioria não conhecer, nesse aspecto estabeleceram uma relação com algo que possam ter observado no ambiente escolar.

Com 65% das colocações dizendo “não ver mais”, observa-se que por um período houve uma maior incidência desses atos na escola, o que desapareceu ou reduziu com o tempo. Nas entrevistas, observaremos com maior profundidade os resultados a partir da fala de alguns estudantes que observaram essas manifestações no período dos ataques. 29% diz ver “as vezes”, não conseguimos identificar exatamente nos questionários que tipo de expressão seria essa, mas observamos em algumas respostas escritas que estudantes pontuaram ter observado inscrições em paredes e portas de suásticas. Os demais, 6% afirmam que nunca viram e 0% que vêm com constância.

Você percebe falas racistas, homofóbicas, xenofóbicas no meio escolar?

Constantemente	As vezes	Já vi, mas não vejo mais	Nunca vi
36%	34%	13%	17%



Observa-se nessa questão que a maior parte dos estudantes observa constantemente e as vezes práticas preconceituosas no ambiente escolar. É notório que eles não compreendem que essas falas são relacionadas a movimentos neonazistas, portanto, acredita-se que eles entendam que tais expressões estão desvinculadas desses movimentos. O que nos preocupa, é o que já discutimos desde a primeira seção, onde tais ações sendo praticadas podem se tornar comuns de forma que a normalidade disso abre espaço para a Banalidade do Mal. Dentre as falas que foram registradas nos questionários encontramos as seguintes de acordo com o grau de incidência nas respostas:

Que falas você se recorda de já ter escutado?



As palavras que aparecem com maior frequência estão ligadas a preconceitos de ordem homofóbica e retratam diretamente questões relacionadas a opressão contra grupos minoritários. Em seguida, observamos questões de aspectos raciais, religiosos e de padrão moral. Todas essas expressões identificadas, por mais que pareçam comuns em meio a muitos grupos, foram expostas com sentimento de temor, ameaça ou indignação, pois o questionário deixava aberto para que o estudante colocasse expressões que no meio escolar agrediam a sua pessoa.

Em sua cidade você tem conhecimento de algum fato parecido ou ameaça desse tipo?

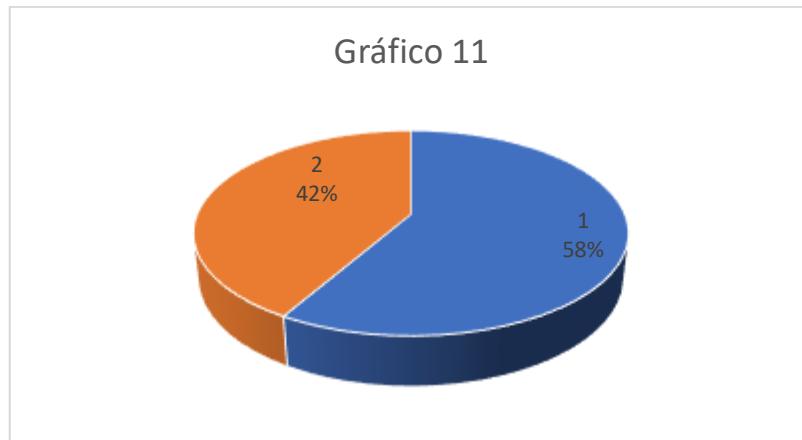
Sim 36%	Não 17%
------------	------------



A ampla maioria diz lembrar-se dos eventos que rondaram a cidade nos anos de 2022 e 2023, os noticiários locais apontavam ameaças de invasão às escolas, tal qual ocorreu por todo país. O medo ainda é presente e a necessidade de intervenção, portanto, é imediata.

Você teme que isso possa ocorrer em seu ambiente escolar?

Sim 36%	Não 17%
------------	------------



Consideramos que não há como identificar células nazistas no ambiente da escola pesquisada, todavia, é fato que há conhecimento da existência delas por parte de alguns estudantes, as entrevistas nos trazem respostas mais claras sobre esse fato. O que fica claro, é que expressões de ódio são propagadas nesse ambiente, e mesmo que não sejam relacionadas ao neonazismo, acaba criando um terreno fértil para a expansão e normalização dessas ideologias.

5.4- Um olhar com base na Análise Textual Discursiva

Ao aprofundarmos o debate, tratamos sobre as influências do neonazismo e utilizamos duas questões abertas no próprio questionário para que houvesse maior liberdade de expressão por parte dos estudantes. Aplicamos ainda o questionários a dois professores e um funcionário da equipe gestora. Selecionamos, portanto, uma amostra de dez fichas de questionários sendo sete (7) estudantes e três (profissionais de educação, nos quais aplicamos a metodologia de Análise Textual Discursiva. Nos questionários observamos que 23% dos estudantes afirmaram conhecer o que representa dentro do universo analisado um total de 11 estudantes, dos quais destacamos 7 que representa 14,5% dos alunos da totalidade do universo e 63,6% do total de estudantes que disseram ter algum tipo de conhecimento sobre o assunto. Para primeira questão perguntamos: Descreva se você conhece algo do tipo (neonazismo) em seu meio ou ao redor de onde convive e quais as características.

5.4.1- Unitarização e Desmontagem

		Eu não conheço
A1	Não! Eu não conheço, mas já ouvi falar que existe em alguns lugares, escutei que tinha uns alunos que gostam disso em outra escola, não sei se estão mais lá. Eu acho que é algo de gente doente, sem sentido nenhum, eles tem ódio das pessoas que são diferentes deles, é uma galera meio maluca.	Já ouvi falar existe em alguns lugares escutei que tinham alunos que gostam disso acho que é algo de gente doente, sem sentido nenhum eles tem ódio das pessoas que são diferentes deles
A2	Eu nunca ouvi falar que tem nada disso na escola não, mas vi na internet que tem muita gente se envolvendo com isso. Acho que é uma coisa doida, sei lá! Absurdo isso, tem que ser preso.	Eu nunca ouvi falar que tem nada disso na escola não mas vi na internet que tem muita gente se envolvendo com isso Acho que é uma coisa doida Absurdo isso!
A3	Eu sei que tem uns grupos por aí, na escola não, mas no meio da galera, mas é um pessoal estranho, não se envolve com todo mundo não, eles preferem ficar sozinhos, é uma galera meio sombria, sei lá. Aqui eles tem força não, mas sei que em Recife tem uma turma pesada que se envolve com isso, mas eu nem posso chegar perto! Porque? Porque sou preto né professor! (Risos) sou pobre, preto, essa turma gosta de gente branco e que tenha algum dinheiro pelo menos. Essa galera fica se falando pela internet, soube que tem uns fóruns na Dark Web sinistros	Eu sei que tem uns grupos por aí, na escola não, mas no meio da galera mas é um pessoal estranho, não se envolve com todo mundo não, eles preferem ficar sozinhos, é uma galera meio sombria, sei lá. Aqui eles tem força não, mas sei que em Recife tem uma turma pesada que se envolve com isso Essa galera fica se falando pela internet, soube que tem uns fóruns na Dark Web sinistros mas eu nem posso chegar perto! Porque? Porque sou preto né professor! (Risos) sou pobre, preto, essa turma gosta de gente branco e que tenha algum dinheiro pelo menos.
A4	Eu já ouvi falar que existe, mas não conheço, é uma coisa que faz muito medo, or! Deus me livre topar com um desses. Porque? Por que eu tenho medo de eles me matar, o senhor não lembra que os caras atacaram as escolas não? São assassinos ruins, Deus me livre.	Eu já ouvi falar que existe, mas não conheço é uma coisa que faz muito medo, or! Deus me livre topar com um desses. Por que eu tenho medo de eles me matar São assassinos ruins, Deus me livre.
A5	Professor! Eu não conheço não, mas a galera diz que é sinistra essa parada. Porque? Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que	Professor! Eu não conheço não mas a galera diz que é sinistra essa parada

	são negras, que são gays, de mulheres, aqui eu nunca ouvi falar desse pessoal muito não, mas dizem que tem sim.	Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres aqui eu nunca ouvi falar desse pessoal muito não, mas dizem que tem sim.
A6	Só ouvi falar! Na época que teve os ataques, apareceu uns meninos lá no Armando, também soube que teve no modelo, mas de lá pra cá nunca mais ouvi dizer que teve não.	Só ouvi falar! Na época que teve os ataques apareceu uns meninos lá no Armando, também soube que teve no modelo, mas de lá pra cá nunca mais ouvi dizer que teve não.
A7	Isso é uma galera doida professor, merece uma camada de pau! Quero ver entrar aqui com nós! Agente como eles tudo de coco. Teve uns caras aí fazendo graça em umas escolas, mas parou! Sei quem era não, mas teve, naquela época das loucuras lá!	Isso é uma galera doida professor, Teve uns caras aí fazendo graça em umas escolas, mas parou Sei quem era não, mas teve, naquela época das loucuras lá!
A8	Entre nossos estudantes eu desconheço que hajam grupos neonazistas, mas sim, já ouvi falar de adolescentes que tem interesse pelo assunto e que participam desse submundo, mas é difícil de identificá-los, pois são sutis e se algum colega sabe normalmente não o entrega.	Entre nossos estudantes eu desconheço que hajam grupos neonazistas, mas sim, já ouvi falar de adolescentes que tem interesse pelo assunto e que participam desse submundo, mas é difícil de identificá-los, pois são sutis se algum colega sabe normalmente não o entrega.
A9	Acredito que nessa escola não, ao menos hoje, mas sim, vez em quando é possível observar traços em alguns adolescentes, como não temos ferramentas nem capacitação para lhe dar e observar tais fatos, não temos como comprovar, mas na época dos ataques em outra escola do município foram pegos estudantes com facas, vestidos com calças camufladas. Na época o caso foi levado à delegacia, mas não encontraram nada que o incriminasse na casa dele, porém, esses adolescentes se comunicam em fóruns e outras redes na internet, não é fácil de encontrá-los.	não temos ferramentas nem capacitação para lhe dar e observar tais fatos, não temos como comprovar mas na época dos ataques em outra escola do município foram pegos estudantes com facas, vestidos com calças camufladas. Na época o caso foi levado à delegacia, mas não encontraram nada que o incriminasse na casa dele esses adolescentes se comunicam em fóruns e outras redes na internet, não é fácil de encontrá-los.
A10	Creio que não existe em nossa escola hoje! Não sei se em algum momento aconteceu, mas alguns estudantes as vezes nos deixam um pouco preocupadas. Na época dos	Creio que não existe em nossa escola hoje! Não sei se em algum momento aconteceu

	<p>ataques tivemos o maior cuidado, pois em algumas escolas do município houveram investidas, aqui não tivemos problemas, mas sabemos que eles se relacionam lá fora, por isso o medo que pudesse ocorrer aqui entre nós. De fato não sei quais as características mesmo, mas procuramos observar possíveis discurso de ódio em meio a eles, estudantes distantes dos grupos, isolados, se usam alguma imagem ou símbolo do tipo, mas até o momento não houve!</p>	<p>mas alguns estudantes as vezes nos deixam um pouco preocupadas.</p> <p>Na época dos ataques tivemos o maior cuidado</p> <p>procuramos observar possíveis discurso de ódio em meio a eles, estudantes distantes dos grupos, isolados, se usam alguma imagem ou símbolo do tipo, mas até o momento não houve!</p> <p>pois em algumas escolas do município houveram investidas,</p> <p>De fato não sei quais as características mesmo</p>
--	--	---

5.4.2-Unidades de Significado

		Desconhecimento na escola
Eu não conheço		Desconhecimento na escola
Já ouvi falar		Neonazismo
existe em alguns lugares		Neonazismo
escutei que tinham alunos que gostam disso		Neonazismo
acho que é algo de gente doente, sem sentido nenhum		Neonazismo
eles tem ódio das pessoas que são diferentes deles		Neonazismo
		Desconhecimento na escola
Eu nunca ouvi falar que tem nada disso na escola não		Desconhecimento na escola
mas vi na internet que tem muita gente se envolvendo com isso		Neonazismo
Acho que é uma coisa doida		Neonazismo
		Medo/Banalidade do Mal
Absurdo isso!		Medo/Banalidade do Mal
Eu sei que tem uns grupos por aí, na escola não, mas no meio da galera		Neonazismo
mas é um pessoal estranho, não se envolve com todo mundo não, eles preferem ficar sozinhos, é uma galera meio sombria, sei lá.		Neonazismo
Aqui eles tem força não, mas sei que em Recife tem uma turma pesada que se envolve com isso		Neonazismo
		Redes Sociais e Neonazismo
Essa galera fica se falando pela internet, soube que tem uns fóruns na Dark Web sinistros		Redes Sociais e Neonazismo
mas eu nem posso chegar perto! Porque? Porque sou preto né professor! (Risos) sou pobre, preto, essa turma gosta de gente branco e que tenha algum dinheiro pelo menos.		Neonazismo
Eu já ouvi falar que existe, mas não conheço		Neonazismo
é uma coisa que faz muito medo, or! Deus me livre topar com um desses.		Neonazismo

	Medo/Banalidade do Mal
Por que eu tenho medo de eles me matar	Medo/Banalidade do Mal
São assassinos ruins, Deus me livre.	Desconhecimento na escola
Professor! Eu não conheço não mas a galera diz que é sinistra essa parada	Medo/Banalidade do Mal
Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres	Banalidade do Mal
aqui eu nunca ouvi falar desse pessoal muito não, mas dizem que tem sim.	Neonazismo
Só ouvi falar! Na época que teve os ataques apareceu uns meninos lá no Armando, também soube que teve no modelo, mas de lá pra cá nunca mais ouvi dizer que teve não.	Neonazismo
Isso é uma galera doida professor,	Neonazismo
Teve uns caras aí fazendo graça em umas escolas, mas parou	Neonazismo
Sei quem era não, mas teve, naquela época das loucuras lá!	Neonazismo
Entre nossos estudantes eu desconheço que hajam grupos neonazistas, mas sim, já ouvi falar de adolescentes que tem interesse pelo assunto e que participam desse submundo,	Desconhecimento na escola
mas é difícil de identificá-los, pois são sutis	Neonazismo
se algum colega sabe normalmente não o entrega.	Medo/Banalidade do Mal
não temos ferramentas nem capacitação para lhe dar e observar tais fatos, não temos como comprovar	Ensino de Filosofia
mas na época dos ataques em outra escola do município foram pegos estudantes com facas, vestidos com calças camufladas.	Neonazismo
Na época o caso foi levado à delegacia, mas não encontraram nada que o incriminasse na casa dele	Neonazismo
esses adolescentes se comunicam em fóruns e outras redes na internet, não é fácil de encontrá-los.	Redes Sociais e Neonazismo
Creio que não existe em nossa escola hoje! Não sei se em algum momento aconteceu	Desconhecimento na escola
mas alguns estudantes as vezes nos deixam um pouco preocupadas.	Medo/Banalidade do Mal
Na época dos ataques tivemos o maior cuidado	Neonazismo
procuramos observar possíveis discurso de ódio em meio a eles, estudantes distantes dos grupos, isolados, se usam alguma imagem ou símbolo do tipo, mas até o momento não houve!	Neonazismo
pois em algumas escolas do município houveram investidas,	Neonazismo

De fato não sei quais as características mesmo	Ensino de Filosofia
--	---------------------

5.4.3- Categorização e Descrição

Banalidade do Mal	eles tem ódio das pessoas que são diferentes deles	A1
	acho que é algo de gente doente, sem sentido nenhum	A1
	Absurdo isso!	A2
	Por que eu tenho medo de eles me matar	A4
	São assassinos ruins, Deus me livre.	A4
	mas a galera diz que é sinistra essa parada	A5
	Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres	A5
	se algum colega sabe normalmente não o entrega.	A8
	mas alguns estudantes as vezes nos deixam um pouco preocupadas.	A8

Redes Sociais e Neonazismo	Essa galera fica se falando pela internet, soube que tem uns fóruns na Dark Web sinistros	A3
	esses adolescentes se comunicam em fóruns e outras redes na internet, não é fácil de encontrá-los.	A9

Ensino de Filosofia	não temos ferramentas nem capacitação para lhe dar e observar tais fatos, não temos como comprovar	A9
	De fato não sei quais as características mesmo	A10

Neonazismo	existe em alguns lugares	A1
	escutei que tinham alunos que gostam disso	A1
	mas vi na internet que tem muita gente se envolvendo com isso	A2
	Acho que é uma coisa doida	A2
	Eu sei que tem uns grupos por aí, na escola não, mas no meio da galera	A3
	mas é um pessoal estranho, não se envolve com todo mundo não, eles preferem ficar sozinhos, é uma galera meio sombria, sei lá.	A3
	Aqui eles tem força não, mas sei que em Recife tem uma turma pesada que se envolve com isso	A3
	mas eu nem posso chegar perto! Porque? Porque sou preto né professor! (Risos) sou pobre, preto, essa turma gosta de gente branco e que tenha algum dinheiro pelo menos.	A3
	Eu já ouvi falar que existe, mas não conheço	A4
	é uma coisa que faz muito medo, or! Deus me livre topar com um desses.	A4
	aqui eu nunca ouvi falar desse pessoal muito não, mas dizem que tem sim.	A5
	Só ouvi falar! Na época que teve os ataques	A6
	apareceu uns meninos lá no Armando, também soube que teve no modelo, mas de lá pra cá nunca mais ouvi dizer que teve não.	A6
	Isso é uma galera doida professor,	A7
	Teve uns caras aí fazendo graça em umas escolas, mas parou	A7
	Sei quem era não, mas teve, naquela época das loucuras lá!	A7

	mas sim, já ouvi falar de adolescentes que tem interesse pelo assunto e que participam desse submundo,	A8
	mas é difícil de identificá-los, pois são sutis	A8
	mas na época dos ataques em outra escola do município foram pegos estudantes com facas, vestidos com calças camufladas.	A9
	Na época o caso foi levado à delegacia, mas não encontraram nada que o incriminasse na casa dele	A9
	Na época dos ataques tivemos o maior cuidado	A10
	procuramos observar possíveis discurso de ódio em meio a eles, estudantes distantes dos grupos, isolados, se usam alguma imagem ou símbolo do tipo, mas até o momento não houve!	A10
	pois em algumas escolas do município houveram investidas,	A10

5.4.4-Interpretação

Banalidade do Mal	Absurdo isso!	A2
	Por que eu tenho medo de eles me matar	A4
	São assassinos ruins, Deus me livre.	A4
	Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres	A5
	mas a galera diz que é sinistra essa parada	A5
	se algum colega sabe normalmente não o entrega.	A8
	mas alguns estudantes as vezes nos deixam um pouco preocupadas.	A8

“O que é perturbador no tocante a essa aparente larguezza de espírito está no fato de as pessoas não se horrorizarem diante da rejeição das normas, mas que se tornavam indiferentes perante o crime.” (ARENDT, 2012. P. 129). Hannah Arendt ficou horrorizada ao acompanhar o julgamento de Eichmann, não pela sua engenhosidade, pois ela mesma afirma que era um “homem comum” (ARENDT, 1999), mas como uma pessoa foi capaz de tamanha capacidade de praticar a maldade por apenas cumprir ordens em suas próprias palavras, de maneira que ele mesmo chegou a dizer em interrogatório policial que mataria seu próprio pai se fosse necessário, pois mais que ordens ele era um “idealista”. A explicação concentra-se exatamente na Banalidade do Mal, conceito cunhado pela pensadora e que responde muito bem ao que foi extraído desse questionário.

Redes Sociais e Neonazismo	Essa galera fica se falando pela internet, soube que tem uns fóruns na Dark Web sinistros	A3
	esses adolescentes se comunicam em fóruns e outras redes na internet, não é fácil de encontrá-los.	A9

Ao tratar sobre as variadas manifestações neonazistas e demais expressões extremistas e como elas tem ganhado campo no meio das redes sociais, Ferreira afirma (2023,p.207): “O fenômeno é amplificado pela disseminação de discursos de ódio e ideologias extremistas, muitas vezes propagados em redes sociais. Esses discursos não apenas incentivam atos de violência, mas criam um ambiente de validação para tais práticas, contribuindo para sua repetição”. A presente categoria, expressa diretamente essa relação que culmina com a expansão dessas ideologias e torna-se meio de propagação e doutrinação acerca dessas ideias.

Neonazismo	existe em alguns lugares	A1
	escutei que tinham alunos que gostam disso	A1
	acho que é algo de gente doente, sem sentido nenhum	A1
	eles tem ódio das pessoas que são diferentes deles	A1
	mas vi na internet que tem muita gente se envolvendo com isso	A2
	Acho que é uma coisa doida	A2
	Eu sei que tem uns grupos por aí, na escola não, mas no meio da galera	A3
	mas é um pessoal estranho, não se envolve com todo mundo não, eles preferem ficar sozinhos, é uma galera meio sombria, sei lá.	A3
	Aqui eles tem força não, mas sei que em Recife tem uma turma pesada que se envolve com isso	A3
	mas eu nem posso chegar perto! Porque? Porque sou preto né professor! (Risos) sou pobre, preto, essa turma gosta de gente branco e que tenha algum dinheiro pelo menos.	A3
	Eu já ouvi falar que existe, mas não conheço	A4
	é uma coisa que faz muito medo, or! Deus me livre topar com um desses.	A4
	aqui eu nunca ouvi falar desse pessoal muito não, mas dizem que tem sim.	A5
	Só ouvi falar! Na época que teve os ataques	A6
	apareceu uns meninos lá no Armando, também soube que teve no modelo, mas de lá pra cá nunca mais ouvi dizer que teve não.	A6
	Isso é uma galera doida professor,	A7
	Teve uns caras aí fazendo graça em umas escolas, mas parou	A7
	Sei quem era não, mas teve, naquela época das loucuras lá!	A7
	mas sim, já ouvi falar de adolescentes que tem interesse pelo assunto e que participam desse submundo,	A8
	mas é difícil de identificá-los, pois são sutis	A8
	mas na época dos ataques em outra escola do município foram pegos estudantes com facas, vestidos com calças camufladas.	A9
	Na época o caso foi levado à delegacia, mas não encontraram nada que o incriminasse na casa dele	A9
	Na época dos ataques tivemos o maior cuidado	A10
	procuramos observar possíveis discurso de ódio em meio a eles, estudantes distantes dos grupos, isolados, se usam alguma imagem ou símbolo do tipo, mas até o momento não houve!	A10
	pois em algumas escolas do município houveram investidas,	A10

O relatório do Governo Federal aponta que a Organização das Nações Unidas “Alerta, ainda, para o avanço dos grupos e movimentos neonazistas e supremacistas brancos, com uma retórica que incita a violência, discriminação e intolerância, estigmatiza e desumaniza as minorias, os imigrantes, os refugiados, as mulheres e todos aqueles rotulados como “os outros”.” (Brasil, 2023. p. 56) O crescimento de grupos extremistas que assentam-se em discursos de ódio e supremacia tem alertado órgãos de governo, pois os impactos são crescentes. Os destaques acima elencados, estão diretamente ligados a visão dos questionados em relação a grupos neonazistas e como eles observam esse movimento.

Ensino de Filosofia	não temos ferramentas nem capacitação para lhe dar e observar tais fatos, não temos como comprovar De fato não sei quais as características mesmo	A9 A10
---------------------	---	---------------

O Ensino de Filosofia tem papel fundamental no processo de aprendizagem e de levar o estudante a reflexão, entendendo que esse processo é necessário para a compreensão e julgamento para escolha correta do caminho a se trilhar. Gallo pontua que “Importa que cada estudante possa passar pela experiência de pensar filosoficamente, de lidar com conceitos criados na história, apropriar-se deles, compreendê-los, recriá-los e, quem sabe, chegar mesmo a criar conceitos próprios.”

5.4.5-Argumentação

CATEGORIA: BANALIDADE DO MAL

“Absurdo isso!” -2

“Por que eu tenho medo de eles me matar” -A4

“São assassinos ruins, Deus me livre.”-A4

“mas a galera diz que é sinistra essa parada”-A5

“Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres” – A5

“se algum colega sabe normalmente não o entrega”-A8

“mas alguns estudantes as vezes nos deixam um pouco preocupadas”-A8

“São assassinos ruins, Deus me livre!-A4” Essa fala reflete diretamente o medo relacionado aos ataques que ocorreram entre os anos de 2022 e 2023 principalmente e que está presente nas lembranças de todos os pesquisados, pois falam enfaticamente sobre “aquele momento”, que incentivou outros de forma avassaladora, como em um efeito cascata. A Banalidade do Mal, porém, existe, isso é fato e não temos como apagar isso da humanidade, estando posta, portanto, deve ser enfrentada e a escola é ambiente *sine qua non*, para responder de forma efetiva e preventiva a esses atos.

A Banalidade do Mal se expressa de diferentes maneiras mas no caso dos movimentos neonazistas observamos o ódio pelo diferente, pelo outro que é visto como inferior, como menor, como pior. Na fala A-5 encontramos a expressão dessas práticas a partir da percepção de um dos participantes do questionário: “Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres” Nas colocações em destaque observa-se o medo, o pavor a observação do ódio na visão daqueles que conseguiram enxergar esse distúrbio social em alguns grupos.

Em uma das falas encontramos “Por que eu tenho medo de eles me matar-A4”, percebemos o quanto pode ser paralisante as ações maléficas impetradas por esses grupos e é exatamente frente a isso que a Escola deve buscar ações preventivas que possam efetivamente combater tais atos. Nesse sentido nosso trabalho se porta a contribuir com uma ferramenta importante que surge como mais uma possibilidade de enfrentamento a partir do Ensino de Filosofia.

Hannah Arendt apontou que o medo foi superior a propaganda nazista como método de consolidação e expansão do regime. Não obstante, mas sabemos que nas raízes do neonazismo estão as práticas totalitárias nazistas e portanto, observamos a ação do medo nas ações desses sujeitos. A Banalidade do Mal expressa-se, portanto no desdenhar do próximo, na frieza de ações e na falta de reflexão e julgamento dessa atitudes. Pensar a questão aqui discutida é fundamental para uma evolução do pensamento. Não temos como garantir que o pensar por si só fará o sujeito evoluir e crescer enquanto ser humano frente a essas condições, porém, apresentamos esse caminho enquanto possibilidade de melhoramento.

CATEGORIA: REDES SOCIAIS E NEONAZISMO

“Essa galera fica se falando pela internet, soube que tem uns fóruns na Dark Web sinistros” – A3

“esses adolescentes se comunicam em fóruns e outras redes na internet, não é fácil de encontrá-los”. – A9

Como identificado no decorrer da nossa pesquisa, as redes sociais viraram um campo de disseminação de ódio para grupos extremistas que visam difundir suas ideias e agregar pessoas, principalmente adolescentes em suas estruturas doutrinadoras. Em uma das falas “Essa galera fica se falando pela internet, soube que tem uns fóruns na Dark Web sinistros-A3”, é destacada uma das áreas da internet mais profundas e que é composta por uma série de propagandas de crimes e reproduções extremistas.

É perceptível, portanto, que ainda que vários adolescentes não estejam envolvidos com grupos extremistas, eles estão em meio a esse campo minado, não podemos garantir que ao ter acesso a essas informações eles saberão filtrar e ter maturidade para lhe dar com esses aspectos tão presentes na atualidade, emerge, portanto, a necessidade de estarmos preparados para tratar do assunto de maneira clara, concisa e bem fundamentada frente aos riscos de novos jovens adentrarem a esse mundo.

A seguinte fala assim destaca: “esses adolescentes se comunicam em fóruns e outras redes na internet, não é fácil de encontrá-los”. – A9 Sabe-se que os caminhos percorridos por esses adolescentes estão diretamente ligados às redes sociais, como veremos adiante, o que faltam são ferramentas para lhe dar com essa situação. A discussão ainda tem sido tensa e muito complexa, mas para além da própria escola o poder público precisa se posicionar frente a essa realidade, de forma a buscar soluções sem infringir os direitos civis.

CATEGORIA: NEONAZISMO

existe em alguns lugares - A1

escutei que tinham alunos que gostam disso - A1

acho que é algo de gente doente, sem sentido nenhum - A1

eles tem ódio das pessoas que são diferentes deles - A1

mas vi na internet que tem muita gente se envolvendo com isso - A2

Acho que é uma coisa doida - A2

Eu sei que tem uns grupos por aí, na escola não, mas no meio da galera - A3

mas é um pessoal estranho, não se envolve com todo mundo não, eles preferem ficar sozinhos, é uma galera meio sombria, sei lá. - A3

Aqui eles tem força não, mas sei que em Recife tem uma turma pesada que se envolve com isso - A3

mas eu nem posso chegar perto! Porque? Porque sou preto né professor! (Risos) sou pobre, preto, essa turma gosta de gente branco e que tenha algum dinheiro pelo menos. - A3

Eu já ouvi falar que existe, mas não conheço - A4

é uma coisa que faz muito medo, or! Deus me livre topar com um desses. - A4

Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres - A5

aqui eu nunca ouvi falar desse pessoal muito não, mas dizem que tem sim. - A5

Só ouvi falar! Na época que teve os ataques - A6

apareceu uns meninos lá no Armando, também soube que teve no modelo, mas de lá pra cá nunca mais ouvi dizer que teve não. - A6

Isso é uma galera doida professor, - A7

Teve uns caras aí fazendo graça em umas escolas, mas parou - A7

Sei quem era não, mas teve, naquela época das loucuras lá! - A7

mas sim, já ouvi falar de adolescentes que tem interesse pelo assunto e que participam desse submundo, - A8

mas é difícil de identificá-los, pois são sutis - A8

mas na época dos ataques em outra escola do município foram pegos estudantes com facas, vestidos com calças camufladas. - A9

Na época o caso foi levado à delegacia, mas não encontraram nada que o incriminasse na casa dele - A9

Na época dos ataques tivemos o maior cuidado - A10

procuramos observar possíveis discurso de ódio em meio a eles, estudantes distantes dos grupos, isolados, se usam alguma imagem ou símbolo do tipo, mas até o momento não houve!
- A10

pois em algumas escolas do município houveram investidas, - A10

Como apresentado nos gráficos anteriormente, nem todos os estudantes tem real noção acerca dos movimentos neonazistas. Por um lado isso é positivo no sentido de sabermos que eles não foram atingidos de alguma forma por essas informações e portanto, é possível que não estejam sob influência dessas ideias. Por outro lado, além de não ser uma garantia, uma vez que

essas ideias não se apresentam diretamente como neonazistas, a falta de conhecimento do caso gera uma fragilidade, uma vez que por faltar fundamento para lhe dar com essas situações, uma vez sendo apresentadas elas podem gerar guarda em suas mentes.

Percebemos, no entanto, que uma parcela significativa dos estudantes percebem e sabem a existência desses movimentos e inclusive conseguem identificar aspectos em seu entorno. “existe em alguns lugares - A1”; “escutei que tinham alunos que gostam disso - A1”; “mas vi na internet que tem muita gente se envolvendo com isso - A2”; “Aqui eles tem força não, mas sei que em Recife tem uma turma pesada que se envolve com isso - A3”; “Eu já ouvi falar que existe, mas não conheço - A4”; “aqui eu nunca ouvi falar desse pessoal muito não, mas dizem que tem sim. - A5”.

Fica claro nos destaques que apesar de saberem da existência desses grupos, os trechos concordam que não há células neonazistas na escola no dado momento a pesquisa. Alguns ouviram falar e outros tratam com conhecimento de fato, inclusive dando lugar a esses grupos. Em uma das falas, por exemplo, é falado que “em Recife-A3” existem células neonazistas o que é colaborado pelas nossas pesquisas a partir de relatórios e reportagens que nos trazem fundamentos.

Os aspectos e ideias destacados na seguinte fala “Por que eles ficam falando umas coisas estranhas, tipo falando mal de pessoas que são negras, que são gays, de mulheres - A5”, demonstra a percepção desses alunos em torno das práticas desses grupos e como eles atuam e pensam. O que nos chama atenção é relacionar esse destaque com o gráfico 5, onde vários estudantes apontam falas preconceituosas e racistas em seu meio. Entendemos que essas falas podem não ter fundamento e base nazistas, porém, como já discutimos em todo trabalho, elas geram campo para a consolidação de movimentos extremistas e para a geração de um ambiente de normalidade em meio a sociedade.

Os reflexos e medo do passado estão presentes nas falas destacadas, foram muitas as lembranças dos ataques e tentativas de ataques entre os anos de 2022 e 2023. Um dos casos foi citado na seguinte fala, “mas na época dos ataques em outra escola do município foram pegos estudantes com facas, vestidos com calças camufladas. - A9”. O neonazismo mostra-se, portanto, como um potencial movimento de destruição e morte. O combate a essas células deve ocorrer de diversas partes e a escola tem papel na educação dos jovens frente a esses desafios.

CATEGORIA: ENSINO DE FILOSOFIA

“não temos ferramentas nem capacitação para lhe dar e observar tais fatos, não temos como comprovar – A9”

“De fato não sei quais as características mesmo – A10”

É notório nas falas destacadas e durante toda nossa pesquisa, identificou-se a falta de ferramentas que desse amparo ao fazer pedagógico. O Ensino de Filosofia, surge como possibilidade de reflexão e de ação didática no ambiente escolar frente a esse desafio. A partir da nossa Cartilha, direcionada por um plano de aula que pode ser adaptado a outra realidade, os estudantes poderão ter um caminho aberto a atividade de pensar.

Como dissemos anteriormente, há uma grande diferença entre o pensar e o decidir, não cabe a escola, porém, enquanto espaço democrático e plural decidir por nenhum estudante, uma vez que não é esse nosso papel, mas criar possibilidades que estejam direcionados a objetivos éticos e humanos frente a tudo isso que estamos assistindo.

Entendemos que nossa prática enquanto professores de filosofia é primordial no desenvolvimento do estudante e na evolução do pensamento humano. Destacamos ainda que no próximo tópico, faremos a exposição de que ficou comprovada a eficácia deste produto como possibilidade de ensino de filosofia.

5.5- Banalidade do Mal e Neonazismo: Uma reflexão prática

A experiência prática em sala de aula foi desenvolvida a partir da aplicação da supracitada cartilha em comum com o plano de aula aqui apresentado. Tivemos como um dos principais aspectos motivadores entre os estudantes a própria temática em si, pois, dado os fatos que foram chocantes em todo o país e já tendo participado dos questionários, os estudantes estavam inteirados, ao menos que superficialmente com o tema, todavia, não tinham um olhar reflexivo sobre este, o que ficara demonstrado na aplicação dos questionários, demonstrando que além de um conhecimento muito superficial não detinham ferramentas para combater tais ideologias.

Por outro lado, percebemos como uma oportunidade de evolução, pois não vimos como uma barreira, nem ponto negativo, mas um meio onde poderíamos intervir para melhorar, o desconhecimento da autora trabalhada neste trabalho. Hannah Arendt, de fato mostrou-se desconhecida do universo dos estudantes, que se nunca escutaram sobre a pensadora, muito

menos sabiam relacionar ao tema nem tampouco aplicar o saber filosófico do seu entendimento na vida prática de cada um.

Dessa forma, buscamos problematizar a própria temática a partir da discussão em torno da temática do Neonazismo e do Conceito de Banalidade do Mal. Atendendo o que se esperava, houve de início uma relação direta entre o conceito proposto e a ideia de maldade em si que eles possuem em sua vivência diária. Partimos, portanto, a apresentar a pessoa de Eichmann a partir de relatos extraídos da obra da autora, bem como relatos da obra *Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo e totalitarismo*” (ARENDT, 2012), dessa feita, podemos fomentar o contato direto do estudante com a obra do autor, introduzindo-os ao meio pensante e a retórica dominante deste pensamento.

De fato, ao explicitarmos o neonazismo e como essas células se enraizam na sociedade, percebemos de imediato que não havia um entendimento claro entre os estudantes de que tais ações eram possíveis em nossa sociedade e de que os alunos seriam “ingênuos” ao ponto de serem manipulados por essas ideias. Utilizamos essa palavra, “ingênuos”, pois foi enfatizada entre os estudantes por várias vezes e ficou notório que essa ideia de auto-superioridade, de que não seriam atingidos por essa ideologia, na verdade era algo perigoso, pois não percebiam a gravidade desses movimentos e como eles arrebanham jovens nos dias atuais.

Apresentamos, portanto, a pessoa comum que era o Eichmann e como pessoas tão comuns podem ser arrastadas por ideias que atraem e parecem ser sólidas e necessárias para a sociedade. Nesse ponto, acabamos por nos colocar nesse bojo, não como pessoas que são levianas, mas como seres humanos comuns que devem-se zelar pelos espaços e ideias que visitamos e pelas falas que replicamos.

A compreensão do conceito de Banalidade do Mal, foi sem dúvida, um dos pontos culminantes do nosso trabalho, e expressa-se na cartilha no quadro de número dois, logo após a proposta de discussão sobre o neonazismo. Afimamos isso, pois o conceito apresentou-se como chave em todo este trabalho e também na intervenção ora apresentada, entendemos que esse conceito é chave para o pensar filosófico a partir de Arendt.

Ficou demonstrado que os estudantes não tinham uma compreensão sobre esse conceito, mas que foi compreendido e percebido entre eles como algo real e que pode sim se consolidar em pessoas comuns, tornando-as insensíveis e anestesiadas ao momento em que vão agindo de maneira normal frente amaiores barbaridades da vida.

Os estudantes perceberam que o nazismo é uma forma de expressão da banalidade do mal e que esse pode sim acometer as pessoas tanto pela sua participação direta nesses grupos, quanto sendo vítimas desses agentes, obsevando ainda que a escola é um meio prático para a

evolução dessas ideologias e portanto, deve-se a escola o papel de conscientização e reflexão como forma de combater tais ideologias.

Observamos e validamos a ideia que defendemos em toda a pesquisa, desde seus primórdios ainda enquanto projeto, que a discussão dessa temática se faz necessária frente a essa realidade, ocultar essa pauta não é sinônimo de bons resultados, se bem administrado e instruído, com um bom planejamento, material de apoio e profissionais capacitados, podemos discutir a temática sem abrir espaços para a propagação de ideias, mas para a redução de possibilidades violentas em nossas escolas e até fora dela.

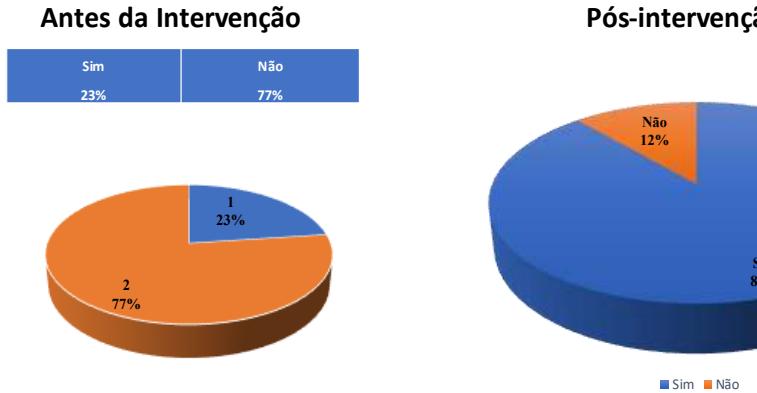
Atualmente, o governo federal disponibiliza links de acesso para denúncia, bem como uma cartilha que foi apresentada neste trabalho. Nossa cartilha, propôs essa discussão apresentando aos estudantes tais ferramentas e mostrando-lhes importantes espaços de discussão quanto a essa temática, sendo o grêmio e outros espaços a partir da orientação de profissional competente, mas tendo a cultura de observar possíveis ações que possam desequilibrar o ambiente escolar quanto a essa ideologia e agindo de maneira consciente e cuidadosa.

Ao final da aplicação da cartilha, aplicamos um segundo questionário com questões abertas e fechadas, como forma de observar como os estudantes compreenderam a intervenção deste trabalho e levantando dados sobre a observação feita a partir deles acerca da temática discutida. Entendemos com positividade e como produção de excelente aplicação prática, frente ao desafio proposto.

Após o desenvolvimento das atividades concernentes a aplicação da cartilha, observamos uma compreensão mais clara acerca do conceito de Banalidade do Mal e do pensamento Arendtiano frente ao Neonazismo, bem como uma percepção apurada acerca desses movimentos e suas práticas, uma vez que noventa e oito por cento dos estudantes afirmaram terem compreensão acerca do que é o Neonazismo, contrastando com oitenta e oito por cento que no primeiro questionário diziam não saber o que era o neonazismo.

Podemos ter como afirmativa que alcançamos um importante passo ao momento que trazemos luz a esse tema levando os estudantes a compreenderem o que é o Neonazismo e essa compreensão é parte fundamental para a reflexão e combate a tais práticas dentro e fora da escola. Podemos reafirmar essa questão a partir da análise das repostas abertas no questionário onde os estudantes propuseram assertivas lógicas acerca dessa ideologia, demonstrando compreensão sobre o tema.

Você sabe o que é Neonazismo?



Repetimos no segundo momento a seguinte questão: “ Você conhece ou já conheceu alguém que fez ou faz parte desses grupos?” Houve um aumento significativo em relação ao primeiro questionário que identificou apenas três por cento dos sujeitos que teria conhecimento de pessoas que fazem parte ou já tiveram relação com esse movimento subindo no segundo questionário para dezoito por cento, o que deixa evidente que a compreensão da temática eleva a percepção dos sujeitos dando a eles uma visão clara do que está sendo proposto e possibilitando uma melhor via de acesso a defesa, combate e afastamento de possíveis ideias extremistas.

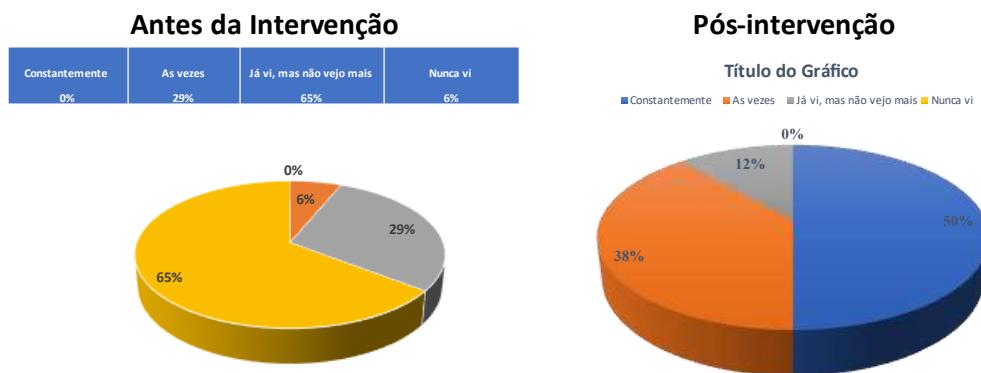
Você conhece ou já conheceu alguém que fez ou faz parte desses grupos?



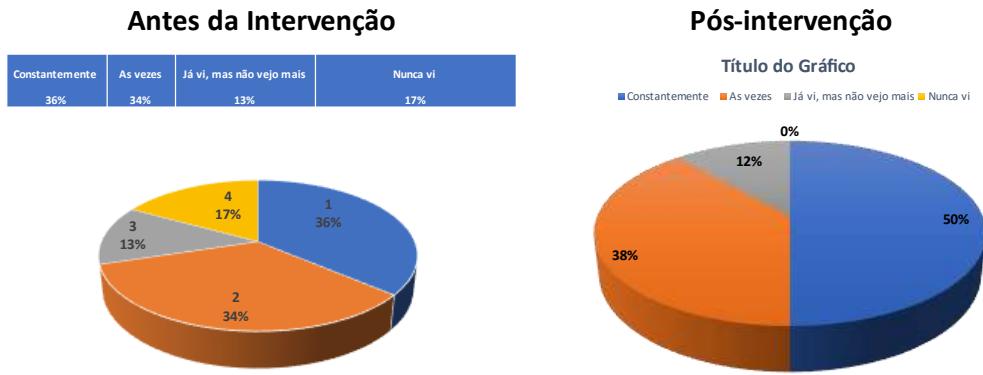
A percepção de aspectos na escola como símbolos, imagens, frases não teve aumento substancial mantendo-se dentro das proximidades dos patamares do primeiro questionário. As vezes apareceu com trinta por cento, um por cento a mais que no primeiro questionário, já vi mas não vejo mais caiu de sessenta e cinco por cento para sessenta e três por cento e Nunca vi subiu de seis para sete por cento. Já quando perguntamos “Você percebe falas racistas, homofóbicas, xenofóbicas no meio escolar?” Houve um crescimento considerável do que já não era pequeno, onde “Constantemente” passou de trinta e seis por cento para quarenta e três por cento e “As vezes” passou de trinta e quatro por cento para quarenta e um por cento.

Entendemos que esse aumento considerável, se dá exatamente pela ampliação na percepção deste estudante que começa a ter um olhar muito mais crítico em torno desta temática, haja vista que ele foi impactado e portanto incentivado a lançar uma reflexão sobre esta causa, o que nos coloca frente a uma conquista, uma vez que observamos que esse estudante demonstra ter sido impactado positivamente por este trabalho.

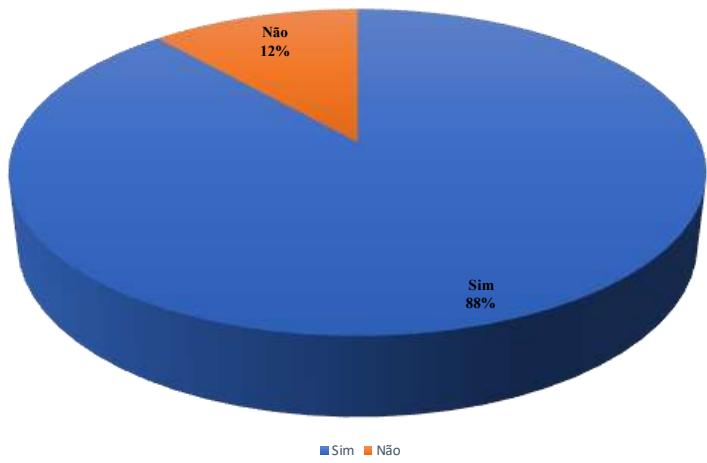
Você percebe ou já percebeu aspectos neonazistas na escola como simbolos, imagens, frases, etc?



Você percebe falas racistas, homofóbicas, xenofóbicas no meio escolar?



Você Compreendeu o conceito de Banalidade do Mal?



Concernente a questão “Você Compreendeu o conceito de Banalidade do Mal?” Tivemos cem por cento dos estudantes afirmado que sim, o que foi achado coerente com relação as respostas abertas por eles propostas, destacamos citações como: Anestesia, anestesiados, frios, sem compaixão, para além do mal, maldade sem pensamento, maldade sem reflexão, maldade

como forma de vida. Entendemos que houve sim uma compreensão clara acerca desse conceito e essa compreensão está diretamente ligada a última questão que demonstrou o interesse do estudante pelo pensamento arendtiano e a compreensão deste a partir da temática proposta por parte da análise feita neste último questionário.

Entendemos que conseguimos atingir nosso objetivo no sentido de refletir em torno do conceito de Banalidade do Mal, a partir do pensamento arendtiano, sobre as ideias neonazistas, identificando aspectos dessa ideologia na atualidade e intervindo com base em uma construção educacional e filosófica com vistas à conscientização dos estudantes.

Selecionamos as questões abertas: Explique com suas palavras o que é o neonazismo e Explique com suas palavras o conceito de Banalidade do Mal. A partir dessas questões aplicamos mais uma vez o Método de Análise Textual Discursiva como forma de melhor analisar o que os estudantes conseguiram expressar.

Unitarização e Desmontagem do texto

A1	São grupos extremistas que propagam ideias de Hitler e tentam atrair jovens para eles.	Grupos extremistas Hitler Tentam atrair jovens
A2	Entendi que são pessoas que odeiam os diferentes, que não amam e que querem o mal das pessoas que não aceitam suas ideias.	Odeiam os diferentes
A3	São grupos que se utilizam de ideias nazistas e propagam o terror em escolas e outros locais por se acharem superiores.	ideias nazistas propagam o terror se acharem superiores
A4	É um movimento que não é bem como o nazismo, é como se fosse um novo nazismo só que diferente.	novo nazismo
A5	É um movimento que tem ganhado força devido o uso da internet e tem se proliferado em todos os locais, mas sempre desejando o mal daqueles que eles acham serem inferiores a eles.	uso da internet proliferado em todos os locais eles acham serem inferiores a eles
A6		Hitler

	São grupos que tentam trazer a ideia de Hitler de volta, porém com outras características e tem crescido com grande velocidade principalmente na internet.	crescido com grande velocidade internet
--	--	---

Unidades de Significado

Grupos extremistas	Neonazismo
Hitler	Neonazismo
ideias nazistas	Neonazismo
novo nazismo	Neonazismo
Odeiam os diferentes	Banalidade do Mal
propagam o terror	Banalidade do Mal
se acharem superiores	Banalidade do Mal
eles acham serem inferiores a eles	Banalidade do Mal
uso da internet	Expansão
proliferado em todos os locais	Expansão
crescido com grande velocidade	Expansão
internet	

Categorização e Descrição

Banalidade do Mal	Odeiam os diferentes	A2
	propagam o terror	A3
	se acharem superiores	A3
	eles acham serem inferiores a eles	A5
Neonazismo	Grupos extremistas	A1
	Hitler	A6
	ideias nazistas	A3
	novo nazismo	A4

Interpretação

Banalidade do Mal	Odeiam os diferentes	A2
	propagam o terror	A3
	se acharem superiores	A3
	eles acham serem inferiores a eles	A5

Os trechos aqui destacados demostram fortemente a relação que os estudantes fazem com a visão que grupos extremistas têm do outro, uma noção carregada de ódio e de percepção de superioridade, gerando nesses grupos a justificativa de destruir o outro a seu prazer sem

nenhuma noção de humanidade afinal por eles “se acharem superiores” aos demais, o próprio destino desses demais fica a cargo das decisões desses movimentos.

Neonazismo	Grupos extremistas	A1
	Hitler	A6
	ideias nazistas	A3
	novo nazismo	A4

É perceptível que os estudantes fazem uma relação direta com o nazismo alemão, tendo, porém, caracterizado que há a percepção de uma clara diferença em vários aspectos. Em uma das falas podemos destacar “novo nazismo”, demonstrando a compreensão clara de que foi compreendida essa questão. O neonazismo é pra os estudantes uma realidade do cotidiano, apesar de serem muito mais predominantes no Sul e Sudeste do país, sua presença já está em todo o Brasil, e portanto deve ser de particular importância nos estudos e pesquisas escolares.

Argumentação

NEONAZISMO

“Grupos extremistas” A1

“Hitler” A3

“ideias nazistas” A6

“novo nazismo” A4

BANALIDADE DO MAL

“Odeiam os diferentes” A2

“propagam o terror” A3

“se acharem superiores” A3

“eles acham serem inferiores a eles” A5

Na questão explique com suas palavras o conceito de Banalidade do Mal, ficou clara a compreensão dos estudantes em torno desse conceito chave do nosso trabalho, tendo sido refletida e muito bem compreendida, demonstrando a eficácia interventiva desta pesquisa. Em uma das respostas podemos destacar: “É um tipo de violência, porém, não é a maldade simples, mas uma maldade sem sentido e sem sentimento.” A1 A compreensão do estudante de que não é um mal comum é de primordial importância no estudo desse conceito em Arendt, tal qual apreendemos na seguinte fala: “É uma maldade sem sentido e sem lógica, maldade feita por pessoas comuns e que continuam vivendo como se nada tivesse acontecido.” A5 fica claro que a relação entre a banalidade do mal e sua prática, não se aplica a um pequeno grupo, mas “pessoas comuns” podem, como ficou provado com Eichmann praticar esse tipo de maldade o que nos alerta ainda mais.

6-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou que o Ensino da Filosofia, quando articulado a uma abordagem crítica e contextualizada, tem potencial significativo para enfrentar ideologias extremistas, como o neonazismo, no ambiente escolar. A intervenção realizada na Escola Estadual Aníbal Cardoso revelou que, embora muitos estudantes não possuam conhecimento aprofundado sobre o tema, há uma percepção crescente de que tais movimentos estão presentes em suas realidades — ainda que de forma velada ou indireta.

As falas dos alunos refletem tanto o medo quanto a curiosidade diante dessas manifestações, especialmente diante do histórico recente de ataques às escolas no Brasil. Essa realidade reforça a importância de um trabalho preventivo, fundamentado no diálogo, na escuta e na construção coletiva do conhecimento. A Filosofia, nesse contexto, mostrou-se uma aliada indispensável, ao fomentar o pensamento crítico, a ética e a reflexão sobre o outro, o diferente e o coletivo.

Além disso, a pesquisa apontou lacunas na formação e nas ferramentas disponíveis aos educadores para lidar com essas questões. A criação de uma cartilha e de um plano de aula adaptável representa uma contribuição concreta para o enfrentamento desse desafio, oferecendo subsídios práticos que podem ser replicados em outras instituições e contextos.

Diante do crescimento de discursos de ódio e da banalização do mal em diferentes esferas sociais, a escola precisa se posicionar como espaço de resistência, formação ética e cidadã. O trabalho aqui desenvolvido não pretende oferecer soluções definitivas, mas indicar caminhos possíveis para uma atuação pedagógica mais consciente, reflexiva e transformadora. Assim, reafirma-se o papel da Filosofia como prática educativa fundamental na promoção do respeito e valorização da diversidade.

A presente pesquisa evidencia a urgência de ações pedagógicas no ambiente escolar que promovam o pensamento crítico e a reflexão ética frente ao avanço de ideologias extremistas, como o neonazismo. A partir da intervenção didático-metodológica realizada na Escola Estadual Aníbal Cardoso, em Ipojuca, foi possível constatar que, embora nem todos os estudantes tenham contato direto com essas ideologias, muitos reconhecem sua existência, sua disseminação nas redes sociais e os riscos que representam para a convivência democrática.

As falas dos estudantes demonstram tanto desconhecimento quanto percepção crítica sobre o tema, revelando um campo fértil para a atuação preventiva da escola. Ao mesmo tempo, as inquietações e medos expressos apontam para a necessidade de uma formação que vá além

da transmissão de conteúdos, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de julgar, discernir e agir eticamente diante das ameaças à dignidade humana.

Neste cenário, o ensino de Filosofia se mostra uma ferramenta essencial, não apenas como conteúdo curricular, mas como prática de formação integral. A Filosofia, ao estimular a reflexão sobre o mundo, a história e o próprio sujeito, contribui de forma significativa para o enfrentamento de discursos de ódio e práticas discriminatórias que ameaçam o ambiente escolar e a sociedade em geral.

A experiência aqui relatada reforça o papel da escola como espaço privilegiado de resistência e transformação. A cartilha produzida como produto educacional desta pesquisa surge como uma possibilidade concreta de intervenção pedagógica, capaz de ser adaptada e aplicada em diferentes contextos, contribuindo para uma educação mais crítica, consciente e humanizadora.

Concluímos, portanto, que pensar filosoficamente não é um luxo, mas uma necessidade diante dos desafios contemporâneos. Formar jovens capazes de refletir, questionar e agir com responsabilidade ética é um caminho promissor para enfrentar o avanço de ideologias extremistas e construir uma sociedade mais justa e plural.

Os dados obtidos ao longo da aplicação da cartilha e dos questionários pós-intervenção demonstram de forma clara que a intervenção pedagógica proposta alcançou resultados significativos no processo de conscientização crítica dos estudantes. A compreensão do conceito de Banalidade do Mal, bem como a identificação e análise do fenômeno do neonazismo, revelam não apenas a eficácia da abordagem metodológica, mas também a importância da Filosofia como instrumento de formação ética e cidadã. A elevação dos índices de reconhecimento de práticas extremistas, bem como o aumento na percepção de discursos de ódio no ambiente escolar, indicam que os estudantes passaram a observar a realidade com um olhar mais atento e reflexivo. Assim, reafirma-se o papel da educação, especialmente da Filosofia, como ferramenta fundamental para o enfrentamento de ideologias que ameaçam os princípios democráticos e os direitos humanos, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, conscientes e atuantes na construção de uma sociedade mais justa e plural.

7-REFERÊNCIAS

- _____ Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2023.
- _____ BRASIL. Ministério da Educação. Relatório Final. Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. 2024.
- _____ BRASIL. Lei Nº 7.716. Brasília, 1989.
- _____ BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília, 2018.
- _____ BRASIL. Projeto de Lei nº 175, de 2022. Senado Federal, Brasília, 2022.
- _____ BRASIL. Portaria MEC nº 1.089, de 12 de junho de 2023.
- Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos. D³e – Dados para um Debate Democrático na Educação; B3 Social; Fundação José Luiz Setúbal, São Paulo, 2023.
- Relatório de Eventos Antissemitas e Correlatos no Brasil 01/07/2022 a 31/12/2022. Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil (OJDHB). São Paulo, 2023.
- Agência Brasil. Jornal Eletrônico. São Paulo, 2023.
- ABRAMOVAY, M. et al. Do Isolamento Ao Presencial: Desafios Da Convivência Escolar. In: ABRAMOVAY, M. et al (orgs.). Educação e juventudes: perspectivas multidisciplinares. Rio de Janeiro: Flacso, 2023.
- ABRAMOVAY, M.; SILVA, A. P. da; FIGUEIREDO, E. Violência e Escola: A Juventude e suas inquietações. In: ABRAMOVAY, M. et al (orgs.). Reflexões sobre convivências e violências nas escolas. Rio de Janeiro: Flacso, 2021.
- ADORNO, Theodor. A Educação contra a barbárie. Ano IV, Nº203. Porto Velho, 2006
- ANDRADE, Everaldo Oliveira. A primeira ocupação militar dos EUA no Haiti e as origens do totalitarismo haitiano. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 20, p. 173-196, 2016.
- ARENKT, Hannah. Da Violência. São Paulo, 2004.
- ARENKT, Hannah. A condição humana. Forense Universitária, São Paulo, 2010
- ARENKT, Hannah. Homens em tempos sombrios. Companhia de bolso. São Paulo, 2008.
- ARENKT, Hannah. Pensar sem corrimão: compreender. Rio de Janeiro, 2021.
- ARENKT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo. Ed. Companhia de Bolso, São Paulo, 2013.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Perspectiva, São Paulo, 2022.

BAILER-GALANDA, Brigitte.; NEUGEBAUER, Wolfgang Extremismo de direita: história, Organizações, Ideologia Publicado em: Stiftung Dokumentationsarchiv des österreichischen Wider-standes / Liga Anti-Difamação (ed.): Brigitte Bailer-Galanda / Wolfgang Neugebauer, Incorrigivelmente Direita. Extremistas de Direita, “Revisionistas” e Antissemitas na Política Austríaca Hoje, Viena – Nova Iorque 1996.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e holocausto. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

BORGES, Maria Isabel. Tragédia na escola: quadrinhos, percepção e representação. 9ª Arte (São Paulo), e219554, 2023.

CAMINE, L. A.; NEITZEL, O. Violência extremista na escola: o “school shooting” como fenômeno no Brasil. In: I Seminário de Pesquisa do PPGE. Anais. Universidade Federal da Fronteira Sul, 2023.

CÉZAR, N. Educação dos sentimentos e cultura da paz nas escolas: um projeto a ser construído. Saberes Interdisciplinares, v. 12, n. 24, p. 48-67, 2019.

CORREIA, Adriano. A Banalidade do Mal. Ed. Altaebooks. São Paulo, 2025

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Observando o ódio entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane. UNICAMP, 2018.

DIAS, Adriana O crime de ódio e o neonazismo na internet: análise de uma experiência etnográfica. UNICAMP, SP. 2008.

DUARTE, André. Poder, violência e revolução no pensamento político de Hannah Arendt. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade. V. 21, Nº 3. São Paulo, 2016.

FERRARA, P. et al. Physical, psychological and social impact of school violence on children. Italian Journal of Pediatrics, v. 45, n. 76, p. 1-4, 2019.

FERRAZ, P. Ataques nas Escolas como Problema Contemporâneo Brasileiro. Revista Posição, v. 10, n. 23, p. 5-6, 2023.

FERREIRA, V. J.; SANTOS, M.S.; ORIENTE, S.B. O cenário da violência em destaque: discutindo os atuais ataques nas escolas de educação básica no Brasil. Revista Transmutare, Curitiba, v. 8, p. 1-17, 2023.

GALLO, Silvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. Ethica, V. 13, Nº 1. Rio de Janeiro, 2006. Acesso em 01 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://lasalvia.prof.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Caldeira Odilon; ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. Neonazismo e transição democrática: a experiência brasileira. Anuário IEHS, PUC-RS, 2017.

GOLDHAGEN, Daniel. Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOMIDE, A. P. A. Movimentos extremistas nas escolas e a educação contra a barbárie. Revista UFG, Goiânia, v. 23, p. 2-33, 2023.

GUIMARÃES, A. P. et al. A escola como palco de massacres e atentados armados. Universidade de São Francisco, Itatiba, 2022.

INOJOSA, Rose Marie. Discursos perigosos: Violência Internet Paz Social. Viseu, 2024.

JUNQUEIRA, Rogério. A invenção da Ideologia de Gênero: um projeto de poder. Brasília, Editora Letras Livres, 2022.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. Trad. Valério Rodhen e Udo Muusburger. Ed. Nova Cultura, São Paulo, 2005

LANGMAN, P. School Shooters: Understanding High School, College, and Adult Perpetrators. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2015.

LIMA, Rodrigo Fampa Negreiros. O Metro de Moscou: Realidade e Ficção em Origens do totalitarismo de Hannah Arendt. Tese (Doutorado) – PUC-Rio, 2020.

LIRA, Ana Clara Bastos; PRADO, Alessandro Martins. A ascensão de movimentos neofascistas e seus reflexos constitucionais para a população feminina brasileira em face da pós-democracia. ANAIS DO ENIC, 2021. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/7896>. Acesso em Julho de 2024.

LOPES, Luiz Roberto. Do Terceiro Reich ao novo nazismo. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFGRS, 1992.

MASCHIETTO, Roberta Holanda. A ascensão da extrema-direita no mundo: convergências, diferenças e o papel da história CEBRI Centro Brasileiro de Relações Internacionais, SP. 2024.

NOVES, Adriana. Banalidade do mal nos séculos XX e XXI. Rev. Cadernos Arendt, V. 4, Nº 8. Piauí, 2023.

PEREIRA, Ana Paula Silva et al. A crítica de Hannah Arendt à universalidade vazia dos direitos humanos: o caso do refúgio da terra. Universidade Federal da Paraíba, 2014.

PEREIRA, José Aparecido; JESUS, Felipe dos Reis. O conceito de banalidade do mal em Hannah Arendt na obra Eichmann em Jerusalém. Cadernos Arendt, V. 04, N. 08. UFPI, 2023.

RESENDE, Pâmela de Almeida. Entrevista com Adriano Correia Silva. Ano VII, n. 12, USP. São Paulo, 2016.

HOCKENOS, P. Livres para Odiar - Neonazistas: ameaça e poder. São Paulo: Scritta, 1995.

- ROVIELLO, Anne-Marie. Senso Comum e Modernidade em Hannah Arendt. Coleção Pensamento e Filosofia. Instituto Piaget. Lisboa, 1997.
- SALEM, Helena. As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Atual, 1995.
- SANTOS SILVA, L.; GARZEDIN, E.; BONILLA, M. H. Violência e escola: os fios narrativos que conduziram o noticiário do massacre em Suzano. Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 9, n. 22, p. 80–102, 2022.
- SANTOS, Leonardo Pires dos; VAZ, Telma Romilda Duarte. O ovo da serpente: reflexões sobre a ascensão do neonazismo brasileiro a partir de 2019. Repositório da UFMGS. 2024.
- SCHIO, Sônia Maria. Hannah Arendt: História e Liberdade: da ação à reflexão. Ed. Clarinete, 2^a Edição. Porto Alegre, 2012.
- SILVA, Ricardo George de Araújo. Ação, Pluralidade e Política em Hannah Arendt. Rev. de Filosofia Argumentos. Ano 10, Nº 19. Fortaleza, 2018.
- SOUKI, Nádia. A Banalidade do Mal em Hannah Arendt. Ed. UFMG. Belo Horizonte, 1995.
- SOUKI, Nádia. Hannah Arendt e a Banalidade do Mal. Ed. UFMG. Belo Horizonte, 1998.
- SUGMOTO, Luiz. Um mergulho no universo neonazista. UNICAMP, 2018.
- TIZZO, Fabiano. Responsabilidade e culpa alemã: um diálogo entre Hannah Arendt e Karl Jaspers. Revista Lumen-ISSN: 2447-8717, v. 1, n. 2, 2016.

08- APÊNDICE



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÉNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Questionário estruturado **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Esta pesquisa é da responsabilidade do pesquisador Jefferson Oliveira Rodrigues, residente na Rua Nove, Nº 44, Casa B, Nossa Senhora do Ó, Ipojuca-PE, CEP: 55590-000/Telefone (81) 998757-1262/e-mail professorjeffersonrodrigues@gmail.com.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa a ser realizada com a participação de sua filha ou seu filho, partindo do título: **O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**

Tem por objetivo: Refletir em torno do conceito de Banalidade do Mal, a partir do pensamento arendtiano, sobre as ideias neonazistas, identificando aspectos dessa ideologia na atualidade e intervindo com base em uma construção educacional e filosófica com vistas à conscientização dos estudantes.

Parte 1 - Características Socioeconômicas

1. Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outro _____

2. Idade:

3. Qual bairro do Município de Ipojuca você mora?

4. Renda familiar mensal:

- Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045,00).
- De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00).
- De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 2.090,00 até R\$ 5.225,00).
- De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 5.225,00 até R\$ 10.450,00).
- De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 10.450,00 até R\$ 31.350,00).
- Mais de 30 salários mínimos (mais de R\$ 31.350,00).

5. Você já ajuda na renda familiar? Exerce algum tipo de atividade remunerada?

- Sim Não

Parte 2 - Aspectos relativos ao conhecimento acerca do Neonazismo

6. Você tem conhecimento/informações sobre o neonazismo?

- Sim Não

7. Você conhece ou já conheceu alguém que fez ou faz parte desses grupos?

- Sim Não

8. (Caso tenha respondido sim à questão 6 ou 7). Qual a sua visão sobre esse movimento?

9. Você percebe ou já percebeu aspectos neonazistas na escola como simbólos,

imagens, frases etc?

- Constantemente
- As vezes
- Já vi, mas não vejo mais
- Nunca vi

10. Você percebe falas racistas, homofóbicas, xenofóbicas no meio escolar?

- Constantemente
- As vezes
- Já vi, mas não vejo mais
- Nunca vi

11. Caso tenha respondido Constantemente, As vezes, Já vi, mas não vejo mais. Que falas você se recorda de já ter escutado?

12. Você lembra de ataques que ocorreram no Brasil a escolas e que vitimizaram várias pessoas?

- Sim
- Não

13. Em sua cidade você tem conhecimento de algum fato parecido ou ameaça desse tipo?

- Sim
- Não

14. Você teme que isso possa ocorrer em seu ambiente escolar?

- Sim
- Não



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÉNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ANEXO I

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MENORES DE 18 ANOS)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 15 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você _____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais para participar como voluntário (a) da pesquisa: **O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE.** Esta pesquisa é da responsabilidade do pesquisador Jefferson Oliveira Rodrigues, residente na Rua Nove, nº 44, Casa B, Nossa Senhora do Ó, Ipojuca-PE, CEP: 55590-000/Telefone (81) 998757-1262/e-mail: professorjeffersonrodrigues@gmail.com.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, um responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Núcleo UFPE.

Pesquisador: Jefferson Oliveira Rodrigues.

Título da pesquisa: O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE

Objetivos:

Refletir em torno do conceito de Banalidade do Mal a partir do pensamento arendtiano sobre as ideias neonazistas identificando aspectos dessa ideologia na atualidade e intervindo com base em uma construção educacional e filosófica com vistas a conscientização dos estudantes.

Público: A pesquisa a ser realizada com a participação dos estudantes do 1º ano (2025) da **Escola Aníbal Cardoso, da Cidade de Ipojuca, no Distrito de Nossa Senhora do Ó, Ipojuca/PE, na disciplina de Filosofia.**

Período:

1ª etapa: primeiro semestre de 2025;

2ª etapa: segundo semestre de 2025.

Atividades: leitura e debates sobre textos filosóficos de Hannah Arendt e didáticos; atividades individuais e em grupo; discussão em torno das temáticas em forma de oficina de conceitos; produção de conceitos.

Informações adicionais para esclarecimento:

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisados. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de gravações, entrevistas, fotos, filmagens, etc, ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador Jefferson Oliveira Rodrigues, no endereço Rua Nove, nº 44, Casa B, Nossa Senhora do Ó, Ipojuca-PE, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou resarcidas pelo pesquisador.

Assinatura do pesquisador



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÉNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo acerca do **O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**, como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Ipojuca-PE, ____ / ____ /2025.

Assinatura do (da) menor: _____

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÉNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) _____ (ou menor que está sob sua responsabilidade) para participar, como voluntário (a), da pesquisa: **O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**

Esta pesquisa é da responsabilidade do pesquisador Jefferson Oliveira Rodrigues, residente na Rua Nove, Nº 44, Casa B, Nossa Senhora do Ó, Ipojuca-PE, CEP: 55590-000/Telefone (81) 998757-1262/e-mail professorjeffersonrodrigues@gmail.com.

O/a Senhor/a será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele/a na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias.

Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele/a participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

A pesquisa a ser realizada com a participação de sua filha ou seu filho, partindo do título: **O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**, tem por objetivo: Constatar e refletir em torno do pensamento arendtiano as ideias neonazistas identificando aspectos dessa ideologia na

atualidade e intervindo com base em uma construção educacional e filosófica com vistas a conscientização dos estudantes.

A pesquisa será realizada com os estudantes do 1º C (2025), da Escola Aníbal Cardoso, por meio de questionário, participação na aula de Filosofia no período de 10/06/2025 a 10/07/2024, posteriormente, no terceiro bimestre de 2024, individualmente e em grupo, estudo e apresentação do tema: Educação e neonazismo a partir de Hannah Arendt, por um período de 6 aulas em sala e no modo online com link do formulário *Google* via *WhatsApp*.

Para essa pesquisa informamos que os riscos são mínimos, pois trata de um processo similar ao que ocorre no cotidiano da sala de aula, logo o risco que o participante corre é de não concluir a participação até o final da pesquisa, não responder aos questionários. Porém, o estudante é livre para participar de todo o processo ou parte dele, assim como para abandoná-la durante o processo. Esse pensamento confirma-se em Coelho e Batista (2019, p. 127), no livro “Ética, bioética e controle social da ciência”:

Diz-se sustentável todo modelo de desenvolvimento que, para além de atender os interesses imediatos da geração presente contempla, igualmente, os interesses das gerações futuras. Por essa razão, embasa-se em princípios e objetivos que delineiam uma forma prudente de desenvolvimento, na qual os riscos de todas as ações são avaliados, antes das tomadas de decisões.

Mesmo sendo baixos os riscos o pesquisador se responsabilizará pela participação e sigilo de informações, imagens, gravações, filmagens que inclui o participante, cuidando para que a única finalidade seja acadêmica. De modo que seu resultado contribua para melhoria do Ensino de Filosofia na Escola campo de estudo e comunidade científica da área de Educação.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de gravações, entrevistas, fotos, filmagens, ficarão armazenados em pastas de arquivo no computador pessoal, sob a responsabilidade de Ana Maria Alves Santos da Luz pesquisadora, residente no endereço: Rua Francisco Gorgonha, nº 498, Centro, Orocó-PE, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Assinatura do pesquisador (a)

ANEXO III

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo sobre **O CONCEITO DA BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTAUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

Ipojuca-PE, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do (da) responsável: _____

Impressão
Digital

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ANEXO IV

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, **Andrea de Jesus Silva**, matrícula 270830-2, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada **O CONCEITO DA BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLENCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**, na turma do 1º ano C da Escola Estadual Aníbal Cardoso, localizada a Praça Capitão Antônio Braz, S/Nº, Nossa Senhora do Ó, Ipojuca-PE, tendo como pesquisador responsável **Jefferson Oliveira Rodrigues**.

Ipojuca/PE, 10 de Maio. de 2025.

Andrea Vírginia
Gestora da Escola Estadual Aníbal Cardoso
Matrícula 270830-2



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÉNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Questionário estruturado pós-intervenção

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa a ser realizada com a participação de sua filha ou seu filho, partindo do título: **O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL NA CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA NEONAZISTA NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA ESTAUAL ANÍBAL CARDOSO EM IPOJUCA-PE**

Tem por objetivo: Refletir em torno do conceito de Banalidade do Mal, a partir do pensamento arendtiano, sobre as ideias neonazistas, identificando aspectos dessa ideologia na atualidade e intervindo com base em uma construção educacional e filosófica com vistas à conscientização dos estudantes.

1. Você compreendeu o que é o neonazismo?

Sim Não

2. Você conhece ou já conheceu alguém que fez ou faz parte desses grupos?

Sim Não

3. Explique com suas palavras o que é o Neonazismo?

4. Você percebeu ou já percebeu aspectos neonazistas na escola como símbolos,

imagens, frases etc?

- Constantemente
- As vezes
- Já vi, mas não vejo mais
- Nunca vi

5. Você percebe falas racistas, homofóbicas, xenofóbicas no meio escolar?

- Constantemente
- As vezes
- Já vi, mas não vejo mais
- Nunca vi

6. Caso tenha respondido Constantemente, As vezes, Já vi, mas não vejo mais. Que falas você se recorda de já ter escutado?

7. Você Compreendeu o conceito de Banalidade do Mal?

- Sim
- Não

8. Explique com suas palavras o Conceito de Banalidade do Mal?
